

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Laura Silva de Andrade

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
RESQUÍCIOS DO ÍDICHE EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Junho / 2022

Laura Silva de Andrade

RESQUÍCIOS DO ÍDICHE EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Versão final

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Aléxia Teles Duchowny

Coorientadora: Profa. Dra. Simone Gomes

Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
Junho / 2022

A553r

Andrade, Laura Silva de.

Resquícios do ídiche em Belo Horizonte, Minas Gerais
[manuscrito] / Laura Silva de Andrade. – 2022.

1 recurso online (174 f. : il., grafs., tabs.) : pdf.

Orientadora: Aléxia Teles Duchowny.

Coorientadora: Simone Fonseca Gomes Duarte Guimarães.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 105-109.

Apêndices: f. 110-174.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua iídiche – Belo Horizonte (MG) – Variação – Teses. 2. Língua iídiche – Belo Horizonte (MG) – Regionalismos – Teses. 3. Sociolinguística – Teses. 4. Judeus – Identidade – Teses. 5. Judeus – Belo Horizonte (MG) – Teses. 6. Judeus – Migrações – Teses. I. Duchowny, Aléxia Teles. II. Gomes, Simone. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 437.947



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Resquícios do ídiche em Belo Horizonte, Minas Gerais

LAURA SILVA DE ANDRADE

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 02 de agosto de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Alexia Teles Duchowny - Orientadora

UFMG

Prof(a). Simone Fonseca Gomes Duarte Guimarães - Coorientadora

UFMG

Prof(a). Marta Francisca Topel

USP

Prof(a). Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

UFMG

Belo Horizonte, 02 de agosto de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Fonseca Gomes Duarte, Professora Magistério Superior-Substituta**, em 03/08/2022, às 13:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Teles Duchowny, Professora do Magistério Superior**, em 03/08/2022, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **MARTA FRANCISCA TOPEL, Usuária Externa**, em 04/08/2022, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº](#)



[10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Antonieta Amarante de Mendonca Cohen, Professora do Magistério Superior**, em 08/08/2022, às 14:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1612072** e o código CRC **1D1073E3**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Aléxia Teles Duchowny, por ter despertado minha curiosidade pelo ídiche a partir do primeiro contato com o alfabeto semítico, pelo incentivo ao trabalho com a comunidade judaica de Belo Horizonte e pela confiança em minha pesquisa.

À professora Simone Gomes, pelo compartilhamento de sua experiência com o estudo do franco-provençal, pela disposição em buscar soluções em momentos de impasse e pela paciência e equilíbrio em meio às turbulências.

Aos professores e coordenadores do POSLIN, que tiveram que lidar com as dificuldades impostas pela pandemia e se adaptaram de maneira a manter o apoio às necessidades dos alunos.

À CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Ao Instituto Histórico Israelita, pela prontidão, assistência, interesse e apoio à divulgação de minha pesquisa.

À comunidade judaica de Belo Horizonte em geral, que me acolheu e participou em diversos níveis.

Aos entrevistados e suas famílias, por compartilharem suas histórias e seu conhecimento com disposição e bom-humor.

À minha família, presente durante todo o processo, em meio aos obstáculos, dentro e fora da pesquisa, provendo apoio e contribuindo ativamente frente a qualquer necessidade. Em especial, a minha irmã Luiza e minha mãe Eliana, com seus ouvidos e ombros sempre prontos ao meu lado.

Dedico este estudo aos falantes, semifalantes, lembradores e não falantes de ídiche, com seus diferentes níveis de interesse, mas igual riqueza de contribuição.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com a comunidade judaica de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, visando levantar e analisar os resquícios do ídiche na linguagem utilizada pelas famílias de origem ashkenazita atualmente. O estudo se faz importante e urgente, por depender de falantes vivos de um idioma classificado como em risco de extinção, com poucos conhecedores no Brasil. Ele foi conduzido através de entrevistas com aplicação de questionário sociolinguístico a descendentes de judeus ashkenazitas, independentemente de seu grau de conhecimento da língua, partindo do princípio de que o contato servisse como gatilho para conhecimentos desativados pela ausência de uso e, ao mesmo tempo, buscando a identificação do léxico retido nas gerações de não-falantes. O trabalho constrói um retrato da situação do ídiche em Belo Horizonte, constituindo registro para que a memória envolvida com o idioma não desapareça com a ausência de suas marcas nos falares futuros.

Palavras-chave: Ídiche. Iídiche. Judeo-alemão. Língua de imigração. Comunidade judaica de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Língua judaica. Língua ameaçada de extinção. Língua minoritária. Patrimônio linguístico.

ABSTRACT

This research was carried out within the Jewish community in the city of Belo Horizonte, in the state of Minas Gerais, Brazil, with the aim of gathering and analyzing data on the remnants of Yiddish in language commonly used by families of Ashkenazi ascendance. This study carries an important and urgent undertone, as it depends on living speakers of a language currently classified as endangered, with only few speakers in the country. The research was conducted through a series of interviews, followed by sociolinguistic surveys applied to descendants of Ashkenazi Jewish families, independently of their self-declared knowledge of the Yiddish language, building from the assumption that the process might trigger knowledge that had been deactivated by the lack of usage while and, at the same time, uncovering lexical items retained in non-Yiddish-speaking generations. This study sheds light into the current scenario of Yiddish language in Belo Horizonte, while threading a registry, so that the memory resonating from the Yiddish language does not disappear due to its ever growing absence in the language of future speakers.

Keywords: Yiddish. Immigration language. Jewish community in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. Jewish language. Endangered language. Minority language. Linguistic heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Origem dos entrevistados.....	66
Gráfico 2 – Conhecimento de línguas autodeclarado pelos entrevistados	67
Gráfico 3 – Estado atual do ídiche segundo entrevistados.....	69
Gráfico 4 – Importância pessoal do ídiche para entrevistados.....	70
Gráfico 5 – Importância de haver resgate da língua segundo entrevistados	71
Gráfico 6 – Associações pessoais ao ídiche	73
Gráfico 7 – Associações espontâneas fornecidas pelos entrevistados	75
Gráfico 8 – Associações espontâneas fornecidas pelos entrevistados por campo associativo	76
Gráfico 9 – Respostas a situações propostas.....	77
Gráfico 10 – Palavras traduzidas dentre a perguntadas a todos os entrevistados	79
Gráfico 11 – Palavras traduzidas dentre as perguntadas a 7 entrevistados	79
Gráfico 12 – Formas de conhecimento dos termos por idade	81
Gráfico 13 – Termos mais Reconhecidos pelos entrevistados (RE).....	83
Gráfico 14 – Termos mais Conhecidos pelos entrevistados (CO)	84
Gráfico 15 – Total de Termos Conhecidos pelos entrevistados com Forma Diferente (CFD)	85
Gráfico 16 – Total de Termos Conhecidos pelos entrevistados com Significado Literal (CSL)	86
Gráfico 17 – Total de termos mencionados espontaneamente pelos entrevistados	87
Gráfico 18 – Termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX)	89
Gráfico 19 – Proporção de termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX).....	92
Gráfico 20 – Termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX)	93
Gráfico 21 – Conhecidos pelos entrevistados com Sentido Diferente (CSD).....	95
Gráfico 22 – Formas de conhecimento dos termos por idade (idem Gráfico 12)	100
Gráfico 23 – Respostas a situações propostas (idem Gráfico 9).....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Falantes de ídiche antes da 2ª Guerra Mundial	16
Tabela 2 – Tipologia de falantes do franco-provençal ou do occitano na região do Pilat36	
Tabela 3 – Formas de Conhecimento.....	57
Tabela 4 – Formas de Conhecimento (2)	58
Tabela 5 – Formas de Conhecimento (3)	58
Tabela 6 – Resumo do perfil de cada entrevistado.....	65
Tabela 7 – Percepção dos entrevistados sobre o ídiche (em % de cada grupo)	72
Tabela 8 – Esquematização hierárquica das associações pessoais ao ídiche por grupo .	74
Tabela 9 – Lista de situações propostas	78
Tabela 10 – Formas de conhecimento 4.....	80
Tabela 11 – Termos fornecidos divididos por categoria	82
Tabela 12 – Termos Reconhecidos (RE) <i>versus</i> Termos Conhecidos pelos entrevistados (CO)	84
Tabela 13 – Total de Termos Conhecidos pelos entrevistados com Forma Diferente (CFD)	85
Tabela 14 – Termos fornecidos e ocorrências com formas diferentes.....	86
Tabela 15 – Termos Conhecidos pelos entrevistados com Significado Literal (CSL) ...	87
Tabela 16 – Termos mencionados espontaneamente	88
Tabela 17 – Termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX)	91
Tabela 18 – Termos ocorridos (a partir de 8 ocorrências) e total de fornecidos por origem	93
Tabela 19 – Termos Conhecidos pelos entrevistados com Sentido Diferente (CSD).....	96
Tabela 20 – Resumo perfil dos entrevistados (idem Tabela 4)	97
Tabela 21 – Resumo conhecimento dos entrevistados.....	98
Tabela 22 – Tipologia de falantes adotada.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ale	Língua alemã
Alem.	Alemanha
Bessar.	Bessarábia
CFD	Conhece o termo com Forma Diferente Conhece o termo com forma não idêntica (pronúncia, junção de palavras, dentre outros), porém, possível de ser reconhecida, e com o significado esperado, indicado pela bibliografia.
CO	Conhece o termo Fornece o significado esperado, indicado pela bibliografia.
CSD	Conhece o termo com Significado Diferente Fornece significado inesperado, não indicado pela bibliografia, mas verificado posteriormente como procedente.
CSL	Conhece o termo com Significado Literal Conhece e fornece o significado literal do termo, em lugar daquele esperado, indicado pela bibliografia.
CX	Conhece o termo com qualquer forma ou significado Soma das categorias CO, CFD, CSD e CSL
CUX	Conhece ou usa o termo com qualquer forma ou significado Soma das categorias CO, CFD, CSD, CSL, U, UFD, USD e USL.
ENT.	Entrevistado
Espan	Língua espanhola
Franc	Língua francesa
G	Grande
GER.	Geração nascida no Brasil
Hebr	Língua hebraica
Ídich	Língua ídiche
Itali	Língua italiana
Ladin	Língua ladina (judeu-espanhol)
M	Morrendo/morto
MD	Morrendo
ME	Média

MT	Morto
N	Não
N/S	Não sabe
NC	Desconhece e não reconhece o termo Acredita nunca tê-lo ouvido antes.
NE	Nenhuma
P	Pequena
RE	Reconhece o termo Acredita ou tem certeza de já ter ouvido antes. Muitas vezes tem a sensação de “estar na ponta da língua”, tentando se lembrar do significado.
S	Sim
Turq.	Turquia
U	Usa o termo Fornece o significado esperado, indicado pela bibliografia, e diz usá-lo no dia-a-dia.
Ucr.	Ucrânia
UFD	Usa o termo com Forma Diferente Conhece o termo com forma não idêntica (pronúncia, junção de palavras, dentre outros), porém, possível de ser reconhecida, com o significado esperado, indicado pela bibliografia, e diz usá-lo no dia-a-dia.
USD	Usa o termo com Significado Diferente Fornece significado inesperado, não indicado pela bibliografia, mas verificado posteriormente como procedente, e diz usar o termo no dia-a-dia.
USL	Usa o termo com Significado Literal Conhece e fornece o significado literal do termo, em lugar daquele esperado, indicado pela bibliografia, e diz usá-lo no dia-a-dia.
V	Vivo
VR	Vivo com restrições

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA.....	15
1.1. O ÍDICHE E OS ASHKENAZITAS	17
1.2. O ÍDICHE E OS ASHKENAZITAS NO BRASIL	23
1.3. O ÍDICHE E OS ASHKENAZITAS EM BELO HORIZONTE.....	26
2. REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ..	31
2.1. PESQUISA E VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	31
2.2. LÍNGUAS MINORITÁRIAS E AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO	33
2.3. CONTATO LINGUÍSTICO	39
2.4. LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO E DE HERANÇA	41
3. METODOLOGIA.....	44
3.1. ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	46
3.1.1. Questionário Sociolinguístico.....	46
3.1.2. Questionário Semântico-lexical.....	55
3.2. CONDUTA DO ENTREVISTADOR.....	60
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	62
4.1. PERFIL DOS ENTREVISTADOS	62
4.2. RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM O ÍDICHE	68
4.3. CONHECIMENTO DE ÍDICHE PELOS ENTREVISTADOS	77
4.4. CATEGORIAS DOS TERMOS CONHECIDOS E RECONHECIDOS.....	82
4.5. IDADE <i>VERSUS</i> CATEGORIAS DOS TERMOS	88
4.6. ORIGEM DOS TERMOS	92
4.7. INFLUÊNCIA DA REALIDADE SOCIAL	94
4.8. CONHECEDORES E RECONHECEDORES.....	96
4.9. CLASSIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	99
5. CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICES.....	110

INTRODUÇÃO

O presente trabalho produz um levantamento da situação atual do ídiche nas comunidades judaicas em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil, listando expressões que são utilizadas pelas gerações mais antigas e transmitidas às mais jovens. Segundo o conceito de Tarallo para “língua falada”, como “veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social (...) com os demais membros de nossas famílias (...) entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados” (TARALLO, 1986, p. 19) o ídiche estaria em Belo Horizonte extinto como língua falada, ou vernáculo.

Elemento importante para a manutenção da identidade judaica ashkenazita (grupo étnico-cultural a ser explicado posteriormente), o ídiche vem, aos poucos, se tornando mais distante dos integrantes, o que constitui grande perda, tanto para o aspecto afetivo referente à comunidade de falantes e seus descendentes, quanto para a manutenção de um idioma e sua história, com toda a riqueza que isso implica. Ele deve, portanto, ser registrado em suas especificidades, de maneira a se estabelecer um retrato de sua situação atual, numa sucessão de gerações em processo cada vez mais acelerado de assimilação em direção ao único idioma padrão do país, em detrimento do que resta do ídiche. Por isso foi proposto um registro da cultura e resgate da memória associada à língua, visando garantir seu merecido espaço na história judaica.

Apesar de ter sido, como sistema, eliminado dos lares judeus de origem ashkenazita em Belo Horizonte, o ídiche deixou palavras e expressões que foram incorporadas ao cotidiano das famílias. Os termos possivelmente em uso atual foram compilados a partir de pesquisas em materiais diversos sobre o ídiche no cotidiano de falantes de outras línguas, dentre os quais as únicas publicações formais foram sobre expressões utilizadas em países de língua inglesa. A partir deste levantamento, procurou-se lançar luz aos motivos para que estes, especificamente, sejam os termos sobreviventes.

Uma das hipóteses levantadas é a de que os termos em uso e transmitidos às gerações naturais do Brasil seriam classificados, em sua maioria, como interjeições, tendo sobrevivido graças a seu caráter de alta expressividade e espontaneidade. Além destes, os elementos relacionados à função emotivo-representativa, esperava-se identificar expressões que descrevam coisas ou situações para as quais não haja correspondência em português do Brasil.

Partindo do modelo estabelecido por William Labov em que relaciona língua e sociedade e busca identificar de maneira sistematizada a variação existente na língua falada, o

objetivo do presente estudo é verificar quanto do conhecimento oral remanescente do ídiche é transmitido através das gerações. Além disso, pretende-se registrar as diferenças geracionais que afetam sua transmissão e buscar novos recortes com diferentes variáveis identificadas, classificar os termos sobreviventes e teorizar sobre as razões para a sobrevivência de uns em detrimento de outros, e analisar possíveis transformações sofridas em relação ao ídiche padrão normatizado, devido ao contato com o português brasileiro e a realidade do país.

Adicionalmente, espera-se fomentar discussões a respeito do ídiche entre os membros da comunidade judaica e, até mesmo, entre não-membros, a partir do despertar da memória e do interesse por outros aspectos culturais de origem ashkenazita. No entanto, o previsto estímulo a encontros temáticos intrageracionais e intergeracionais, propiciando trocas enriquecedoras, ficou prejudicado pela atual pandemia de COVID. Finalmente, o estudo constitui um passo em busca de identificar o papel da cultura ídiche na comunidade e valorizá-la, de forma a estimular a transmissão do conhecimento cultural e das memórias entre as gerações.

Neste estudo, foram analisados estudos relacionados a línguas em processo de extinção, línguas minoritárias, línguas de imigração e contato linguístico. Em seguida, foi elaborado plano de trabalho, que envolveu entrevistas com sujeitos de idades e origens diversas, de ascendência ashkenazita, em Belo Horizonte, durante os anos de 2020 a 2022. Os encontros buscaram registrar as histórias pessoais dos entrevistados e seu conhecimento e uso do ídiche. Quando autorizado, as entrevistas foram gravadas e transcritas. Em seguida, os dados foram compilados, sistematizados e analisados, constituindo o resultado desta pesquisa.

O primeiro capítulo se dedica a uma breve contextualização e um panorama do ídiche no mundo e no Brasil atualmente. Ele se subdivide em três partes: história da língua, com sua origem e transformações, classificação, busca pela normatização, algumas especificidades e carga cultural que ela agrega entre os falantes; a presença judaica no Brasil e a inserção do ídiche no país; a constituição da comunidade judaica em Belo Horizonte. O capítulo dois trata do referencial teórico no qual se embasa a pesquisa, com ênfase em línguas minoritárias e de imigração e no contato linguístico. Em seguida, no capítulo três, são descritas as decisões metodológicas. O capítulo quatro envolve a sistematização e análise dos dados obtidos com as entrevistas. Nele, são descritos os perfis dos entrevistados e traçados cruzamentos diversos para identificação das especificidades do ídiche em Belo Horizonte. Finalmente, tem-se as conclusões obtidas na pesquisa em contraste com as hipóteses iniciais.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA

O ídiche, idioma germânico relativo aos judeus ashkenazitas¹ e falado pelos judeus na Alemanha e Europa Oriental, vem perdendo falantes e constitui, segundo o portal *Ethnologue* (www.ethnologue.com), língua em risco de extinção. Ele foi trazido para o Brasil, principalmente, com as correntes migratórias que fugiam da perseguição nazista, à época da Segunda Guerra Mundial e sempre esteve restrito ao uso em contextos familiares. Para as demais situações, foi preferida a língua oficial do território brasileiro, o português.

Esta “escolha” pelo abandono da língua vernacular, necessária para plena integração dos imigrantes à sociedade brasileira, resultou no seu desaparecimento como sistema na comunidade judaica belo-horizontina. No entanto, assim como aconteceu nos Estados Unidos, palavras e expressões do ídiche ainda permeiam os falares dos judeus de origem ashkenazita, sendo utilizadas e transmitidas espontaneamente. Estes elementos constituem parte importante da cultura judaica, uma vez que carregam nuances expressivas e colore o falar dos integrantes da comunidade, além de estarem fortemente associados à memória que carregam de sua história.

Ao início da Segunda Guerra Mundial, Jacobs (2005) estima que o idioma contasse com cerca de 11 a 13 milhões de falantes, constituindo a terceira língua germânica mais falada no mundo – entre falantes como língua materna e como segunda língua. Este número teria sido reduzido a em torno de 3 milhões em 1993 (SALLES, 1993) e a 1.546.690 em 2017 (BERHARD, SIMONS, e FENNIG, 2022). Um terço das vítimas do nazismo eram, segundo Haim Weizmann, falantes de ídiche, tendo ele se referido ao idioma como a “língua de mártires” (GUINSBURG, 1966). Dentre 6 milhões de judeus eliminados pelo nazismo, Jacobs (2005) estima que 5 milhões eram falantes de ídiche.

Segundo levantamento do YIVO (Yidisher Visnshaftlekher Institut), a principal instituição responsável pelo fomento à pesquisa, ensino e registro do ídiche ocidental, antes da 2ª Guerra Mundial, os falantes de ídiche correspondiam às seguintes quantidades por localização:

¹ Optamos, neste trabalho, pelo termo “ashkenazita”, ainda que sejam encontradas diferentes grafias – ashkenaze, ashkenazi, ashkenazim – para o grupo e cultura dos falantes originais do ídiche, como utilizado pela Confederação Israelita do Brasil. Da mesma forma, o idioma “ídiche” pode ser grafado de diferentes maneiras – yidish, iídiche, yidiche. Aqui foi escolhida aquela que pareceu mais condizente com o sistema gráfico do português brasileiro.

Tabela 1 – Falantes de ídiche antes da 2ª Guerra Mundial

Europa Oriental e Central	6.767.000
América do Norte	2.987.000
Europa Ocidental	317.000
Palestina	285.000
América do Sul e Central	255.000
África	56.000
Ásia (excluindo Palestina)	14.000
Austrália	9.000
TOTAL	10.690.000

Fonte: YIVO, 2014, p. 2.

Mesmo após a Shoá², o ídiche ainda permaneceu como a língua mais falada dentre os judeus, tendo seu uso diminuído devido à assimilação dos imigrantes às respectivas culturas dos países onde residiam. O YIVO cita como grandes responsáveis pela aceleração desse processo a assimilação forçada na União Soviética e sua supressão em Israel, onde o hebraico foi adotado como língua oficial (2014).

Segundo o portal Ethnologue (www.ethnologue.com), o ídiche está em risco de extinção, sendo que a vertente ocidental, com menos de 10 mil falantes – dentre falantes como língua materna e segunda língua – está em situação mais grave, com nível de vitalidade pequeno e sendo classificada como ameaçada – o que significa que, em geral, crianças não a aprendem. A vertente oriental tem população classificada como em nível médio de vitalidade – entre 10 mil e 1 milhão de falantes como língua materna e segunda língua combinados. Ela tem, segundo o portal, uso institucional, sendo mantida através de instituições específicas, como o YIVO.

A maioria dos falantes de ídiche no século XXI são judeus ortodoxos – entre 500 mil e 1 milhão, a maior parte nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Israel.

Uma busca sobre estudos relacionados ao ídiche no Brasil resulta em diversas produções com enfoque na literatura e arte, mas nenhum dedicado à linguística. Nos Estados Unidos, país que concentra a maior parte dos falantes atuais de ídiche – a maior parte em Nova York, a produção é mais prolífica. No entanto, ela está principalmente restrita a artigos em produções

² Neste estudo, foi adotado o termo “Shoá”, em detrimento do usual “holocausto”, uma vez que o último se origina na designação de uma prática de sacrifício realizada pelos antigos hebreus, na qual a vítima era totalmente queimada em oferenda religiosa, e vem caindo em desuso.

não-científicas, uma vez que o idioma está bastante ligado ao cotidiano da cidade, destacadamente nas comunidades hassídicas, grandes incentivadoras de seu uso (BASU, 2014). Algumas publicações chegam, até mesmo, a citar uma tendência ao aumento no número de falantes na cidade americana durante os últimos anos (YOUNG, 2014). Em livro publicado em 2005, Jacobs observou que na comunidade hassídica do Brooklin as mulheres falavam inglês entre elas e ídiche com as crianças ou com homens. O *code-switching* entre as línguas era frequente e, em nível lexical, nem sempre possível de delimitar.

Em algumas comunidades, a influência do ídiche no idioma local recebe atenção especial. Rosten (2001) utiliza uma diferenciação própria: as palavras do ídiche incorporadas ao inglês dos Estados Unidos e Reino Unido recebem a denominação de *Yinglish*, enquanto aquelas presentes somente no inglês americano são referidas como *Ameridish*. Em cartilha elaborada pelo YIVO (2014), o caso do ídiche falado nos Estados Unidos não é definido como dialeto, e sim como convergência de dialetos diversos de origens variadas, com incorporação de elementos, além do inglês, do hebraico e do aramaico, devido ao fato de seus falantes remanescentes serem intensamente ligados à religião.

Não foram encontrados dados atuais sobre o número de falantes de ídiche como língua materna nos Estados Unidos. Em 1966, Guinsburg citava que em censo recente à época 3,5 milhões de americanos consideravam o ídiche sua língua materna, enquanto no que era a União Soviética constavam meio milhão de falantes “nativos”.

1.1. O ÍDICHE E OS ASHKENAZITAS

O ídiche é o idioma germânico próprio aos judeus ashkenazitas, com atestações desde o século IX no Noroeste e centro da Europa (APTROOT e GRUSCHKA, 2010). Cytrynowicz e Migdal (2007, p. 7) resumem a língua como “oriunda do vale do rio Reno, sedimentada por migrações à Europa do leste e normatizada por intelectuais judeus na década de vinte do século passado”, esclarecendo que ela surgiu como idioma de comunicação, tendo, mais tarde, florescido sua literatura e arte própria. Guinsburg (1966) atribui a adoção dos caracteres aramaicos/hebraicos ao fato de que os utilizados no alemão eram considerados “caracteres impuros”.

O ídiche constitui língua de definição polêmica, sendo mesmo classificado, por alguns autores, como apenas um dialeto do alto-alemão, devido à semelhança entre suas regras básicas de funcionamento e sistema fonológico. A postura de Guinsburg (1966, p. 6-7), por exemplo, se mostra demasiadamente redutiva, quando ele resume que o ídiche, “na sua gênese é o alemão

com muitos hebraísmos”, ou que ele seria “o tesouro vocabular germânico (em escrita hebraica) somado ao rico léxico hebraico”. Desde então, muito mudou, sendo a classificação como língua a mais utilizada cientificamente hoje.

Ao longo da história, podem ser identificados três períodos com diferentes abordagens em relação à origem do ídiche. A primeira, chamada por Jacobs como “essencialista” ou “alinguística” via a língua como “hebraico corrompido” ou “alemão corrompido”, partindo do pressuposto de que haveria uma forma “natural” para cada língua. A partir do século XIX surgiram duas outras correntes, a “divergente” e a “convergente”. Enquanto a primeira via o ídiche como descendente do alemão, propondo que os falantes de ídiche antes haviam falado alemão “puro”, a segunda postulava que o ídiche nunca teve fase idêntica ao alemão (JACOBS, 2005).

O idioma, de origem germânica ocidental, possui, notadamente, substrato de origem alemã, mas pode ser classificado, segundo Weinreich (*apud* JACOBS, 2005, p. 17), como “língua de fusão” (*shmeltsshprakh*), uma vez que foi formado a partir da convergência de outras línguas. Para ele, as partes de cada sistema linguístico deveriam ser analisadas de acordo com sua função naquele sistema, invalidando a visão de que os elementos de outras línguas incorporados ao ídiche seriam simples adições a um sistema já estabelecido. O autor demonstra que o sistema linguístico do ídiche apresenta características próprias e distintas de qualquer etapa ou dialeto do alemão.

Além de ter constituído grande parte do seu léxico de uso litúrgico e literário a partir do hebraico, língua da qual tomou emprestados seus caracteres da escrita, o ídiche incorporou também palavras de origem eslava (principalmente dialetos poloneses, bielorrussos e ucranianos) – respectivamente, 5% e 10% do total de lexemas (SALLES, 1993). Segundo Guinsburg (1966) há, ainda, palavras incorporadas de vocábulos franco-românicos, como *davenen* (orar), *bentschen* (abençoar) e *voglen* (vagar), que não possuem correspondentes semelhantes no alemão.

Até 586 A.E.C. o hebraico era a única língua falada pelos judeus. Com o exílio babilônico, a língua foi dando lugar ao judeu-aramaico, desaparecendo como vernáculo na Palestina entre os anos 200 A.E.C e 300 D.E.C e sendo mantida apenas na liturgia. O bilinguismo continuou fazendo parte da vida judaica, com o surgimento de novas línguas, como o judeu-grego (século IV A.E.C), judeu-latim (século I A.E.C) e o ídiche (JACOBS, 2005).

Entre os anos 1000 e 1250, a língua conhecida como Proto-ídiche não se diferenciava significativamente do médio-alemão. Após esse período, ela manifestou suas influências de

maneira a constituir o jargão da *Judengasse* (rua dos judeus) (GUINSBURG, 1996). Documentos que datam de 1250 a 1500, período conhecido como Ídiche Primitivo, ou Velho-Ídiche, já atestam diferenças entre as duas línguas que persistem até hoje, como a ausência de vogal final em algumas palavras em ídiche, em comparação com suas correspondentes em alemão – *blum-blume* (flor), *toib-taube* (pomba), *freyd-freude* (alegria), por exemplo. Observa-se, também, que já havia se iniciado no ídiche a incorporação de terminações de flexão germânicas em verbos de origem hebraica, como a terminação verbal *-n/-en* em *schechtn*, *meken* e *ganvenen*³ – uma característica que evidencia a fusão entre as línguas. Outras evidências seriam termos compostos com palavras alemãs e hebraicas combinadas. No entanto, não é possível estabelecer com maior exatidão o período em que o ídiche se desvinculou do alemão e se constituiu como língua distinta, o *idisch-taitsch* (judeo-alemão), ou *vaiberisch-taitsch* (alemão das mulheres – referência ao fato de que, enquanto os homens aprendiam as línguas locais para trabalhar fora da comunidade judaica, as mulheres restringiam sua comunicação ao ídiche, em meio a seus pares) (GUINSBURG, 1966).⁴

A expansão do ídiche para o Leste – Polônia, Lituânia, Ucrânia – foi resultado das imigrações de judeus, principalmente expulsos, desde a época das Cruzadas até a Guerra dos 30 anos (1618-1648). A influência das línguas eslavas permite o surgimento de novos sufixos – Guinsburg (1966, p. 8, em consulta a STUTSCHKOV, 1950) cita o exemplo de *schlim* (adjetivo alemão), *mazal* (substantivo hebraico) e *nik* (sufixo eslavo), que formam a palavra *schlimmazlnik*, (azarado). Este contato também permitiu o enriquecimento do vocabulário, ocupando as palavras de origem eslava, em 1966, 25% do léxico na enciclopédia Tesouro Vocabular da Língua Ídiche, de Stutschkov.

No período classificado como Médio-ídiche (1500-1750) se deu a divisão do ídiche em dois ramos. Enquanto o do Oeste – Alemanha, Alsácia, Suíça – manteve mais características

³ Guinsburg (1966) não menciona o significado destes verbos, apenas que constam no Ídiche Primitivo e são exemplos de verbos de origem hebraica com terminação verbal germânica. Através da pesquisa que realizamos, não foi possível identificar seus significados, uma vez que eles sofreram modificações desde então.

⁴ Kafka afirma, em seu “Discurso sobre o Ídiche”, que a língua, a qual chamava “jargão”, “descende (...) do tempo em que o médio-alemão se transformava em alto-alemão moderno”. O literata cita três opções de como esse processo teria se dado:

Essa transformação originou formas opcionais, o médio-alto alemão tomou uma delas, o jargão a outra. Ou então o jargão desenvolveu formas do médio alto-alemão de maneira mais lógica do que o próprio alto-alemão moderno. (...) Ou ainda, o jargão teria permanecido fiel às formas do médio alto-alemão, apesar do alto-alemão moderno. (KAFKA, 1913 in SCHWEIDSON, 2009, p. 44)

As declarações de Kafka não puderam ser embasadas por outra literatura, pois não foi encontrada tal informação. Podem, porém, ser representativas do que se acreditava à época entre os judeus ashkenazitas leigos, e são inseridas aqui apenas como curiosidade.

das formas iniciais, o do Leste sofreu maiores modificações devido a influências eslavas, dando origem ao Ídiche Moderno, a partir de 1750 (GUINSBURG, 1996).

O estabelecimento do estado laico na França, no fim do século XVIII, garantiu direitos civis aos judeus franceses, mas eles permaneciam confinados aos guetos. Outras nações seguiram o exemplo no século XIX, mas na Alemanha, que só foi unificada em 1871, as decisões quanto aos direitos dos judeus ficavam a cargo dos poderes locais, alguns dos quais chegavam a retirar poderes antes adquiridos. Em geral, os judeus viviam confinados nos guetos, onde falavam somente o ídiche. Em meio a essa situação conflituosa, é construída a Haskalá, também conhecida como Iluminismo Judeu, um movimento em busca das maneiras através das quais os judeus poderiam conviver em sociedade com outras identidades, discutindo mudanças no judaísmo. A Haskalá possuía, assim como o Iluminismo, as características de busca da investigação e do conhecimento através da racionalidade, a defesa dos direitos naturais, a crítica aos privilégios dos poderosos e a defesa da liberdade política e econômica, e deu origem a um movimento de judeus por uma reforma em territórios alemães no século XIX, propondo mudanças em busca de uma atualização da religião, em conformidade com a modernidade e visando integrar o judeu à sociedade. O movimento defendia que as preces deveriam ser entoadas no idioma local e muitas aproximações aos costumes dos cristãos alemães fossem incorporadas às práticas judaicas, com semelhanças às músicas da igreja e até mesmo a transferência do Shabat (do pôr-do-sol de sexta-feira ao de sábado, dia sagrado no judaísmo) para o domingo. Em resposta à modernização da religião, surgiram o movimento ortodoxo e o hassidismo, que mantêm, até hoje, costumes mais tradicionais.

O combate ao ídiche teve, entretanto, resistência de alguns membros na fase populista da Haskalá na Rússia. O idioma tinha como vantagem seu entendimento coletivo, sendo utilizado no Leste por razões propagandísticas e ideológico-políticas. Deu-se início, então, a uma prolífica produção artística e literária em ídiche.

Até meados do século XIX o ídiche ainda era visto como “jargão”, restrito à modalidade falada e sem regras normatizadas para a escrita, e permanecia muito aberto a influências locais. De fato, no século XVIII já eram identificados três grupos dialetais dentro do ramo oriental: o do Norte (Bielorrússia, Lituânia e Letônia), o do Centro (Polônia e Galícia Ocidental) e o do Sul (Galícia Oriental, Ucrânia e Romênia).⁵ A Haskalá foi essencial para o início de tentativas de normatização linguística. Em 1908, aconteceu a Conferência de Tshernovits, na cidade de

⁵ Esta subdivisão em grupos dialetais é generalizada e aproximada, com áreas de transição e delimitações que, muitas vezes, não correspondem exatamente aos limites geográficos atuais.

mesmo nome – à época a capital da província austríaca de Bukowina, e hoje Chernivtsi, na Ucrânia –, a primeira conferência internacional em defesa do ídiche. Um dos organizadores do evento, Dr. Khayim Zhitlovski, atribuía ao ídiche “as qualidades carentes ao judeu como povo sem continuidade, sem território. O ídiche é o território espiritual do povo judeu” (GUINSBURG, 1966, p. 9).

Na transição do século XIX para o XX havia, na Europa e em suas colônias, grande onda antissemita, com o embasamento em estudos pseudocientíficos sobre superioridade racial. Em meio a essa atmosfera, foram realizados no Leste europeu os chamados *pogroms*, revoltas populares envolvendo assassinatos, estupros e roubos de propriedades dos judeus. Como consequência, cerca de 2 milhões de pessoas emigraram da Rússia nos anos 1880, a maioria em direção aos Estados Unidos e à Palestina. Com movimentos emigratórios vindos de toda a Europa desde a segunda metade do século XIX, foram constituídos importantes centros onde o ídiche foi usado, como os Estados Unidos, Canadá, Argentina, África do Sul e Austrália (GUINSBURG, 1966). É importante ressaltar que estas migrações também não estiveram, em alguns momentos, livres de discriminação: o “sistema de cotas” dos Estados Unidos impediu imigrantes do Sul e Leste da Europa; o Canadá recebia quase exclusivamente força de trabalho para o setor agrícola; a Argentina, temendo os revolucionários comunistas logo antes da Segunda Guerra Mundial, não recebia imigrantes da Rússia.

Nos países que receberam estas ondas migratórias, o ídiche continuou a ser utilizado pelos imigrantes, que aprendiam o inglês ou espanhol como segunda ou até terceira língua (atrás também das línguas oficiais dos países de onde emigraram). Os idiomas locais contribuíram para tornar o ídiche enriquecido e próprio de cada localidade. A forte imprensa e instituições ligadas à vida judaica levaram a uma revitalização do idioma como símbolo da identidade judaica.

Em seu “Discurso sobre o Ídiche”, escrito em 1912, Franz Kafka (1913 in SCHWEIDSON, 2009) se opunha ao preconceito enfrentado pelo ídiche por grande parte da própria comunidade judaica no Império Austro-Húngaro, que preferia se integrar ao resto da sociedade e temia sofrer discriminação e violência. Grande admirador do teatro ídiche itinerante em Praga, Kafka argumentava que os judeus não poderiam se desvincular da língua, que estava entranhada na sua cultura, e que a segurança associada a este desligamento era apenas aparente – previsão funesta que se tornou realidade posteriormente. O autor admite que entende a angústia e repugnância ao ídiche, uma vez que os europeus ocidentais viviam “numa harmonia decididamente alegre” que acreditavam não dever ser perturbada. Num discurso poético e

emotivo, Kafka descreve o ídiche de maneira romantizada, afirmando que não possuía gramática porque “o povo não o deixa aos gramáticos”, que as palavras “não descansam nele, mas se mantêm vivazes e irrequietas, do jeito que eram quando foram capturadas (das línguas estrangeiras)” (KAFKA, 1913, p. 41).

Para Kafka, os falantes de alemão apresentariam vantagem sobre os das demais línguas porque podem entender o “jargão”, mas, em compensação, o “jargão” não pode ser traduzido para o alemão, pois “as relações entre o jargão e o alemão são demasiado delicadas e significativas para que não se rompam, se o jargão for trazido de volta para o alemão”. Deve-se salientar que Kafka não era um estudioso do assunto e apresentava somente suas percepções pessoais sobre o idioma. Porém, este é tido como um depoimento, um relato pessoal de sujeitos que vivenciaram parte da história do desenvolvimento do idioma, nos trazendo uma perspectiva interpretativa da relação do ídiche com o alemão.

Em 1925 foi fundado em Berlim e em Vilna, na Lituânia (na época pertencente à Polônia, e popularmente conhecida como a “Jerusalém lituana”), o YIVO (Yidisher Visnshaftlekher Institut), instituto criado para educação e fomento à cultura ídiche e judaica do Leste europeu. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1940, a sede da instituição foi transferida para Nova York. Em 1936, em busca de uma padronização que facilitasse a transmissão da língua, o YIVO sugeriu que fosse adotado como oficial o dialeto setentrional, publicando no ano seguinte sua ortografia unificada. Sua biblioteca abriga, atualmente, o maior repertório sobre civilização judaica do Leste europeu do mundo. O YIVO é responsável pela padronização mais aceita academicamente na transliteração de caracteres semíticos e oferece cursos de língua, literatura e cultura ídiche, tendo três instituições parceiras independentes – em Chicago, Buenos Aires e Londres.

Guinsburg questiona se não teriam essas tentativas de normatização do ídiche reduzido suas potencialidades “em conceitos historicistas, ancorados num passado-princípio, quando a natureza e a dinâmica do ídiche o situariam preponderantemente no universo dos processamentos linguísticos da aldeia global em devir” (GUINSBURG, 1966, p. 36). De fato, em nome de uma normatização que garanta sua transmissão e entendimento mútuo, nuances da língua são perdidas. No entanto, as instituições defensoras da unificação da diversidade em uma só variedade em busca de uma união cultural, fortalecimento e sobrevivência da língua, com destaque o YIVO, passaram a publicar e difundir o ídiche normatizado (FISHMAN, 2010b).

A esta época tomou forma o Sionismo, movimento nacionalista laico de retorno à terra bíblica, proposto por Theodor Herzl. Este acontecimento contribuiu para o abandono do ídiche, em detrimento do hebraico, adotado oficialmente em Israel.

Na Europa, no entanto, apesar de ser comumente associado aos humildes e iletrados da sociedade judaica ashkenazita – principalmente as mulheres –, o ídiche era utilizado por todos os judeus no gueto, até mesmo os homens comuns ou rabinos, em qualquer situação que não envolvesse liturgia ou escritos filosóficos, éticos e poéticos. Segundo Guinsburg, o judeu ashkenazita

falava-o [ídiche] dentro de casa e fora, na tenda do artífice ou do comerciante, nos encontros e nas relações sociais de todos os níveis, nas antecâmaras rabínicas, nas cortes de julgamentos, nas sinagogas e nas casas de estudo, nos *heiders* (escolas primárias) e nas *ieschives* (seminários rabínicos), quer dizer, não só na rua como nos próprios focos de conservação e criação do judaísmo daquelas épocas. Isto significa que todo o processo de vida espiritual e material foi perpassado e entretecido no ídiche. Ele permeava o sistema todo pelo qual o menino no *heider* era alfabetizado e introduzido na Torá. (GUINSBURG, 1996, p. 33)

O ídiche não era apenas falado, como também escrito e lido por todos, em caracteres hebraicos. Encontram-se documentos datados dos primórdios da língua de todos os tipos de textos, constituindo literatura antes que houvesse reconhecimento dela como idioma. Enquanto o aramaico era usado como língua da erudição e o hebraico como língua da religião, o ídiche mediava a articulação entre as duas e atendia ao cotidiano do judeu. Ainda assim, sempre esteve associado a status mais baixo do que os demais idiomas dominados pelas comunidades locais. Segundo Rosten, puristas o consideravam língua de “(...) origens ‘bastardas’, (...) expressões ‘vulgares’ e vocabulário ‘híbrido’” (aspas no original) (2001, p. xviii, tradução nossa). Os demais idiomas eram – e ainda são – utilizados em detrimento do ídiche, restrito aos falares familiares e informais.

1.2. O ÍDICHE E OS ASHKENAZITAS NO BRASIL

Os judeus chamados cristãos-novos chegaram ao Brasil no século XVI, época em que enfrentavam restrições em países que não permitiam liberdade religiosa. No século XVII foi estabelecida a ocupação holandesa no nordeste do Brasil, e, com ela, surgiu uma comunidade judaica significativa. Os primeiros edifícios construídos especificamente para o uso pelo culto judaico e a presença dos primeiros rabinos de que se tem evidência no Brasil foram em Pernambuco, neste período, com a constituição de duas comunidades, em Recife e Maurícia (FALBEL, 2008, p. 286). Em 1648 a congregação foi unificada através da assinatura de 172 integrantes. À época já havia, também, uma escola e um cemitério judaicos. Na década de 1820,

o ciclo da borracha atraiu judeus que formaram nova comunidade em Belém do Pará. A partir dessa época, diversas comunidades se instalaram em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, dentre outros estados (CONIB, s/d).

A escolha do Brasil como país para emigrar seguiu, nos fins do século XIX, lógica relativa às demandas frente à abolição da escravatura. O governo passou a incentivar a imigração, enquanto na Europa havia abundância de mão-de-obra desempregada. Até o fim da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos constituíam destino preferencial, mas a situação mudou com cotas impostas pelo governo. O Brasil oferecia, ainda, liberdade religiosa irrestrita. Os primeiros imigrantes foram, aos poucos, trazendo familiares e convidando conhecidos. As ocupações preferidas, ou melhor, possíveis de serem desempenhadas pelos recém chegados, envolviam posições como mascates, alfaiates, comerciantes, operários. O *mameloshn* – literalmente “língua da mãe” – teria papel na comunicação entre membros do grupo, “mas também como expressão de sua individualidade coletiva e de uma ativa promoção desta” (GUINSBURG, 2009, p. 228). No entanto, durante o Governo Vargas, em 1938 foi realizada reforma que banuiu o ensino e a publicação em línguas estrangeiras. As organizações judaicas tiveram, então, que eleger diretorias com brasileiros natos.

A aceleração da presença do ídiche no Brasil aconteceu, principalmente, com as correntes migratórias que deixaram a Europa durante e após a Primeira Guerra Mundial. Mas havia, também, os imigrantes que já residiam nas Américas e realizaram nova migração. Dentre os judeus que chegaram à Argentina entre 1907 e 1914, 19,35% deixaram o país (SUNFELD, 1995). Em 1940 o número de judeus no Brasil chegava a 50.000 – nem todos de origem ashkenazita (APTROOT e GRUSCHKA, 2010) –, sendo que cerca de 17.500 chegaram entre 1933 e 1939 (CONIB, s/d). O ídiche sempre esteve restrito ao uso em contextos familiares e de comunicação dentro da comunidade. Enquanto o homem judeu ashkenazita padrão do século XIX dominava pelo menos três idiomas – o oficial do lugar onde ele habitava, mais o hebraico (uso litúrgico) e o ídiche (uso doméstico) –, as mulheres ficavam restritas ao trabalho doméstico, razão pela qual a elas não era transmitido o hebraico (ROSTEN, 2001).

O primeiro jornal judaico em ídiche publicado no Brasil foi o *Di Menscheit*, em 1915, em Porto Alegre, dando início a uma era de prolífica atividade cultural e imprensa judaica no país (CONIB, s/d). Apesar das diferentes origens dos judeus na cidade, a maioria da população tinha em comum o domínio do ídiche. Raizman (*apud* Falbel, 2008, p. 41) indica como causa para a publicação de um jornal na língua o “interesse dos imigrantes sobre o que se passava com seus irmãos e parentes durante aqueles anos de guerra que assolava o continente europeu,

e dos países de onde emigraram”. Além de periódicos, deu-se início à publicação de jornais literários, boletins, informativos de sociedades israelitas, dentre outros veículos.

À época, o ídiche já vinha se perdendo entre as famílias judaicas brasileiras, principalmente entre as gerações nascidas no país. Em depoimento colhido para publicação de 1995 sobre a história da família Zveibil, Fanny Zveibil, nascida em 1921, conta que os primos da família, que contavam 27 e moravam em São Paulo, se reuniam na casa da tia Clara (casada com Isidoro Goldstein, de quem adotou o sobrenome), onde cantavam músicas brasileiras. “Só a Fani Raquel [nascida Zular, casada com Salvador Matheus, irmão de Clara] sabia cantar em ídiche” (SUNFELD, 1995, p. 171), relata. Na mesma publicação, fica evidente como a religião, a língua e a cultura ídiche estavam interligadas, constituindo uma identidade única no Brasil. A Paulo Benjamin Zveibil, nascido em 1921, é atribuída a rejeição à pretendente Luiza Nunes, porque ela não era “ídiche”. Perguntado sobre o que ela poderia fazer a esse respeito, respondeu “Não adianta você fazer nada, tem que ser, ou é ou não é, acabou” (SUNFELD, 1995, p. 219). O último sobrevivente, em 1995, dos imigrantes da família que vieram para o Brasil, David Zveibel – parte deles teve a vogal do sobrenome alterada –, reforçava sua identidade: “estou com 94 anos, perdi muito na vida, mas o meu nome, Duved (...) Zveibel, graças ao bom Deus, eu o conservei. Nome é nome: *mine tate und mame hob mir guilost a nomen*⁶: Zveibil, e Zveibil vamos morrer” (SUNFELD, 1995, p. 27).

Ao mesmo tempo, o modo de vida judaico foi sendo abandonado pela primeira geração nascida no Brasil, totalmente adaptada à realidade brasileira na qual viviam. Mais tarde, o interesse pela religião e cultura judaica foi despertado pelas gerações que a seguiram. Como exemplo, lê-se na publicação sobre a família Zveibil que os netos e bisnetos dos imigrantes “resgatam a tradição e os costumes judaicos, frequentando escolas judaicas, participando de movimentos juvenis sionistas e mantendo as principais celebrações religiosas” (SUNFELD, 1995, p. 257).

Falbel (2008) descreve projeto iniciado no fim da década de 1940 para a elaboração de um memorial da coletividade judaica brasileira, denominado “Léxico dos ativistas sociais e culturais da coletividade israelita no Brasil”, baseado noutro empreendido em Buenos Aires. A publicação deveria ter 1.500 páginas, com cerca de 500 biografias e histórico das comunidades, e no primeiro ano foram compiladas 280 biografias e dados sobre cerca de 40 comunidades. O levantamento seria realizado através da aplicação de um questionário, que poderia ser preenchido pelo próprio ativista ou por entrevistador, e incluía 15 quesitos com informações

⁶ “meu pai e minha mãe me deram um nome” (tradução nossa)

como a origem, filiação, data de nascimento, data de chegada ao Brasil e um histórico sobre sua atividade comunitária. A publicação, que chegou a ser efetivada nas versões Paraná-Curitiba, Rio Grande do Sul-Porto Alegre, Pernambuco-Recife e Minas Gerais-Belo Horizonte, se daria em ídiche e português, esclarecendo a editora, em impresso explicativo, que isso se daria por ser a primeira “a linguagem de sua alma e cérebro e o vernáculo [seria] para a nova geração” (FALBEL, 2008, p. 659). O Léxico não deveria tratar “apenas de indivíduos [,] mas visava retratar o panorama completo das atividades sociais dos judeus deste país, dispensando atenção especial às instituições” (FALBEL, 2008, p. 660). O projeto foi interrompido em meados dos anos 1950, devido a revezes pessoais dos envolvidos. As chamadas “crônicas” que introduziam cada brochura foram publicadas como apêndice no livro de Falbel, mas o material original dos levantamentos está em poder do autor. Em janeiro de 2020, Falbel publicou o Léxico com dados do Rio de Janeiro. As demais brochuras não puderam ser encontradas.

Segundo dados do IBGE, em levantamento realizado em 2010, naquele ano havia 107.329 judeus⁷ no Brasil, dentre uma população total de 190.755.799 no país. Enquanto o maior número se concentrava nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro – 51.050 e 24.451, respectivamente –, em Minas Gerais a comunidade se resumia a 3.509 indivíduos. A Confederação Israelita do Brasil (CONIB, s/d) computa que atualmente haja 120.000 judeus no Brasil, constituindo 0,06% da população. A comunidade judaica brasileira seria a segunda maior da América Latina, atrás apenas da Argentina.

1.3. O ÍDICHE E OS ASHKENAZITAS EM BELO HORIZONTE

A comunidade judaica em Belo Horizonte foi substancialmente constituída na transição do século XIX para o XX – Pfeffer (2003) relata que em censo de 1900, foi constatada a presença de 37 judeus em Minas Gerais, 0,3% daqueles residentes no país. A escolha desta cidade como destino se deu, principalmente, devido à promessa de crescimento econômico em uma cidade nascente. Além disso, o clima ameno facilitaria a adaptação dos imigrantes Europeus, muitos com dificuldade em viver em meio ao calor do Rio de Janeiro. Um terceiro fator, em momento posterior, seria a segurança oferecida pela cidade calma aos adeptos do comunismo, perseguidos pelo governo Vargas após a Intentona de 1935.

⁷ Não foi possível obter informações sobre os critérios utilizados para o estabelecimento do que se considera como “judeus” neste e nos demais levantamentos estatísticos que constam no presente trabalho.

Segundo Falbel (2008), o primeiro judeu a fixar residência na cidade, em 1886, foi Artur Haas, nascido na França. Outros judeus pioneiros na cidade foram seu irmão (de nome não mencionado, engenheiro eletricista contratado para eletrificar a cidade), Rafael Arazi Cohen (sefardita de origem não mencionada), Akiva Lerman, da Palestina, os russos Simão Drabitzki e Jacob Fereman e David Rasschman (também de origem não mencionada). A profissão desempenhada pela maior parte dos imigrantes judeus era o comércio autônomo, principalmente de roupas e tecidos. Muitos estabeleceram atendimento na rua Tupinambás, como mencionado por alguns dos entrevistados na presente pesquisa.

A União Israelita, primeira instituição israelita na capital mineira, foi fundada em 1922, quando já havia cerca de 20 famílias judias e duas sinagogas na cidade – nas avenidas do Comércio e Paraná. Dentre os sete membros de sua primeira diretoria, todos nascidos fora do Brasil, seis eram da Europa Oriental. A União contava com 25 judeus ativamente participantes em 1926 e, em 1928, foi responsável pela criação da Escola Israelita. O espaço recebia, dentre outras atividades, palestras, bailes e teatro. Pfeffer (2003, p. 99) conta que eram “pequenas peças de autores ídiches, com forte carga dramática e muitas vezes com conteúdo político”.

Os judeus sefarditas, muitos descendentes dos expulsos da Península Ibérica à época da inquisição, predominaram até a década de 1930, quando seu número foi ultrapassado pelos ashkenazitas na cidade. Segundo depoimento de Luci Rozembaum, na publicação de Pfeffer, “os ashkenazim se consideravam intelectuais”, uma vez que “os sefardim não tiveram muita oportunidade, muito acesso à universidade” (2003, p. 101).

A partir da instauração do Estado Novo, em 1937, as atividades judaicas ficaram estagnadas em Belo Horizonte. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma cisão na comunidade por divergências ideológicas, e os dissidentes da União formaram o Círculo Israelita Brasileiro, que mais tarde se tornaria a Associação Israelita Brasileira. Pfeffer (2003) divide a constituição da sociedade judaica em Belo Horizonte em três etapas:

1. Agregação informal dos judeus (1910-1922)
Surgimento das sinagogas, predominância do grupo sefardita (Europa mediterrânea).
2. Consolidação da comunidade (1922-1933)
Formação da União Israelita, eventos comunitários, prática do teatro, superação do número de sefarditas pelo de ashkenazitas, reconhecimento como comunidade em face à ascensão do nazismo.
3. Cisão da comunidade (1933-...)

Politização e divergências internas, gerando duas comunidades – sionista e progressista (influenciada pelos pensamentos socialistas).

Inicialmente, o grupo sionista entendia que não era seu dever interferir na política local, e sim buscar a constituição do estado judaico em Israel, enquanto o progressista defendia o ideal socialista onde estivesse. Ambos defendiam a manutenção do ídiche como língua cultural, mas os sionistas insistiam também no hebraico como língua nacional. Com o início da Segunda Guerra, os dois grupos se alinharam contra o fascismo na Europa e o integralismo no Brasil, mas a divisão foi recuperada em seguida, ainda que seus ideais iniciais tenham sofrido mudanças. De acordo com Pfeffer (2003), nas décadas de 1940 e 1950, após a criação do Estado de Israel, “os progressistas deixaram de ser antissionistas. Por sua vez, muitos jovens sionistas se diziam de esquerda, defendendo a tese de Israel como país socialista, com base na experiência dos Kibutzim” (PFEFFER, 2003, p. 107).

Em seu estudo, publicado em 2003, Pfeffer realizou entrevistas com 11 imigrantes judeus com mais de 70 anos em Belo Horizonte, em busca de constituir acervo documental a partir de suas histórias de vida. O autor ressalva que os relatos estão sujeitos a confusões de memória, mas consistem interpretações dos fatos em diversos níveis de profundidade. No estudo, as informações qualitativas foram priorizadas em detrimento das quantitativas. As histórias de vida serviram para

entendermos e captarmos informações sobre a vida judaica nos países de origem, os processos de imigração judaica, as redes de parentesco, o estabelecimento de uma cronologia da comunidade, a identificação dos conflitos presentes e a indicação das relações da comunidade judaica com a sociedade não-judaica na Europa e em Belo Horizonte. (PFEFFER, 2003, p. 19)

A publicação não apresenta o questionário utilizado nas entrevistas, mas cita que três conteúdos foram abordados: a vivência nos lugares de origem; a decisão de emigração e a chegada ao Brasil; a adaptação ao Brasil/Belo Horizonte e integração à comunidade. O estudo constata que a história de sobrevivência, lutas e realizações dos imigrantes está se diluindo no tempo. O desaparecimento do ídiche certamente contribui para este processo, mas é, também, influenciado por ele.

Em 2004, outro estudo que se ocupou da comunidade judaica em Belo Horizonte foi publicado. Em Transformações Identitárias da Comunidade Judaica de Belo Horizonte, Duchowny e Abreu (2004) realizaram entrevistas com o objetivo de identificar o que os membros da comunidade entendem como “ser judeu”. A pesquisa constatou que parece haver um afastamento dos jovens da comunidade entre a maioria e cerca de 35 anos de idade. Até os 24 anos, os jovens têm a oportunidade de recorrer ao Movimento Juvenil Habonim Dror,

relacionado à juventude sionista. Através desta entidade, podem participar de debates, encontros e ir para Israel estudar hebraico. Após este período, não há programas específicos oferecidos pela comunidade, e os jovens tendem a se distanciar do judaísmo. Segundo o estudo de Duchowny e Abreu, o retorno se dá, em geral, com o nascimento dos primeiros filhos, quando os indivíduos sentem necessidade de transmitir a identidade judaica para a próxima geração. As autoras concluem que “para todos [os entrevistados], o judaísmo é um sistema de representação cultural e identitário ao lado do brasileiro, que faz parte da essência de seu ser” (2004, p. 296), sendo que “a religião não é um dos fatores mais relevantes quando a maioria dos entrevistados pensa em ‘judaísmo’” (2004, p. 297), ou seja, não há, para eles, sujeitos “menos judeus” e “mais judeus”.

Segundo a Federação Israelita do Estado de Minas Gerais (FISEMG), há atualmente cerca de 800 famílias e 4.000 judeus no estado, quase a totalidade em Belo Horizonte (CONIB, s/d). Não foi encontrado levantamento com dados específicos sobre as diferentes origens dos indivíduos ou sobre as línguas que falam. Em Belo Horizonte, o ídiche não é utilizado pela comunidade judaica, estando restrito às poucas expressões que são transmitidas entre as gerações dentro das próprias famílias.

Partindo do modelo consolidado por Labov (2006, 2008, dentre outros trabalhos) em que relaciona língua e sociedade e busca identificar de maneira sistematizada a variação existente na língua falada, optou-se por investigar o conhecimento oral remanescente do ídiche e transmitido através das gerações. Tendo sua origem como língua predominantemente falada, com presença de outras línguas regionais oficiais como meio de comunicação formal e escrito, não se tem evidência de que a modalidade escrita do ídiche tenha sido substancialmente trazida para o Brasil com as correntes migratórias que chegaram a partir do fim do século XIX. É possível, no entanto, que o ídiche nesta comunidade não tenha sido originalmente ágrafo, mas tenha perdido sua cultura escrita. Há possibilidade de que ainda se saiba escrever em ídiche para comunicação informal em alguma(s) família(s) ou entre membros de gerações mais velhas mas, devido ao caráter oral da pesquisa, não foram buscados documentos do tipo.⁸

No presente estudo, esperava-se que os termos em uso e transmitidos às gerações naturais do Brasil fossem classificados, em sua maioria, como interjeições, tendo sobrevivido graças a seu caráter de alta expressividade e espontaneidade. Além destes, os elementos relacionados à função emotivo-representativa, esperava-se identificar expressões que

⁸ Um dos entrevistados da faixa etária mais velha, de primeira geração nascida no Brasil, disse que teve que aprender a ler em ídiche para se comunicar com a mãe, que à época morava na Europa e só sabia escrever nesta língua.

descrevam coisas ou situações para as quais não haja correspondência em português do Brasil. Guinsburg comenta que na metade do século XX o ídiche demonstrava que perdia sua força no Brasil, com a manutenção apenas de tipos específicos de palavras:

Nem o ingresso de novas gerações, mesmo quando saídas das escolas comunitárias, veio reforçá-lo; muito ao contrário, a língua (à exceção de palavrões e expressões idiomáticas) e a cultura imigradas bem depressa tornaram-se passivas. Se um grande número desses jovens ainda entendia o *mameloschn* e/ou falava com os pais, a esta altura já idosos, não o empregavam como o seu veículo principal de comunicação linguística e muito menos de expressão cultural. (GUINSBURG, 2009, p. 229)

Pelo trecho, pode-se perceber que os termos que sobreviviam já eram “palavrões e expressões idiomáticas”, predominância que permanece, com agravamento da perda. A manutenção deste léxico especializado sem o uso de estruturas seria um estágio em direção à morte de uma língua, segundo Scheinbein

É a perda dos domínios de uso que conduz à perda dos recursos estilísticos e de estruturas gramaticais, quando as novas gerações de falantes fracassam em aprender as formas que os seus mais velhos nunca ou raramente usam. (2006, p. 69)

Por constituir língua de comunicação entre judeus ashkenazitas por todo o mundo, pressupõe-se que, por algum tempo após as migrações, a comunidade ashkenazita belo-horizontina tenha vivido período de diglossia, ou seja, as duas línguas (português e ídiche) conviviam “pacificamente”, cada uma num contexto diferente, uma vez que a língua de conhecimento mútuo entre os novos imigrantes desse grupo seria o ídiche, mas a comunicação com membros da comunidade de origem sefardita e com a população local exigia o aprendizado rápido do português. No entanto, ao longo do tempo e com gerações nascidas em território brasileiro, o ídiche foi perdendo seu lugar. Em Belo Horizonte, espera-se que os falantes mais novos, se encontrados, apresentem maior variação com relação à língua padrão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa assumiu uma abordagem sociolinguística tal como elaborada na obra de Labov (2008 [1972]), baseada no estudo da língua em uso em uma comunidade linguística. Considera-se a língua como um fenômeno social e destaca-se a importância dos fatores extralinguísticos na compreensão dos fenômenos que envolvem a linguagem humana. Destacamos, ainda, a importância de fatores como prestígio, estigma e fatores identitários na compreensão dos processos de desaparecimento e de manutenção de línguas minoritárias, em especial, os casos de línguas em vias de desaparecimento e em situação de contato com uma língua majoritária, como é o caso do ídiche no Brasil.

2.1. PESQUISA E VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Segundo Meillet (1921), toda variação linguística é causada por fatores sociais. Uma vez que o estudo se propõe a examinar as mudanças possivelmente ocorridas no ídiche transmitido às gerações mais novas em Belo Horizonte, tem-se que os contextos de uso da língua atualmente são completamente distintos dos europeus de antes das correntes migratórias que atingiram o território brasileiro. A pesquisa envolve, portanto, tanto o eixo diacrônico, quanto o sincrônico: diacronicamente, pois o ídiche que ainda é transmitido na comunidade judaica em Belo Horizonte apresenta variação com relação ao utilizado pelas gerações anteriores; sincronicamente, porque se espera que, falado apenas nos núcleos familiares, o ídiche apresente, também, significativa variação no nível de conhecimento entre as diferentes famílias.

Em 1972, Labov questiona se o termo “sociolinguística” não chegaria a ser, até mesmo, redundante, uma vez que a língua já seria, intrinsecamente, uma forma de comportamento social, “usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (2008 [1972], p. 215). Segundo ele, não existiria linguística sem o aspecto social. No entanto, para o estudo da “linguagem”, ou da estrutura linguística, teria sido conveniente ignorar esta relação, homogeneizando os contextos em busca de uma comunidade de fala abstrata. Essa estratégia é vista por ele como adequada para os modelos abstratos da gramática gerativa, mas:

(...) é difícil evitar a conclusão sensata de que o objeto da linguística tem de ser, ao fim e ao cabo, o instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala; e se não estivermos falando *desta* (friso do autor) língua, há qualquer coisa de trivial em nosso procedimento. (LABOV, 2008 [1972], p. 220)

Para Labov, a pesquisa sociolinguística estaria, sim, permeada por problemas e dificuldades que levam, muitas vezes, ao abandono da variável social no estudo linguístico. A qualidade das gravações seria uma delas, já que maior qualidade é inversamente proporcional à espontaneidade da fala – contextos em estúdio de gravação seriam extremamente artificiais e gerariam dados comprometidos. Além disso, como em todas as ciências sociais, o registro não é suficiente para abarcar a riqueza dos dados, havendo uma “lacuna inevitável entre os dados brutos, tal ocorrem, e os protocolos que registram tais dados como matéria-prima para a elaboração teórica” (LABOV, 2008 [1972], p. 235). Citando Garfinckel (1967), Labov explica que todo “procedimento de codificação e transcrição que transforma os dados exibirá um resíduo irreduzível de operações derivadas do senso comum, e que não pode ser sintetizado em regras” (2008 [1972], p. 235).

Empecilhos como estes devem ser, na medida do possível, mitigados. Grinevald (2010) propõe uma abordagem que pode diminuir a artificialidade da situação de entrevista. Em seu trabalho sobre métodos para a pesquisa linguística de campo, ela atenta para a necessidade de realizar a coleta em múltiplas visitas, sendo que a cada sessão corresponde um ciclo completo de “antes, durante e depois”, de maneira que cada visita proporcione nova experiência. Segundo ela, o trabalho de campo ideal é aquele que não é feito *com* os falantes, e sim *pelos* falantes. O falante seria o “mestre” conhecedor da língua, o detentor da informação, estabelecendo-se uma relação de poder entre ele e o linguista, que deve ser observada durante os encontros. Seu conhecimento é o foco da conversa, e sua experiência deve ser valorizada.

Como nossa pesquisa avalia o conhecimento oral do ídiche e pretende retratar a situação atual de conhecimento da língua, optou-se pela análise da mudança linguística inspirada na hipótese de “tempo aparente”, ou seja, identificando a variação entre entrevistados de diferentes gerações. Esta inovação é apresentada por Chambers (2002) como uma das mais importantes introduzidas por Labov na sociolinguística (2008 [1972]), que antes contava apenas com análise diacrônica em tempo real, ou seja, abordando os mesmos entrevistados ao longo do tempo. A hipótese de tempo aparente foi concebida para o estudo da variação linguística, partindo do pressuposto de que as pessoas preservam as características linguísticas obtidas em seus anos formativos, e por isso podem-se inferir os padrões daqueles anos ao se analisar a fala de qualquer geração. Ainda que não estejamos buscando a variação linguística interna do ídiche na pesquisa – empreitada que não obteria resultados confiáveis e representativos, uma vez que os falantes são poucos e pertencem, em geral, a gerações que coexistem –, a opção pelo estudo em tempo aparente permite comparar os níveis de conhecimento da língua em diferentes

gerações, de modo que se faz adequada sua adoção. Evidentemente, como os melhores falantes se encontram em idade avançada e não há estudo ou registro anterior semelhante ao presente, a análise em tempo real se faz inviável.

É preciso relacionar, ainda, o tamanho do *corpus* aos objetivos da pesquisa. Devido à disponibilidade de tempo para o desenvolvimento do estudo e às dificuldades impostas pela pandemia de COVID em relação à disponibilidade de entrevistados, o número de entrevistas não apresenta representatividade quantitativa, e sim qualitativa, de maneira a retratar e contrastar a transmissão intergeracional da língua. Em estudo sobre a variedade brasileira do pomerano, Beilke (2018) discorre sobre a necessidade de *corpora* extensos na linguística de *corpus*. Porém, no caso de *corpora* dialetais, ele expõe que podem ser menos extensos, mas representativos, pois

quando se tratar de variedades em processo de desaparecimento, dificilmente se obterá um *megacorpora* em extensão, porém ainda assim se fará importante reunir material sobre o dialeto em um *corpus*, visto que se trata de uma forma de acervo, com material legítimo que poderá documentar o mesmo. (BEILKE, 2018, p. 378)

Nesta pesquisa, a classificação dos perfis de falantes proposta deve, portanto, ser utilizada com cautela, uma vez que, além de seu caráter subjetivo, a amostra de entrevistados não contempla número suficiente para estabelecer base de comparação que permita precisão nesta categorização. Rangel encontrou empecilhos que o fizeram questionar as classificações para falantes de línguas cujo total de falantes seja mínimo, como no Ayapaneco, estudado pelo autor, falado no México por menos de 15 pessoas e sem evidência de transmissão geracional. O autor se pergunta como é possível avaliar a competência linguística “quando as interações entre os falantes são esporádicas e, devido a isso, o uso da língua é muito limitado” (RANGEL, 2017, p. 117). Ciente deste obstáculo, o presente trabalho busca gerar uma caracterização menos categórica da competência linguística dos membros da comunidade, estabelecendo retratos pontuais da amostragem de indivíduos que nos foi possível estudar.

2.2. LÍNGUAS MINORITÁRIAS E AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

Ao investigar a obsolescência das línguas, Dal Negro (2011) também atenta para a influência dos fatores sociolinguísticos sobre a mudança linguística, diferenciando as mudanças em línguas “saudáveis” daquelas sofridas por uma língua ameaçada de extinção. Ao comentar os estudos de Aikhenvald sobre a língua Tariana, falada pelos Arawak na Amazônia, Dal Negro relata que mudanças pelo contato direto com o grupo Tucano, sociolinguisticamente mais poderoso, são esperadas. Porém, Aikhenvald se surpreende com o número e a velocidade das

mudanças, que caracteriza como, em certa medida, “não-naturais”. As mudanças seriam inevitáveis, porém, a intensidade do processo é muito maior nas línguas em vias de extinção.

O Guia para Inventário Nacional da Diversidade Linguística do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) destaca que “(...) cada língua possui os meios específicos, historicamente construídos de se conceber, conhecer e agir sobre o mundo” (IPHAN, 2016, p. 23), tendo sua extinção consequências irreparáveis. Deve-se conceder destaque ao papel do idioma na transmissão cultural, considerando-se que o ídiche integra parte importante da cultura judaica ashkenazita.

No entanto, a visão adotada no presente trabalho para o abandono do vernacular se baseia, em parte, na proposta por Ladefoged (apud DORIAN, 1993), em estudo que cita a escolha da população Toda, na Índia, de abandonar seu idioma nativo de mesmo nome, substituindo-o pelo inglês. Para ele, a perda de uma língua não constitui necessariamente um desastre. O autor defende que o abandono do vernacular é justificado pelo contexto social e que o trabalho do linguista não é lamentar e resgatar o que foi perdido, e sim registrar a situação e os fatos envolvidos na perda.

Rangel (2017) expõe que a Linguística começou a se interessar pelos chamados “últimos falantes” a partir dos anos 1920, com o objetivo de identificar características conservadas nas línguas. As primeiras tipologias propostas para os tipos de falantes surgiram a partir dos anos 1970, dentre as quais se destaca a de Dorian (1973). A autora utiliza o critério de competência linguística como parâmetro para elaborar perfis de falantes inseridos ao longo de um *continuum*, das habilidades mínimas necessárias para a comunicação ao domínio pleno da língua. Em seu estudo sobre a obsolescência do gaélico na área de East Sutherland na Escócia, ela identificou três perfis de falantes: alguns poucos que se sentiam mais confortáveis falando gaélico do que inglês, outros que dominavam as duas línguas igualmente, e um terceiro grupo que conseguia se comunicar em gaélico imperfeito, mas se sentia mais confortável falando em inglês. A estes últimos falantes, que teriam habilidade restrita de produzir, aquisição somente parcial e perda significativa, ela denominou semifalantes, e eles seriam essenciais para o estudo da mudança linguística.

Em 1989, ao procurar identificar características comuns a línguas em vias de desaparecimento, Campbell e Muntzel (1989) estabeleceram outra classificação, com quatro tipos de falantes (tradução nossa):

- a. Totalmente ou quase totalmente competentes;
- b. Imperfeitos (semifalantes com fluência satisfatória);

- c. Semifalantes fracos (semifalantes com competência mais restrita);
- d. Lembradores (conhecem apenas palavras ou pequenas expressões).

Os lembradores não seriam “nunca falantes competentes, mas são caracterizados por terem aprendido e lembrado palavras isoladas e expressões fixas, que em muitos casos poderiam de outro modo estar extintas” (CAMPBELL e MUNTZEL, 1989, p. 183).

Apesar da desvalorização que antecede o desaparecimento de uma língua minoritária, Rangel (2017) atenta para a existência de prestígio relacionado aos considerados “últimos falantes” de uma língua, ao qual muitas vezes estão associados status social e político na comunidade. O termo tem se tornado cada vez mais conhecido, tanto por linguistas quanto por leigos, sendo que a divulgação midiática de tais membros chega a atrair turistas e interessados, como aconteceu no caso do Ayapaneco, estudado pelo autor no México.

Em sua proposta de tipologia dos falantes de línguas francesas ameaçadas de extinção na região do Pilat, Bert (2010) considerou cinco variáveis: data de nascimento, nível e modo de aquisição, nível e frequência de exposição, competência e frequência do uso. Sua tipologia gerou classificação em seis tipos de falantes:

- a. Tradicionais;
- b. Tardios;
- c. Falantes-fantasma;
- d. Falantes antigos;
- e. Semifalantes;
- f. Subfalantes.

Ainda segundo o autor, os graus de competência não estariam distribuídos num *continuum* constantemente progressivo, dos não falantes aos falantes “completos”. Ele sugere adicionar à avaliação a diferenciação entre competências “ativas” e “passivas”.

Tabela 2 – Tipologia de falantes do franco-provençal ou do occitano na região do Pilat

	data de nascimento em relação à assimilação linguística	aquisição	exposição	competências	uso (cotidiano-regular-eventual-nulo)
falantes tradicionais	anterior	completa	contínua desde infância	completas	cotidiano a nulo
mais velhos	anterior	passiva desde infância, ativa secundariamente	contínua desde infância	quase completas a completas	cotidiano a nulo
falantes tardios					
mais novos	posterior	passiva e ativa secundariamente	limitada (com poucos outros falantes)	passivas: completas ativas: parciais	cotidiano a nulo
falantes-fantasma	anterior	completa	contínua desde infância (ex. por casamento)	passivas: completas ativas: desconhecidas	cotidiano (apenas passivo) a nulo
falantes antigos	anterior	no mínimo passiva, até completa	importante na infância, muito fraca em seguida (ex: emigração)	passivas: nulas ativas: fracas	eventual (sobretudo passivo) a nulo
mais velhos	durante	passiva, ativa parcial	importante na infância, fraca em seguida	passivas: completas ativas: parciais	eventual (sobretudo passivo) a nulo
semifalantes					
mais novos	posterior	passiva parcial, ativa limitada	importante na infância, muito fraca em seguida	passivas: parciais ativas: limitadas	eventual (exclusivamente passivo) a nulo
subfalantes	posterior	muito fraca	muito fraca	passivas: nulas ativas: muito fracas	eventual (poucas palavras) a nulo

Fonte: tradução nossa a partir de BERT, 2010, p. 101.

Mais tarde, em estudo com Grinevald, Bert (BERT e GRINEVALD, 2010) inclui o grau de perda como critério, delimitando três possíveis situações: aquisição completa sem perda, aquisição parcial com possível perda e possível aquisição limitada com perda significativa. Também se deve, segundo os autores, considerar a idade dos falantes para identificar o nível de “vitalidade” da língua. Esta nova classificação resulta em seis perfis de falantes (tradução nossa) mais frequentemente encontrados:

- a. Falantes tradicionais – aquisição completa e sem perda, ou fluentes;
- b. Semifalantes – aquisição parcial com sinais de *attrition*, competência receptiva completa, com variação nos níveis de produção;
- c. Subfalantes – aquisição limitada, com possível perda de competência, competência receptiva boa, produção limitada;
- d. Falantes antigos – parcialmente competentes em recepção ou produção, mas com grande perda;
- e. Falantes-fantasma – negam ter conhecimento, mas possuem algum nível de competência;

- f. Neofalantes – aprenderam a língua num contexto de revitalização, através de esforço consciente.

Segundo a definição dada por Dal Negro (2004) semifalantes não seriam totalmente fluentes, mas seriam capazes de formular frases, produzindo certas variações gramaticais e fonológicas identificadas pelos falantes como “erros”.

A respeito dos neofalantes, Dorian (1993) atribui seu surgimento à perda do estigma associado à língua minoritária. Os falantes que deliberadamente deixam de transmiti-la aos mais novos buscam integração à sociedade. Em meio à primeira geração seguinte que se sente completamente integrada, tende a surgir o movimento de resgate de suas raízes e da cultura associada a elas. Como proposto por Dal Negro “os atuais jovens semifalantes ou não falantes de uma língua ameaçada podem muito bem ser os futuros falantes fluentes da mesma variedade linguística” (2004, p. 53).

Campbell e Muntzel (1989) classificam, também, os tipos de morte de uma língua: *sudden* (súbita), *radical*, *gradual* e *bottom-to-top* (de baixo para cima). No primeiro tipo, a morte súbita, aquela que se dá quando os falantes morrem ou são mortos subitamente, levando ao desaparecimento abrupto da língua, não há processo de obsolescência para ser estudado. A morte radical, por sua vez, apesar de acontecer rapidamente, ocorre em resposta a repressão política, de maneira que os falantes passam a evitar a língua como estratégia de sobrevivência.

Ilustrando a morte radical com o caso do desaparecimento de línguas indígenas em El Salvador após extermínios até os anos 1930, os autores relatam que nos anos 1970 ainda eram encontrados seus chamados “lembradores”, mas não citam números. É ressaltado, porém, que o sistema fonético do pouco que sobrevive dentre os lembradores raramente apresenta características que diferem daquele da língua dominante. Um único falante totalmente competente de uma das línguas extintas, a língua Lenca, foi utilizado como modelo para extrair informações sobre o que acontece com o conhecimento da língua quando ele não é exercitado. A fonologia se mantinha praticamente intacta, mas grande parte do léxico se perdeu ou exigia exercício para que se tentasse recordar. A gramática se manteve, mas as construções gramaticais eram simples, sem possibilidade de elaboração discursiva.

O terceiro tipo de morte de uma língua, o gradual, é o mais comum em situações de contato linguístico. Um estágio intermediário de bilinguismo está presente enquanto uma língua vai se tornando, aos poucos, obsoleta e sendo substituída pela outra. Geralmente, o *continuum* de proficiência segue diferenças geracionais. Cada geração mais nova aprende o idioma de forma mais imperfeita do que a anterior. Ladefoged (apud DORIAN, 1993) acredita que a perda

da língua nativa falada pelos Toda, na Índia, em detrimento do inglês, teria sido aceita como indispensável para pertencer à Índia moderna. Comentando o caso do gaélico, que também vem se perdendo na Escócia em busca de assimilação pela população, Dorian afirma que “para um grupo estigmatizado, as alternativas são possivelmente ainda piores do que a perda de identidade e da língua” (1993, p. 576, tradução nossa). A autora observou o preconceito e hostilidade sofrido por um revivalista do gaélico por parte de seus próprios pares falantes da língua.

O último tipo de morte de língua, “de baixo para cima”, acontece quando uma língua se perde no contexto familiar, mas se mantém nos rituais.

Segundo Guinsburg, o ídiche teria se tornado, em parte, uma

muda de cultivo acadêmico, sendo ensinado em sua forma oral e escrita a classes de estudantes interessados que o praticam como grupos de iniciados, ao mesmo tempo em que se faz objeto de pesquisa e estudo de *scholars*. (SCHWEIDSON, 2009, p. 205-206)

O próprio autor ressalva que, apesar de ter ainda produção artística e literária, ela não teria grande variedade de foco temático, sendo “presa da memória, de seu trágico e recente passado, com eventualmente alguns poucos claros por onde respirar a atualidade vivida e realizada como veículo de uma coletividade idichiófona” (SCHWEIDSON, 2009, p. 206).

No caso do ídiche em Belo Horizonte, poder-se-ia considerar que houve um processo de mudança linguística (*language shift*) interno à comunidade ashkenazita, uma vez que a língua foi tendo, aos poucos, seus contextos de uso reduzidos, até ser eliminada como sistema. Weinreich (1968) atenta para o fato de que, por outro lado, após perder seu poder comunicativo, a língua em processo de obsolescência adquire conotações especiais, sendo utilizada, muitas vezes, como língua de ocultação. No entanto:

A primeira geração a passar pela mudança tende a aprender o suficiente da língua obsoleta para destruir este valor; assim, muitos filhos de imigrantes americanos “sabem” apenas o que é preciso da língua dos mais velhos para entender o que os pais tentam esconder. (WEINREICH, 1968, p. 95, tradução nossa)

O autor cita a especialização estilística – por exemplo, suas associações cômicas – e a relação com as memórias e a infância como fatores que favorecem a adoção de empréstimos lexicais da língua em processo de obsolescência pelos mais jovens. Para ele, os termos mais passíveis de serem transferidos são “expressões idiomáticas ricas, difíceis de traduzir, com forte conotação afetiva, sejam elas carinhosas, pejorativas ou levemente obscenas” (WEINREICH, 1968, p. 95, tradução nossa).

Apesar de o ídiche ser considerado língua em risco moderado de extinção no mundo (cf. portal *Ethnologue* <https://www.ethnologue.com/size-and-vitality/yih> e

<https://www.ethnologue.com/size-and-vitality/ydd>), no presente trabalho, que se ocupa de uma comunidade de pequenas dimensões, optou-se por trabalhar com a situação de obsolescência, ainda que o idioma não seja, no contexto global, considerado como em vias de desaparecimento. Observou-se que não há comunicação em ídiche ou sobre o ídiche entre a comunidade belo-horizontina e outras pelo mundo, o que constitui isolamento suficiente para caracterizar seu desuso.

2.3. CONTATO LINGUÍSTICO

Nosso trabalho examina a situação atual de uma língua trazida para um país no qual já predominava largamente, tanto institucionalmente quanto na prática, o português. O contato linguístico ocorreu, portanto, de maneira extremamente desproporcional, com pouquíssimos falantes de ídiche que tiveram, rapidamente, que se adaptar às necessidades diárias e abandonar o idioma vernacular, assim como outras línguas que trouxeram de seus locais de origem.

Partimos do pressuposto de que a interferência do ídiche no português utilizado pelos imigrantes e transferido a seus descendentes se deu, principalmente, através de empréstimos, ou seja, interferência lexical. Weinreich atenta para os tipos de congruência que envolvem o contato linguístico. Segundo ele, os contatos que partem da transmissão étnica e cultural, além da linguística, são propícios a interferência léxico-cultural:

A relação entre culturas em um determinado habitat geográfico determina o que um grupo aprende com o outro e define lacunas no vocabulário de cada grupo que precisam ser preenchidas por empréstimos. (WEINREICH, 1968, p. 92, tradução nossa)

De acordo com a definição proposta por Weinreich, os itens lexicais emprestados podem sofrer uma espécie de especialização associada a estilo: “frequentemente (...) os elementos transferidos ocupam uma camada de estilo familiar ou de gíria, adquirindo conotações pejorativas que estavam ausentes na língua materna” (WEINREICH, 1968, p. 56, tradução nossa). Fatores que influenciam empréstimos lexicais em uma língua seriam, segundo o autor: a) frequência de uso (itens mais utilizados tendem a ser mais estáveis e resistentes a mudanças na língua receptora); b) resolução de homonímia na língua receptora; c) necessidade de sinônimos, eufemismos e cacofemismos⁹ em certos campos da língua receptora. Além destas,

⁹ “O disfemismo (ou cacofemismo) é uma figura de linguagem que consiste em empregar deliberadamente termos ou expressões depreciativas, sarcásticas ou chulas para fazer referência a um determinado tema, coisa ou pessoa, opondo-se assim, ao eufemismo. Expressões disfêmicas são frequentemente usadas para criar situações de humor.” (ROSA DOS VENTOS, 2017)

Weinreich atenta para o sentimento, pelos falantes, de que a língua não oferece diferenciação suficiente para o que eles precisam dizer, e para os valores sociais (positivos e negativos) associados às línguas de empréstimo. Curiosamente, o autor cita um exemplo de falantes de ídiche nos Estados Unidos que resistem a empréstimos do inglês, mas abrem exceção para o uso intencional de anglicismos quando querem agregar caráter cômico ao que dizem.

Em 2003, Thomason propõe que os sujeitos que possuem apenas a competência passiva de uma língua podem realizar empréstimos desta língua que não dominam para a sua. A autora presume que isso aconteça através de mecanismo de ativação de um sistema estrangeiro, ao qual o sujeito há de ter sofrido frequente exposição, a ponto de seus itens lexicais pertencerem a seu repertório. O trabalho de Thomason (2003) postula, entretanto, que esse tipo de transferência lexical ocorre, na maioria das vezes, por pessoas que conseguem entender a língua da qual os itens são emprestados, e entre sistemas semelhantes, especialmente dialetos de uma mesma língua.

Uma das maiores propostas da nossa pesquisa era identificar a familiaridade passiva nos entrevistados não-falantes de ídiche. Ainda que o português e o ídiche tenham semelhanças devido a sua origem europeia, permitindo muitos dos empréstimos, não são línguas-irmãs. Também não é o caso de que os não-falantes de ídiche que utilizam expressões emprestadas da língua em sua fala entendam a língua como um todo passivamente. Segundo a hipótese do presente trabalho, dentre nossos informantes não-falantes de ídiche teriam sobrevivido, além daqueles que conhecem e usam, termos que eles não saberiam dizer espontaneamente, mas com os quais apresentariam familiaridade passiva e que poderiam ser ativados pela sua menção durante a entrevista.

As interferências por contato linguístico não acontecem em apenas uma direção. Em sua formação, o ídiche havia contado com interferência de diversas línguas (cf. seção 1.1), com incorporação de afixos, preposições e itens lexicais. Uma vez que foram identificadas duas características de interferência do português belo-horizontino no ídiche dos entrevistados, neste estudo elas estão brevemente mencionadas abaixo. No entanto, não serão desenvolvidas, pois este não constitui o objetivo do trabalho.

1 – uso do [h] (fricativa glotal) para o fonema /r/: [koʃeh] (kosher);

2 – incorporação do sufixo formador de diminutivo -inho: “oy Gotinho” (algo como “ai meu deusinho”).

Para Weinreich (1968), a tendência de transformações na língua dos imigrantes é maior do que na dos nativos devido aos seguintes fatores, dentre outros: a) o novo contexto do

imigrante que chega exige novo vocabulário, para expressar aquilo que para eles antes não existia; b) o desnorteamento social e cultural dos imigrantes diminui sua resistência às mudanças; c) a baixa disponibilidade de conterrâneos cria necessidade de casamentos interculturais, o que diminui a qualidade da transmissão cultural e linguística.

2.4. LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO E DE HERANÇA

Utilizando a definição traçada por Boruchowski (s/d, p. 9), língua de herança é “aquela utilizada com restrições, limitada a um grupo social ou ao ambiente familiar, e que convive com outra(s) língua(s) que circulam em outros setores, instituições e mídias da sociedade em que se vive”. As línguas de imigração, por sua vez, podem ser definidas como

línguas autóctones trazidas ao Brasil por grupos de fala advindos principalmente da Europa, Oriente Médio e Ásia e que, inseridas em dinâmicas e experiências específicas dos grupos em território brasileiro, tornaram-se referência de identidade e memória. (IPHAN, 2006, p. 13)

Esta descrição, concebida pelo IPHAN especificamente para a realidade brasileira, deixa claro o papel das línguas na manutenção da identidade cultural dos falantes e grupos. Podemos dizer que o ídiche constitui, no Brasil, tanto língua de imigração quanto de herança, devendo ter seu papel reconhecido culturalmente.

Porém, em contexto de imigração, a perda de uma língua se dá, muitas vezes, de maneira inevitável na busca por assimilação. Para Pfeffer, o estrangeiro estaria “perdido entre ‘dois mundos’”, sendo necessário “estabelecer uma fórmula de transformação entre os dois modelos culturais” (PFEFFER, 2003, p. 29).

Uma vez que o ídiche continuou a ser falado entre os imigrantes membros de mesma geração na chegada ao novo país, sem ter havido isolamento entre eles, a perda da língua na comunidade belo-horizontina vem se dando de forma gradual, ao longo das gerações. Guinsburg afirma que o judeu, ao formar novos centros,

(...) trouxe consigo a cultura e o idioma santificados, mas foi colocado face a face com línguas e culturas novas, virtualmente estranhas, sendo obrigado a travar uma luta, quer em prol de sua própria individualidade cultural e idiomática, quer em prol do direito de participar na vida material do país e, ao mesmo tempo, não se dissolver nas formas espirituais e linguísticas à sua volta. (GUINSBURG, 1966, p. 5)

O IPHAN defende que o caráter das línguas de imigração como aspecto cultural agregador seja valorizado, mas também reforçado pelo registro de suas ausências e das causas destas perdas. Segundo seu Guia de pesquisa e documentação para o INDL (Inventário Nacional da Diversidade Linguística)

Tão importante quanto demonstrar como uma determinada língua articula sentidos de pertencimento, como ela é representada e significada pelos seus falantes tendo em vista o contexto mais amplo da sua cultura, é diagnosticar os silêncios, os vazios, os fatores que podem comprometer a sua existência, principalmente diante de situações de ameaça às dinâmicas econômicas e socioculturais nas quais as comunidades se encontram inseridas. (IPHAN, 2006, p. 19)

Em seu estudo sobre a importância da manutenção do português como língua de herança para imigrantes brasileiros, Chulata destaca que

o apagamento da memória e o corte das raízes linguísticas e culturais parecem ser o preço a ser pago pelos migrantes em geral para que tenham a completa aceitação por parte das comunidades dos países que acolhem, dos professores que ensinam a e na “nova” língua, dos “novos” pais que educam os filhos adotados como se estes pudessem nascer pela segunda vez no ventre e no seio da nova família e da nova pátria. (CHULATA, 2015, p. 8)

Legada a segundo plano, durante as primeiras gerações de imigrantes, a língua de herança é comumente usada para fins de ocultação, seja dos externos à comunidade falante, seja dos próprios filhos e familiares mais jovens. Blank conta que era treinado no ídiche pela mãe para que ninguém os entendesse, e que ela valorizava que ele lesse textos do jornal *Der Forward*, publicado nos Estados Unidos, pelas

‘belas palavras’, como ela dizia, palavras que valiam a pena e por isso me eram recomendadas apesar da minha lerdeza com a leitura do ídiche, a língua onde se dava a vivência que demarcava uma certa fronteira entre nós e o mundo que nos cercava” (SCHWEIDSON, 2009, p. 174).

O autor, que se tornou, com o Alzheimer da mãe, “portador de uma memória que não [o] pertencia”, conversava com ela “como dois velhos *shifsbrider*, irmãos de navio, palavra que só pode existir em uma língua destinada ao uso de viajantes em passagem para outras terras” (SCHWEIDSON, 2009, p. 176-178). A identidade familiar era, desta forma, mantida, através da transmissão daquilo que pertence ao grupo, sua língua própria e exclusiva.

Ao mesmo tempo, as línguas de imigração desempenham papel importante na constituição da cultura do país de destino de seus falantes, influenciando e sendo influenciadas por ela, em constante diálogo com o que as cerca.

Com o passar das gerações, essas línguas adquiriram uma configuração própria que reflete a história da formação da sociedade brasileira. Muitas vezes tratadas como exóticas ou estrangeiras, as línguas de imigração são, na verdade, línguas maternas de milhões de brasileiros e a sua representatividade histórica, demográfica, sociocultural e geográfica é atestada em diversos levantamentos e estudos. (RASO et al, 2011, in IPHAN 2006, p. 21)

A língua de imigração deixa marcas na comunidade que a recebe. Scheinbein conclui, ao estudar o *hakitia* (idioma judeu-espanhol ocidental trazido pelos sefarditas) no Pará, que:

(...) entre os elementos que sobrevivem à extinção numa língua estão os xingamentos, as expressões ou refrões, as palavras de cunho afetivo, utilizadas em situações

informais, corriqueiras, em família ou entre amigos, usados também propositalmente como língua de ocultação. (SCHEINBEIN, 2006, p. 82).

Por caracterizar situação semelhante – língua judaica de imigração, sem status de idioma oficial em qualquer local, estudada em uma pequena comunidade – este seria, possivelmente, também o caso do ídiche, atualmente, em Belo Horizonte.

3. METODOLOGIA

Neste estudo, as informações foram extraídas de entrevistas com 19 participantes, em visitas de campo, nas suas residências ou locais de trabalho, ou em modo remoto, por videoconferência. Apenas duas das entrevistas tiveram que ser divididas em mais de um encontro virtual, devido a necessidades dos participantes. As demais foram finalizadas em apenas uma sessão.

O início do contato se deu através de conhecidos pessoais da pesquisadora e orientadora, os quais apontaram membros-chave na comunidade, de maneira a facilitar a abordagem dos demais. Foram indicados indivíduos de herança ashkenazita ou que se sabe haverem tido contato com o ídiche, que foram contatados e aos quais foram expostos os objetivos da pesquisa. Todos os sujeitos abordados concordaram em conceder entrevista. O fato de a pesquisadora não pertencer ao grupo estudado não constituiu impedimento ou gerou resistência por parte da comunidade. De fato houve, em geral, grande acolhimento e interesse em participar ou ajudar de alguma forma.

Estava prevista a participação em eventos próprios da comunidade, de forma a aproximar o contato e suavizar as abordagens para entrevista. Entretanto, devido à pandemia de COVID enfrentada pelo mundo a partir de 2020, o modelo de trabalho precisou sofrer alterações, envolvendo algumas reuniões remotas. Além disso, a organização e realização de eventos junto à comunidade não foi possível pelo mesmo motivo. A abordagem para entrevista encontrou, poucas vezes, desconfiança, principalmente quanto ao seu propósito e à privacidade das informações fornecidas.

Durante a busca inicial por entrevistados, foi identificado que, ainda que interessados e dispostos, eles se sentiam desqualificados para responder a quaisquer perguntas relacionadas ao ídiche, por acreditarem que não conheciam suficientemente ou desconheciam inteiramente a língua. Uma vez que a pesquisa pretende identificar o conhecimento tácito, ignorado pelo entrevistado conscientemente, nenhum candidato que atendesse aos critérios foi descartado. Os critérios utilizados para a aprovação dos entrevistados foram que eles fossem descendentes de judeus de origem ashkenazita, residentes ou que tenham passado a maior parte da vida adulta em Belo Horizonte, maiores de 18 anos. Membros apontados e identificados como qualificados para a pesquisa após o contato inicial foram submetidos ao questionário oral individual. Para proporcionar base de comparação, foram selecionados, na medida do possível, membros de diferentes gerações, alguns das mesmas famílias e, dentro do tempo concedido para a pesquisa, foi possível entrevistar 19 participantes.

Foi necessário proporcionar confiança aos participantes, reforçando que não era requisitado qualquer conhecimento ou contato com a língua, apenas sua herança de origem ashkenazita. Esse trabalho de evitar o constrangimento dos entrevistados foi feito não apenas antes das entrevistas, desde os próprios agendamentos dos encontros, mas também durante as conversas, reforçando positivamente aquilo que eles conheciam ou reconheciam, em lugar de enfatizar o negativo. Neste sentido, o trabalho foi bem sucedido, uma vez que os participantes aparentaram dar-se, em geral, por satisfeitos com o que conheciam ao fim das entrevistas. Quanto aos aspectos extralinguísticos, especialmente às histórias pessoais e das famílias, a maior parte dos entrevistados se mostrou muito à vontade e até contente em ser ouvida, principalmente os idosos. Muitos se divertiram, tanto com as lembranças, quanto com o contato com a língua. Surgiram anedotas que geraram, muitas vezes, risos.

As durações das entrevistas, conduzidas com flexibilidade, foram extremamente variadas. A maior parte se concluiu em cerca de 90 minutos, mas houve aquelas que consumiram três horas, e outras que não completaram uma hora. Em geral, houve tempo para discussão de assuntos diversos e não relacionados ao tema da pesquisa, o que tornou as conversas menos artificiais.

Os perfis linguísticos dos sujeitos dispostos foram variados. Além de autodeclarados falantes, foram selecionados os possíveis semifalantes, ou falantes imperfeitos. Segundo Thomason (2015) estes seriam os filhos dos últimos falantes, os que demonstram hesitações, possuem lacunas no vocabulário e utilizam simplificações gramaticais, “reinventando” a língua. Esperava-se encontrar, também, pessoas que reconhecessem palavras, ou mesmo que as entendessem, sem, no entanto, conseguirem se articular na língua. Estes seriam indivíduos que, embora não sejam falantes, ou sequer semifalantes, teriam sido expostos à cultura ídiche, ainda que passiva e sutilmente – semelhante aos que Bert e Grinevald chamam “subfalantes”, ou aos “lembradores” de Campbell e Muntzel (cf. BERT e GRINVALD, 2010; CAMPBELL e MUNTZEL, 1989). Também foram entrevistados descendentes de origem ashkenazita autodeclarados não-falantes. Bert e Grinevald (2010) alertam para o fato de que os indivíduos tendem a minimizar seu conhecimento da língua no contato com o linguista. Na presente pesquisa foi constatado que os não-falantes, por sua vez, tendiam a maximizar o conhecimento dos mais velhos.

Rangel (2017) propõe duas possíveis maneiras de conduzir este tipo de pesquisa sociolinguística. A primeira seria a aplicação de testes, o que exige grande domínio e segurança do pesquisador quanto à língua estudada, e não é o caso. A segunda envolve dados a partir de

“elicitações linguísticas, conversas, narrativas e estímulos diversos” (RANGEL, 2017, p. 118, tradução nossa). O autor adota classificação para os eventos comunicativos ao longo de um *continuum* de acordo com a espontaneidade das práticas (de observados a simulados). Quanto mais distante for a participação do pesquisador, mais espontâneos serão os dados obtidos. No caso da nossa pesquisa, infelizmente, só foram possíveis as simulações, uma vez que o ídiche como sistema não é utilizado em conversas na comunidade. Para que fosse possível obter amostragem de itens lexicais presentes no falar dos participantes, seria necessário número impraticável de horas, em meio a situações familiares privadas.

Como método de identificação dos falantes passivos, devido ao pouco conhecimento autodeclarado pela maioria dos entrevistados, escolheu-se a “elicitação inversa”, ou *back translation* – aquele em que os termos na língua estudada são fornecidos, para que sejam traduzidos pelo entrevistado para seu idioma de trabalho – ou, no caso deste estudo, apenas identificados como familiares sem, no entanto, conseguirem traduzir. Grinevald (2010) aponta que a elicitação inversa constitui método adequado para a verificação e sucede-se que esta pesquisa se propõe, justamente, a verificar o conhecimento ou reconhecimento dos entrevistados com relação à língua ídiche, sem intimidá-los quanto ao seu desconhecimento. A música, cantigas, provérbios, ditos, poesias proporcionariam, possivelmente, bons gatilhos de “reativação” do conhecimento passivo, despertando a memória afetiva, e por isso foram também indagados durante os encontros.

As entrevistas foram, quando nos foi autorizado pelo entrevistado, transcritas, porém, editadas de maneira a manter apenas as informações relevantes, excluindo-se qualquer história pessoal não relacionada que viesse à tona, para preservar a vida pessoal e opiniões dos sujeitos a respeito de assuntos diversos. As transcrições não seguiram padrão fonético ou prosódico, representando as entrevistas em formato de texto tradicional.

3.1. ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Para condução das entrevistas, foram aplicados oralmente dois questionários, explicados de forma segmentada, a seguir.

3.1.1. Questionário Sociolinguístico

O primeiro questionário é o questionário sociolinguístico, que foi concebido de acordo com necessidades descobertas nos primeiros contatos com elementos-chave da comunidade. As

questões pretenderam não apenas obter respostas objetivas, como também estimular a memória relativa à história da língua e de seus falantes. Procura-se receber, com isso, dados lembrados ou observados pelos entrevistados posteriormente, ao longo das diferentes seções do questionário, além das esperadas respostas imediatas e simplificadas. O questionário sociolinguístico envolve questões fechadas, com respostas positivas/negativas e de gradação (dirigidas), e questões abertas que permitem que o entrevistado se expresse e sinta sua história e cultura valorizadas (semidirigidas).

Uma vez que, por não constituir objetivo desta pesquisa, a maior parte das respostas ao questionário sociolinguístico não foi sistematizada na análise de dados, alguns dos resultados serão mencionados brevemente nesta seção.

A primeira seção pretendeu obter informações pessoais básicas, mas também a história familiar conhecida pelo entrevistado, de forma a identificar possíveis semelhanças para estabelecer perfis, ao mesmo tempo, buscando estabelecer conexão e empatia com o entrevistado, ao demonstrar interesse pelo que ele tinha a dizer. Em geral, esta etapa se deu de forma satisfatória, uma vez que a maior parte dos entrevistados estava contente em lembrar o passado e ser ouvida. Nenhum informante viveu a repressão que causou a migração dos parentes para o Brasil, o que talvez explique a ausência de resistência ao relato gerado pelo trauma.

Figura 1 – Ficha pessoal do entrevistado – p. 1 do Questionário Sociolinguístico

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGÜÍSTICO		Data	Nº
Nome			
Endereço			
Telefone		E-mail	
Profissão		Sexo / gênero	
Escolaridade			
Data de nascimento		Local de nascimento	
Estado civil			
Línguas que sabe			
Língua na qual se expressa melhor			
Geração no Brasil		Materna	Paterna
Origem			
Data da chegada			

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

A parte em que o entrevistado relatava a história familiar envolvia espaços separados para a mãe, avó materna, avô materno, pai, avó paterna e avô materna. Ao longo do processo, foi identificada, por vezes, a necessidade de inserção de informações sobre o cônjuge e, até mesmo, sobre bisavós. Foi indagado sobre o conhecimento e contato com o ídiche destes familiares, mas o entrevistado ficou livre para relatar sua história. Conforme a necessidade, em alguns momentos foram feitas interferências para guiar a continuidade do relato e preencher lacunas, como “por que seus pais vieram para o Brasil?”, ou “qual era a profissão de X lá?”.

Aqui, devem ser feitas ressalvas quanto aos fatos e histórias contados durante os depoimentos. Além de serem baseados em interpretações pessoais dos acontecimentos, o tempo decorrido desde os eventos compromete sua precisão. Pfeffer alerta que os entrevistados oferecem “uma interpretação dos fatos, em diversos níveis de profundidade. (...) uma imagem relativamente coerente dos fatos, mas não necessariamente objetiva. (...) as narrativas comunicam experiência” (PFEFFER, 2003, p. 19). Isso pode ser observado em alguns dos depoimentos provenientes de membros de mesma família, onde foram observadas divergências quanto à história dos antepassados.

Figura 2 – Informações familiares do entrevistado – p. 2 do Questionário Sociolinguístico

Mãe			
Língua materna			
Língua falada no lar onde cresceu			
Ídiche	fala	entende	se interessa
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com quem usa / usava			
Em que contexto / com que propósito			
História Familiar			

Em seguida, foi indagado sobre familiares que possivelmente conhecessem ou se interessassem pelo ídiche. Não houve resposta positiva para alguém que se interessasse pelo ídiche, somente foram citados alguns parentes mais velhos ditos falantes de ídiche. Este resultado correspondeu ao que se esperava.

Figura 3 – Conhecimento de familiares do entrevistado – p. 5 do Questionário Sociolinguístico

Familiares	parentesco	fala	entende	se interessa
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

A próxima seção diz respeito ao ídiche na comunidade belo-horizontina, com perguntas a fim de aferir a consciência do entrevistado quanto à percepção da língua possivelmente presente ao seu redor. Alguns sujeitos disseram que a língua é ainda usada por poucas pessoas, outros que nunca é usada. Não foram identificados quaisquer grupos ou eventos relacionados à língua na comunidade.

Figura 4 – Uso do ídiche na comunidade – p. 5 do Questionário Sociolinguístico

Ídiche na comunidade
O ídiche é utilizado na comunidade?
Por quem?
Em que situação ou contexto?
Há algum grupo ou evento periódico específico da língua na comunidade?
O ídiche sofreu/sofre algum preconceito? Foi/é mal visto?
Por que ele parou/está parando de ser falado?

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

O conhecimento do ídiche autodeclarado pelo entrevistado foi descrito na seção seguinte. O interesse dos mais novos em aprender era, em geral, associado ao interesse em aprender qualquer língua, não especificamente o ídiche. Caso o entrevistado declarasse usar ídiche, era preenchida a seção “propósito do uso”, com alternativas propostas e aberta a outras quaisquer que ele mencionasse.

Figura 5 – Conhecimento do entrevistado – p. 6 do Questionário Sociolinguístico

Conhecimento de ídiche do participante			
<input type="radio"/> Lê	<input type="radio"/> Escreve	<input type="radio"/> Fala	<input type="radio"/> Entende
<input type="radio"/> Sabe	<input type="radio"/> Não sabe	<input type="radio"/> Gostaria de aprender	
Como / com quem aprendeu			
Com quem fala / usa			
Onde fala / usa			
Usa	sempre	às vezes	nunca
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Propósito do uso			
Cantar	<input type="radio"/>		
Conversar	<input type="radio"/>		
Xingar	<input type="radio"/>		
Ocultar	<input type="radio"/>		
Outros	<input type="radio"/>		

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

A terceira parte desta página buscava saber o tipo de contato que o informante tinha com a língua, se houvesse algum. Os únicos contatos mencionados foram com música e literatura traduzida.

Figura 6 – Contato do entrevistado com o ídiche – p. 6 do Questionário Sociolinguístico

Tipo de contato	Qual
Música	<input type="radio"/>
Literatura	<input type="radio"/>
Imprensa escrita	<input type="radio"/>
Rádio / podcast	<input type="radio"/>
Outros	<input type="radio"/>

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

O entrevistado era, então, indagado sobre seu conhecimento de produtos e memórias da cultura ídiche. As menções mais frequentes foram de xingamentos, insultos e palavrões.

Figura 7 – Lembrança espontânea de expressões – p. 7 do Questionário Sociolinguístico

Conhece
Provérbios
Poesias
Cantigas
Contos
Orações
Xingamentos e insultos
Outros

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

Buscando a reflexão do informante sobre a língua, foi introduzida seção em que se perguntava, dentro do que ele soubesse ou supusesse, sobre o estado de sobrevivência do ídiche, a importância em sua vida e se achava que deveria ser resgatado. Esta parte teve como objetivo avaliar a identificação do entrevistado com a cultura ídiche/ashkenazita.

Figura 8 – Estado atual do ídiche – p. 7 do Questionário Sociolinguístico

Status			
O ídiche está	<input type="radio"/> vivo	<input type="radio"/> morrendo	<input type="radio"/> morto
Importância do ídiche na sua vida			
	<input type="radio"/> grande	<input type="radio"/> pequena	<input type="radio"/> nenhuma
Deve ser resgatado			
	<input type="radio"/> sim	<input type="radio"/> não	<input type="radio"/> não sabe

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

Finalmente, foram mencionados conceitos para que o entrevistado dissesse se os associava ao ídiche. Eles puderam, também, sugerir outros que julgassem pertinentes.

Figura 9 – Associações pessoais ao ídiche – p. 8 do Questionário Sociolinguístico

Associações
<input type="radio"/> afeto
<input type="radio"/> tradição
<input type="radio"/> luto
<input type="radio"/> obsoleto
<input type="radio"/> família
<input type="radio"/> segredo
<input type="radio"/> sagrado
<input type="radio"/> informal
<input type="radio"/> ironia

Fonte: Questionário Sociolinguístico elaborado pela autora, 2022

Recomendações de metodologias para entrevista em pesquisa sociolinguística foram consideradas: as entrevistas foram conduzidas de maneira a demonstrar interesse naquilo que o entrevistado se propunha a contar, atentando para e registrando anedotas, lembranças, considerações e posições pessoais. Deixou-se claro que o desconhecimento da língua não implicaria fracasso em qualquer aspecto e que não havia expectativa quanto aos resultados da pesquisa. O questionário sociolinguístico foi preenchido, predominantemente, através de

conversa semidirecionada e, na medida do possível, espontânea, evitando a sucessão de perguntas que caracterizaria situação demasiadamente artificial e distante. A conduta adotada será descrita em maiores detalhes na seção 3.2.

3.1.2. Questionário Semântico-lexical

O segundo questionário é o semântico-lexical, que foi elaborado de maneira a tornar a experiência da entrevista o mais próximo de um evento comunicativo espontâneo possível, dentro das limitações impostas pela ausência de interações entre os falantes. Ele foi constituído por três seções. Primeiramente, o entrevistado foi exposto a 16 situações hipotéticas de maneira a induzir o uso de expressões em ídiche comumente utilizadas no dia-a-dia em outras comunidades judaicas pelo mundo, e deveria reagir com a maior naturalidade que lhe fosse possível. As respostas obtidas foram, em grande parte, diferentes das esperadas, mas tudo o que se provou, através de pesquisa posterior, coerente, foi aceito como resposta.

Na ausência de material semelhante para a realidade brasileira, os termos e expressões em ídiche foram retirados, em sua maioria, do levantamento feito por Rosten em *The joys of Yiddish* (2001), material sobre o ídiche utilizado em meio e, até mesmo, incorporado ao inglês, principalmente dos Estados Unidos. Rosten chama os termos incorporados ao inglês dos Estados Unidos de *Ameridish* e aqueles incorporados ao inglês em geral de *Yinglish*. Adicionalmente, foram inseridas expressões do pouco que foi encontrado em websites e blogs informais diversos sobre ídiche no Brasil, além de expressões conhecidas pela pesquisadora.

Figura 10 – Associações pessoais ao ídiche – p. 9 do Questionário Semântico-lexical

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL TIPO A		Data	Nº
Nome			
SITUAÇÕES	EXPRESSÕES ESPERADAS		
Comida te dá nojo	<input type="radio"/> <i>Feh!</i>		
Pessoa começa a contar história e para, você quer saber o resto	<input type="radio"/> <i>Nu?</i>		
Pessoa te conta algo ruim e inesperado	<input type="radio"/> <i>Oy vey...</i> <input type="radio"/> <i>Goyish</i>		
Para despedir-se de alguém	<input type="radio"/> <i>Zai gzunt / a bi gzunt</i>		

Em um segundo momento, o participante ouvia palavras de conteúdo lexical e uso cotidiano em português e deveria traduzi-las diretamente para o ídiche. As palavras foram escolhidas dentre termos comuns de uso cotidiano, constituindo substantivos, adjetivos e alguns poucos advérbios. A expectativa era a de que poucos entrevistados responderiam significativamente às duas primeiras seções do questionário semântico-lexical. Caso se percebesse, ao fim de 10 a 15 palavras escolhidas dentre as da lista, que o entrevistado não era capaz de prover quatro ou cinco das versões em ídiche, ou que ele estava se sentindo desconfortável em não saber as respostas, esta etapa era interrompida, uma vez que não era o foco da pesquisa. Por outro lado, caso se notasse que o entrevistado se sentia estimulado com a tarefa, a etapa era continuada até o fim da lista, que continha total de 48 palavras.

Figura 11 – Traduções para ídiche – p. 11 do Questionário Semântico-lexical

TRADUÇÕES	
PORTUGUÊS	ÍDICHE
Mãe	<input type="radio"/> <i>mame</i>
Pai	<input type="radio"/> <i>tate</i>
Avô	<input type="radio"/> <i>zeyde</i>
Filha	<input type="radio"/> <i>tokhter / tekhter</i>
Tio	<input type="radio"/> <i>feter</i>
Sapato	<input type="radio"/> <i>shukh</i>
Sinagoga	<input type="radio"/> <i>shul</i>

Fonte: Questionário Semântico-lexical elaborado pela autora, 2022

A terceira parte consistiu na exposição do participante a palavras e expressões comuns em ídiche para que ele indicasse se as conhecia e sabia o significado, sendo identificado como possível semifalante, ou se pelo menos as reconhecia ao ouvi-las, ou seja, que pode ser

classificado como conhecedor passivo, ou lembrador. Os termos foram escolhidos, majoritariamente, do material de Rosten (2001), seguindo os seguintes critérios: a) excluíram-se os classificados somente como *Ameridish* ou *Yinglish*; b) excluíram-se os que eram idênticos a suas versões em hebraico, para evitar ao máximo interferência do conhecimento desta língua; c) foram mantidos e agrupados aqueles de igual significado, com pequenas diferenças na pronúncia ou escrita, uma vez que o entrevistado poderia reconhecer apenas uma das versões.

Para esta etapa, foi elaborada classificação em diferentes formas de conhecimento dos termos listados. Ao ouvir cada termo, seria constatado que o entrevistado:

Tabela 3 – Formas de Conhecimento

RE – Reconhece
Acredita ou tem certeza de já ter ouvido antes. Muitas vezes tem a sensação de “estar na ponta da língua”, tentando se lembrar do significado.
CO – Conhece
Fornecer o significado esperado, indicado pela bibliografia.
U – Usa
Fornecer o significado esperado, indicado pela bibliografia, e diz usá-lo no dia-a-dia.
NC – Desconhece e não reconhece
Acredita nunca tê-lo ouvido antes.

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Ao longo das entrevistas, foi identificada necessidade de incluir outras categorias, que foram registradas mesmo sem constar no questionário, e se mostraram extremamente produtivas, quando o entrevistado:

Tabela 4 – Formas de Conhecimento (2)

<p>CFD – Conhece com Forma Diferente</p> <p>Conhece com forma não idêntica (pronúncia, junção de palavras, dentre outros), porém, o termo é possível de ser reconhecido, e com o significado esperado, indicado pela bibliografia.</p>
<p>CSD – Conhece com Significado Diferente</p> <p>Fornece significado inesperado, não indicado pela bibliografia, mas verificado posteriormente como procedente.</p>
<p>CSL – Conhece com Significado Literal</p> <p>Conhece e fornece o significado literal do termo, em lugar daquele esperado, indicado pela bibliografia.</p>
<p>UFD – Usa com Forma Diferente</p> <p>Conhece com forma não idêntica (pronúncia, junção de palavras, dentre outros), porém, o termo é possível de ser reconhecido, com o significado esperado, indicado pela bibliografia, e diz usá-lo no dia-a-dia.</p>
<p>USD – Usa com Significado Diferente</p> <p>Fornece significado inesperado, não indicado pela bibliografia, mas verificado posteriormente como procedente, e diz usá-lo no dia-a-dia.</p>
<p>USL – Usa com Significado Literal</p> <p>Conhece e fornece o significado literal do termo, em lugar daquele esperado, indicado pela bibliografia, e diz usá-lo no dia-a-dia.</p>

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Finalmente, para a classificação dos dados, fez-se necessária a inserção das categorias expandidas CX, que seria a soma dos termos conhecidos com qualquer forma e significado (ou seja, CO, CFD, CSD e CSL) e CUX, a soma de todas as categorias de conhecimento e uso (CO, CFD, CSD, CSL, U, UFD, USD, USL).

Tabela 5 – Formas de Conhecimento (3)

<p>CX – Conhece com qualquer forma ou significado</p> <p>Soma das categorias CO, CFD, CSD e CSL</p>
<p>CUX – Conhece ou usa com qualquer forma ou significado</p> <p>Soma das categorias CO, CFD, CSD, CSL, U, UFD, USD e USL.</p>

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Figura 12 – Reconhecimento de expressões – p. 15 do Questionário Semântico-lexical

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL TIPO B		Data			Nº
Nome					
PERCEPÇÕES					
Expressões / palavras	reconhece	sabe	usa	n/a	português
<i>zay gezunt / a bi gezunt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tchau
<i>a nekhtiker tog</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	“sem chance”, “de jeito nenhum”
<i>agode / hagode</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	fábula, história
<i>alter kaker</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	expressão ofensiva
<i>balagan</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	bagunça
<i>baleboste</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	dona-de-casa
<i>bisl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	um pouco

Fonte: Questionário Semântico-lexical elaborado pela autora, 2022

A menção às palavras funcionou, muitas vezes, como gatilho para que o entrevistado se lembrasse de outras, que estavam “adormecidas”. Os informantes se sentiam, em geral, satisfeitos nestes momentos, e diziam relacionar os termos a lembranças de suas infâncias. Eles também, por vezes, reconheciam ou conheciam palavras que não associavam ao ídiche, mas que ouviam, conheciam ou usavam.

É importante destacar que aqui nos deparamos com o “paradoxo do observador” (LABOV, 2008). Ao fornecer as palavras e expressões a serem possivelmente reconhecidas pelo entrevistado, o entrevistador participaria na perturbação da naturalidade do uso. Sucede-se que a presente pesquisa apresenta caráter distinto daquelas em que se busca encontrar a fala natural, uma vez que para identificar o uso de expressões em ídiche na comunidade seria necessário *corpus* presencial em interações muito maior do que seria possível nesse tempo de

pesquisa. Ademais, o objetivo principal do tipo de entrevista adotado consiste em despertar memórias e reativar vocabulário passivo de cujo próprio conhecimento os entrevistados não estariam conscientes, o que justifica a escolha.

3.2. CONDUTA DO ENTREVISTADOR

As gravações das entrevistas foram estruturadas no formato sugerido por Rodrigues e Binet, (2015), com o pedido de autorização sendo realizado após as saudações e em meio à contextualização do pedido. O pedido propriamente dito deve ser elaborado de maneira a não interromper o fluxo da conversa, delicadamente e deixando claro que a gravação pode ser recusada sem que haja prejuízo para o entrevistado ou que sua entrevista seja excluída. Caso o entrevistado tivesse dúvidas sobre a razão ou destino das gravações, foi esclarecido que o conteúdo só seria transcrito e utilizado no estudo com consentimento escrito obtido ao fim da entrevista, para que ele pudesse julgar de acordo com suas respostas se admite torná-las publicadas. A opção pela gravação sem autorização para publicação não invalidaria o uso das informações obtidas para fins de levantamento, a não ser que o entrevistado manifestasse decisão de ser excluído da pesquisa.

Segundo Rodrigues e Binet, os pedidos de consentimento para gravação em pesquisas

não são uma tarefa meramente burocrática, mas sim um trabalho relacional, quer se trate de um trabalho de construção da própria relação interacional, quer se trate de um trabalho que se inscreve numa história relacional anterior e, deste modo, contribua para o seu aprofundamento ou para a sua reelaboração. (RODRIGUES e BINET, 2015, p. 23)

Também deve-se esclarecer que a qualquer momento o entrevistado se resguardou o direito de não responder a questões e interromper ou desistir da entrevista. Estes direitos foram registrados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos entrevistados, mas foram também reforçados no momento da entrevista.

O TCLE esclareceu os objetivos da pesquisa (fomentar discussões a respeito do ídiche, despertando a memória e o interesse pela língua e por outros aspectos da cultura ashkenazita, identificar o papel da cultura ídiche na comunidade, valorizar a cultura e a língua e despertar a curiosidade de não-falantes), a estrutura da entrevista, e buscou desinibir os entrevistados:

Todas as perguntas ou itens podem ser respondidos negativamente, e o(a) Sr(a). não deve se sentir pressionado(a) a fazer o contrário. Não é necessário ter qualquer conhecimento da língua em estudo e, independentemente de seu conhecimento, sua participação terá valor essencial nesta pesquisa. (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido elaborado pela autora, 2022, p. 1).

O documento também especificou a garantia de privacidade das informações, permitindo, inclusive, diferentes níveis de privacidade à escolha do entrevistado:

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que, em caso de obtenção de documentos, fotografias ou gravações de voz, os materiais ficarão sob a propriedade do pesquisador responsável durante dois anos após a conclusão do estudo, após os quais serão direcionados aos arquivos do Instituto Histórico Israelita Mineiro – IHIM. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr(a). não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo sem autorização prévia. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Autorizo:	SIM	NÃO
Publicização do meu nome completo na pesquisa		
Utilização somente de abreviação do meu nome na pesquisa		
Gravação de áudio da entrevista		
Disponibilização do áudio da entrevista na pesquisa em questão		
Disponibilização da transcrição da entrevista na pesquisa		

(Termo de Consentimento Livre e Esclarecido elaborado pela autora, 2022, p. 2).

A obtenção de dados de naturezas diversas no questionário sociolinguístico tornou necessário realizar escolhas, por isso, nem toda a informação obtida foi categorizada. Não foram quantificados, por exemplo, o tipo de contato do informante com o ídiche, nem o propósito do uso. No entanto, resumos das entrevistas podem ser obtidos no apêndice A deste estudo, restringindo-se àquilo para o qual foi concedida aprovação pelos entrevistados. As transcrições das entrevistas não foram incluídas no trabalho apresentado, assim como suas gravações em áudio, por limitações de tempo hábil para editá-las e formatá-las, de acordo com os diferentes graus de privacidade requeridos pelos entrevistados.

Foi feita a compilação dos tipos de dados escolhidos, obtidos tanto com os questionários, quanto durante as conversas nas entrevistas. Os termos foram classificados segundo seu uso ou função, de forma a tirar possíveis conclusões quanto às razões de sua sobrevivência em meio a tantas outras perdas. As informações foram utilizadas na geração de gráficos e tabelas por recortes diversos.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Devido à relativa diversidade de origem dos imigrantes judeus encontrada na pesquisa (11 origens dentre 19 entrevistados), o ídiche se confirmou nas entrevistas com os membros mais idosos como sendo a principal forma de comunicação entre os ashkenazitas da primeira geração que chegou a Belo Horizonte. Esta situação ilustra o status do ídiche como meio de conexão entre os judeus ashkenazitas pelo mundo.

A partir dos resultados linguísticos obtidos, foi possível realizar análises com variáveis diversas: idade, número de gerações nascidas no Brasil, línguas dominadas pelos falantes, línguas de origem das palavras propostas, tipos de palavras ou contextos nos quais elas seriam utilizadas, dentre outras. Foram realizados muitos cruzamentos de dados, mas, por restrições impostas pelas dimensões do trabalho e pelo tempo concedido, aqui serão explorados apenas alguns.

Feita a ressalva de que o número de entrevistados (19 membros entre 32 e 93 anos de idade) não é grande o suficiente para ser representativo da totalidade da comunidade, foram elaborados perfis por idade. A variável sociolinguística mais significativa para o conhecimento do ídiche na comunidade estudada foi constatada como sendo a idade dos entrevistados, ou número de gerações nascidas no Brasil desde a imigração dos ancestrais.

4.1. PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Os entrevistados foram divididos em três grupos, de acordo com suas faixas etárias, da seguinte forma:

GRUPO 1 – 81 a 93 anos

GRUPO 2 – 58 a 74 anos

GRUPO 3 – 32 a 43 anos

A classificação foi demarcada levando em conta a idade exata dos entrevistados, em vez de utilizar toda a década de nascimento, uma vez que a amostra é demasiadamente reduzida para garantir generalização dos perfis etários. Os resumos das entrevistas constam no Apêndice A – apenas quando nos foi autorizado pelos participantes incluí-los.

Foram entrevistados sete informantes do Grupo 1. Suas idades são 81, 84, 89, 90 (dois deles), 91 e 93. Dentre eles, há apenas um homem. Todos pertencem à primeira geração nascida

no Brasil, à exceção de um, que nasceu na Polônia, mas mudou-se com os pais para o Brasil aos três anos de idade, tendo declarado o português como sua língua materna. As famílias vieram da Alemanha (um), Polônia (quatro), Romênia (um) e Rússia (uma). Um entrevistado optou por não fornecer informações pessoais, como a origem de sua família, apenas linguísticas. Suas informações constarão, quando fornecidas, nas tabelas e gráficos, em meio às dos demais entrevistados, sem que haja qualquer identificação.

Assim como nos demais grupos, os sete integrantes do Grupo 1 declaram saber inglês, em níveis a partir do intermediário. Dentre eles, cinco conhecem também francês, cinco declaram falar ídiche, um alemão, um hebraico, um espanhol e um italiano. Um dos informantes é totalmente assimilado desde a infância, não tendo os pais seguido a religião ou tradições judaicas. Seu contato com o ídiche se deu devido à conversa mesclada entre os pais – um falava em ídiche e o outro respondia em alemão.

Neste grupo, quatro entrevistados vieram para Belo Horizonte do Rio de Janeiro, dois já em idade adulta, ao se casarem, outros dois com os pais, ainda crianças. Dentre as razões citadas por entrevistados para a escolha dos pais por Belo Horizonte, se destacam os tratamentos para doenças respiratórias realizados na cidade à época – um dos participantes mencionou o Dr. José Feldman como referência para atendimento aos judeus.

O Grupo 2, composto de quatro integrantes de 58, 60, 69 e 74 anos, é bastante heterogêneo. Três deles são de primeira geração nascida no Brasil, enquanto um é de segunda. Um teve muito contato com a língua, falada pelos avós, de origem na Rússia e Bessarábia (hoje também pertencente à Rússia), e parentes mais velhos. Entre os dois de origem polonesa, observa-se grande diferença em nível de conhecimento do ídiche. O quarto tem ambas origens turca e francesa, ashkenazita e sefardita, tendo a família optado pelas tradições da última. Todos os entrevistados deste grupo falam francês, dois falam espanhol, dois italiano e um ladino (oficialmente judeu-espanhol)¹⁰.

Novamente, percebe-se que muitas famílias passaram pelo Rio de Janeiro, em gerações anteriores àquelas dos integrantes do Grupo 2. Neste grupo há também, assim como no Grupo 3, menção a familiares que vieram do Rio Grande do Sul.

O Grupo 3 é composto por oito participantes, de 32, 35 (dois deles), 36, 37, 39, 40 e 43 anos. Seus resultados podem ser fortemente afetados pelo estudo, por seis deles, do hebraico, fortemente incentivado por iniciativas sionistas e movimentos juvenis, como o *Habonim Dror*¹¹.

¹⁰ Ainda que “ladino” não seja o termo correto atualmente, foi utilizado neste estudo por ter sido assim mencionado pelo único entrevistado que o citou como língua falada.

¹¹ cf. <https://habonimdrorbrasil.com/>

É interessante notar que um integrante deste grupo é o entrevistado de origem mais antiga no Brasil, pertencendo à quinta geração de nascidos no país. A sua origem era desconhecida pela família e sua identificação partiu de uma casualidade que levou a pesquisa pessoal. Os demais sete entrevistados são de gerações mais recentes no Brasil – quatro são de segunda geração e três de terceira. Os entrevistados têm origem na Polônia (dois), França (dois), Turquia, Palestina, Inglaterra, Bessarábia e Israel, e um deles não sabe dizer se na Ucrânia ou Rússia. Além do hebraico falado por seis deles, cinco dominam o espanhol, dois o francês e um o italiano.

Para os integrantes abaixo de 40 anos do Grupo 3, o fato de serem descendentes de ashkenazitas é, algumas vezes, desconhecido pelos próprios entrevistados e, em geral, não exerce influência nos costumes da vida judaica que possuem. Dentre os seis entrevistados nesta faixa etária, um mencionou que desconhecia a informação até ser abordado para esta pesquisa, quando indagou à família. Outro entrevistado relatou que só tomou conhecimento de que havia dois grupos diferentes dentre os judeus – ashkenazita e sefardita – já em idade adulta, em sua estadia em Israel, graças a piadas realizadas entre membros de um em relação a outro. Outros dois entrevistados, totalmente assimilados e sem contato com o judaísmo, também desconheciam a existência das diferenças, ou nunca haviam refletido sobre isso.

Há expressões reconhecidas pelos autodeclarados não-falantes que não eram identificadas por eles como ídiche, fazendo parte do vernáculo familiar ouvido. No caso de um entrevistado totalmente assimilado de terceira geração nascida no Brasil, sem contato com a comunidade, somente era conhecida uma palavra – *kosher* – e outra foi reconhecida – *shleper*. Ao ouvir a última, relatou que não sabia o que significava, mas que ouvia o pai falando. No entanto, não havia se dado conta de que era ídiche.

O quadro abaixo resume as informações pessoais – idade, geração nascida no Brasil, línguas que sabe (excluindo-se o inglês, falado por todos) e origem da família – concedidas por cada entrevistado, aqui representados por letras. Cada linha diz respeito a um entrevistado, sendo que as três cores – vermelho, amarelo e azul – representam, doravante, respectivamente os grupos 1, 2 e 3:

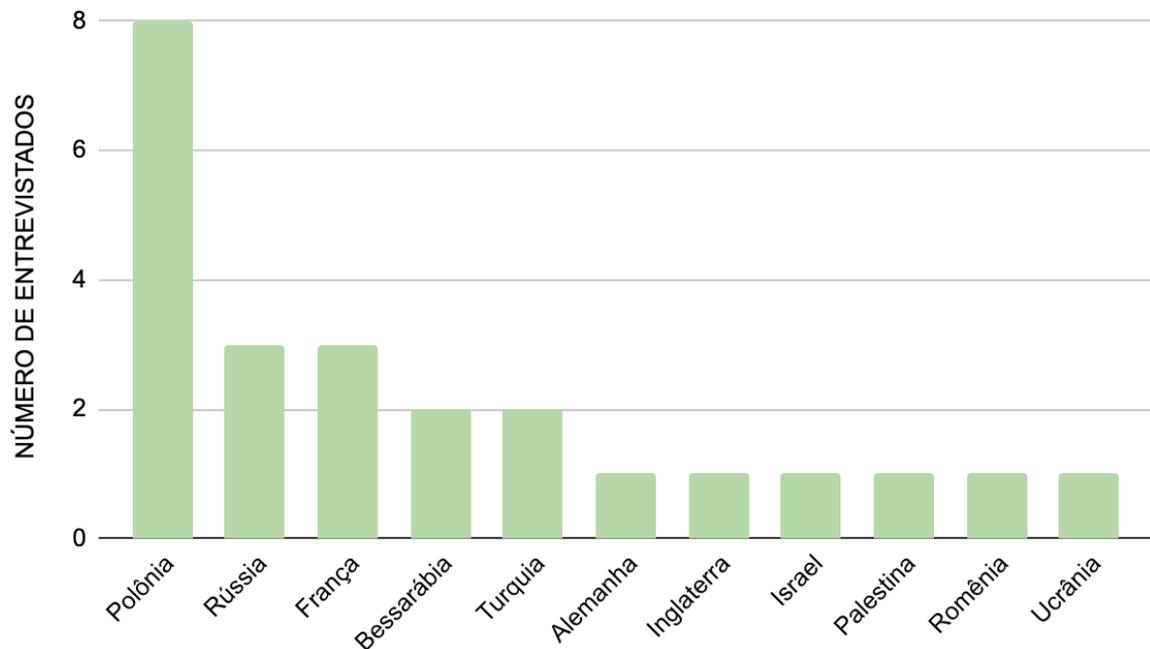
Tabela 6 – Resumo do perfil de cada entrevistado

	IDADE	GER.	LÍNGUAS QUE CONHECE							ORIGEM DA FAMÍLIA	
			Franc	Espan	Hebr	Ídich	Itali	Ladin	Ale		
ENTREVISTADOS	A.	89	1ª								Romênia
	B.	43	3ª								Bessar./Israel
	C.	60	1ª								Polônia
	D.	40	5ª								Inglaterra
	E.	35	2ª								França
	F.	32	2ª								Polônia
	G.	81	1ª								Polônia
	H.	69	2ª								Bessar./Rússia
	I.	91	1ª								-
	J.	37	3ª								Ucr. ou Rússia
	K.	93	0								Polônia
	L.	58	1ª								Polônia
	M.	90	1ª								Rússia
	N.	36	3ª								Palestina
	O.	39	2ª								França/Turq.
	P.	74	1ª								França/Turq.
Q.	90	1ª								Polônia	
R.	35	2ª								Polônia	
S.	84	1ª								Polônia/Alem.	

LEGENDA					
GER.	geração nascida no Brasil	Ídich	ídiche	Bessar.	Bessarábia
Franc	francês	Itali	italiano	Ucr.	Ucrânia
Espan	espanhol	Ladin	ladino	Turq.	Turquia
Hebr	hebraico	Ale	alemão	Alem.	Alemanha

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Gráfico 1 – Origem dos entrevistados

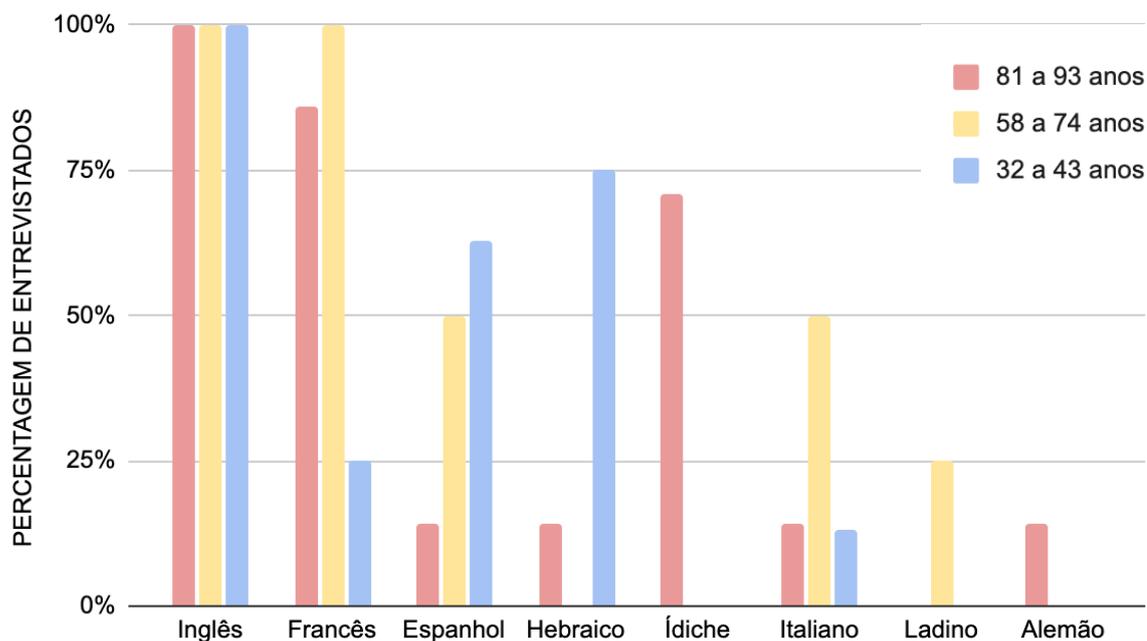


Fonte: elaborado pela autora, 2022

Ainda que as delimitações políticas e geográficas tenham sofrido alterações desde as migrações, as origens não foram agrupadas em famílias ou atualizadas, por questões identitárias, mantendo-se aqui os países como foram mencionados pelos entrevistados. Cinco deles têm origem em dois países diferentes e um não soube dizer se ucraniana ou russa, de modo que foi inserido nas duas categorias. Dois entrevistados de origem polonesa pertencem à mesma família, de gerações diferentes, mesmo caso de dois entrevistados de origem turca e francesa. Ainda assim, a Polônia se destaca como principal origem dos informantes na pesquisa (oito entrevistados), seguida pela Rússia e França (ambas com três entrevistados), e Bessarábia e Turquia (dois entrevistados). As demais origens – Alemanha, Inglaterra, Israel, Palestina, Romênia e Ucrânia – obtiveram apenas uma ocorrência.

A partir deste ponto, a distribuição etária nos gráficos se dará de forma a observar a proporção dos grupos nos resultados. Uma vez que não foi entrevistado o mesmo número de pessoas por grupo, foi realizada a média dos resultados para cada um dos grupos. Esse sistema torna a pesquisa menos comprometida pela assimetria de entrevistados em cada grupo e permite a comparação da distribuição e proporção dos grupos nos gráficos.

Gráfico 2 – Conhecimento de línguas autodeclarado pelos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Todos os participantes dominam o inglês em alguma medida. Os entrevistados autodeclarados falantes de ídiche se resumem a integrantes do Grupo 1. Em contraste, na coluna do hebraico estão presentes somente os integrantes dos grupos 1 e 3, o que demonstra forte relação das gerações mais novas com a língua oficial em Israel. O único integrante do Grupo 1 falante de ídiche residiu temporariamente em Israel. Constata-se que houve, entre as gerações dos grupos 1 e 3, mudança na língua mais associada a sua identidade judaica, do ídiche, em direção ao hebraico.

O francês é falado por grande parte dos integrantes dos grupos 1 e 2, mas sofreu grande diminuição ao longo das gerações mais novas, o que pode ser explicado pela perda de seu prestígio como língua de comunicação mundial para o inglês ao longo do tempo.

O espanhol é falado principalmente pelo Grupo 3, o que pode ser explicado pelo fato de que o ensino da língua passou a ser difundido nas escolas regulares a partir desta geração. O Grupo 1, de primeira geração nascida em contato com a nova realidade latino-americana, possui apenas um integrante nesta coluna.

O resultado relativo aos falantes de italiano é incidental, pois não apresenta qualquer relação com o judaísmo ashkenazita, e está relativamente bem distribuído ao longo dos grupos, não devendo ser considerado como representativo. O ladino é mencionado por apenas um dos participantes da pesquisa, de origem também sefardita, e o alemão por outro, único de origem alemã – a disparidade entre as alturas das barras no gráfico se dá pela diferença do tamanho da

amostragem por grupo. Dessa forma, para um grupo composto por quatro integrantes, se apenas um fala ladino, ele corresponde a 25% da amostragem deste grupo. O único falante de alemão constitui, por sua vez, 14% do total de seu grupo, uma vez que este é composto por sete integrantes.

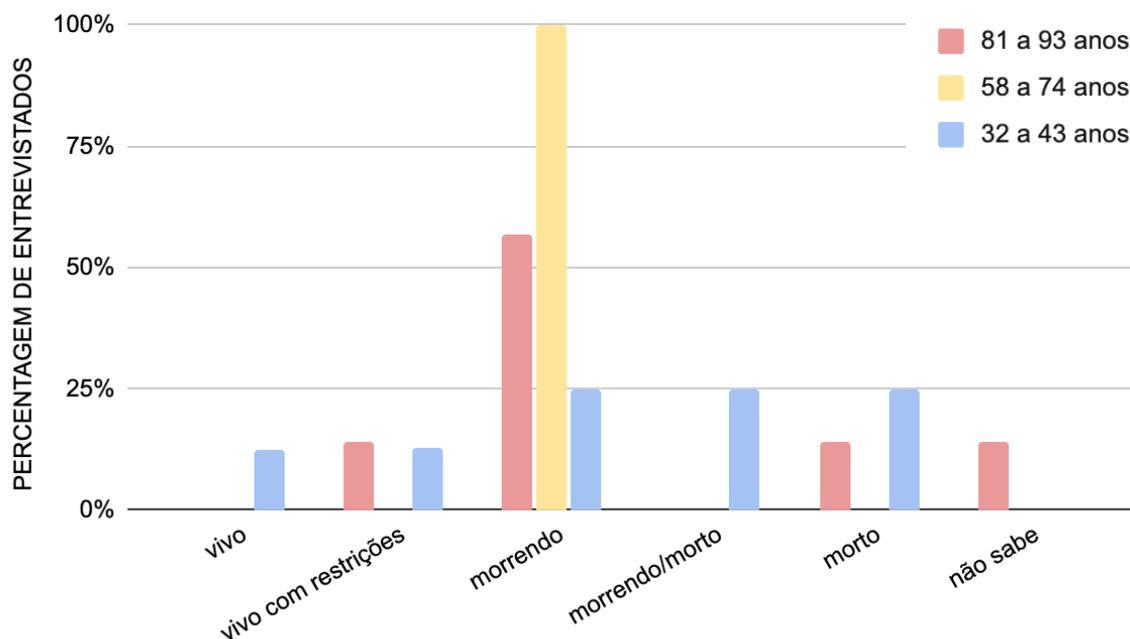
É interessante notar que nenhum dos entrevistados informou dominar polonês ou russo, línguas faladas nos países de origem de 11 deles – somente um entrevistado, do Grupo 1 (1ª geração nascida no Brasil) relatou que os pais conversavam entre si em polonês como língua de ocultação dos filhos. Muitos dos participantes não sabiam dizer se os parentes nascidos em outros países sabiam falar o idioma oficial dos locais, mas estavam certos de que falavam ídiche. Essa informação reflete a situação de isolamento passada pelos judeus à época das migrações, os quais se relacionavam, quase exclusivamente, entre eles, dentro da comunidade. Também demonstra a tentativa de abandonar seus laços com as terras de repressão, não transmitindo as línguas locais aos filhos, mas mantendo a *mameloshn* entre eles, muitas vezes, como relatado pelos entrevistados, para esconder assuntos dos filhos e netos.

Um entrevistado do Grupo 3 (2ª geração brasileira) relatou que seu avô, nascido na Hungria, falava francês – língua do país que o recebeu antes do Brasil – com a família, ídiche com a esposa e não quis transmitir o húngaro para o filho, por julgá-lo inútil. Outro participante, do Grupo 2 (1ª geração nascida no Brasil), conta que sua mãe, vindo de navio da Polônia, servia de intérprete quando a avó queria se comunicar em polonês, que esta não dominava. A mãe do entrevistado dizia para o filho que não se lembrava mais do polonês, língua na qual havia sido alfabetizada, mas ele acha que ela o havia “bloqueado” devido às circunstâncias de repressão sofrida no país de origem.

4.2. RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM O ÍDICHE

Nesta seção, trataremos da percepção dos entrevistados com relação ao ídiche, sua associação afetiva e identificação com a língua e seus julgamentos subjetivos quanto a ela. As perguntas que se seguem não foram antecedidas de qualquer explicação teórica sobre morte ou resgate de línguas, de maneira que os resultados não representam respostas com embasamento teórico, e sim de cunho emotivo, de acordo com a experiência de cada participante. Esta escolha foi deliberada, para induzir a reflexão sobre a língua. Primeiramente, foi perguntado a respeito da percepção pessoal dos entrevistados quanto à sobrevivência do ídiche. Os seguintes resultados foram obtidos:

Gráfico 3 – Estado atual do ídiche segundo entrevistados



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Para a maior parte dos informantes, o ídiche está morrendo. Além das opções apresentadas – *vivo*, *morrendo*, *morto*, *não sabe* – surgiu, durante as entrevistas, demanda pela inserção da categoria *vivo com restrições*, que diz respeito, basicamente, à morte da língua como um sistema produtivo e em uso, mas com a permanência da produção literária combinada às iniciativas de fomento e resgate instituídas por grupos independentes e associações, além do estudo acadêmico. Também houve dois entrevistados, do Grupo 3, que ficaram indecisos sobre a situação do ídiche, entre morrendo e morto, e por isso foi inserida a opção dupla *morrendo/morto*.

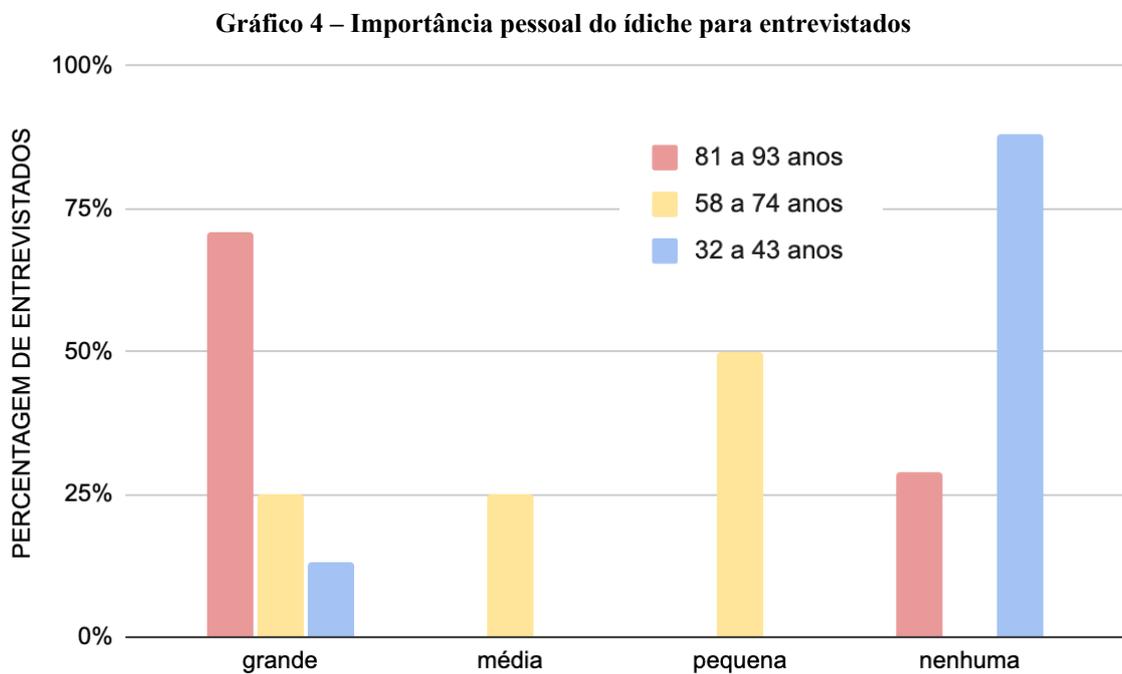
O Grupo 1 teve respostas bem distribuídas dentre as alternativas, mas a maior parte respondeu que o ídiche está *morrendo*. Seu julgamento se deve, principalmente, à perda geracional que observam na comunidade, uma vez que seu contato com a língua fluente se restringia, para a maior parte dos entrevistados, à geração dos pais, que já não vivem mais, e, ao emigrar, haviam perdido contato com demais falantes em seus países de origem. Como últimos conhecedores, os entrevistados deste grupo entendem que o ídiche está presente em sua última geração, fadado a morrer, pois os mais novos não se interessam pela língua.

A totalidade do Grupo 2 também escolheu a alternativa *morrendo*. Assim como os integrantes dos Grupo 1, eles pertencem à primeira geração nascida no Brasil, e só tiveram ou têm contato com o ídiche através dos pais. Porém, são entrevistados mais novos, ou seja, seus pais chegaram ao Brasil ainda crianças ou adolescentes, sendo mais assimilados do que os pais

dos integrantes do Grupo 1. O contato com o ídiche do Grupo 2 foi, portanto, menos frequente e fluente, o que explica sua percepção de que a língua está *morrendo*.

O Grupo 3 teve ocorrências em todas as opções, exceto *não sabe*. Somente um integrante deste grupo considerou o ídiche *vivo*, sem restrições, apesar de não ter nenhuma relação com a língua e julgar que ela não tem qualquer importância em sua vida. Esta diversidade de respostas nos leva a confirmar o desconhecimento dos participantes do Grupo 3 em relação ao ídiche, devido a seu contato restrito ou inexistente com a língua.

Em seguida, foi indagada a importância pessoal do ídiche para os entrevistados, uma pergunta subjetiva:



Fonte: elaborado pela autora, 2022

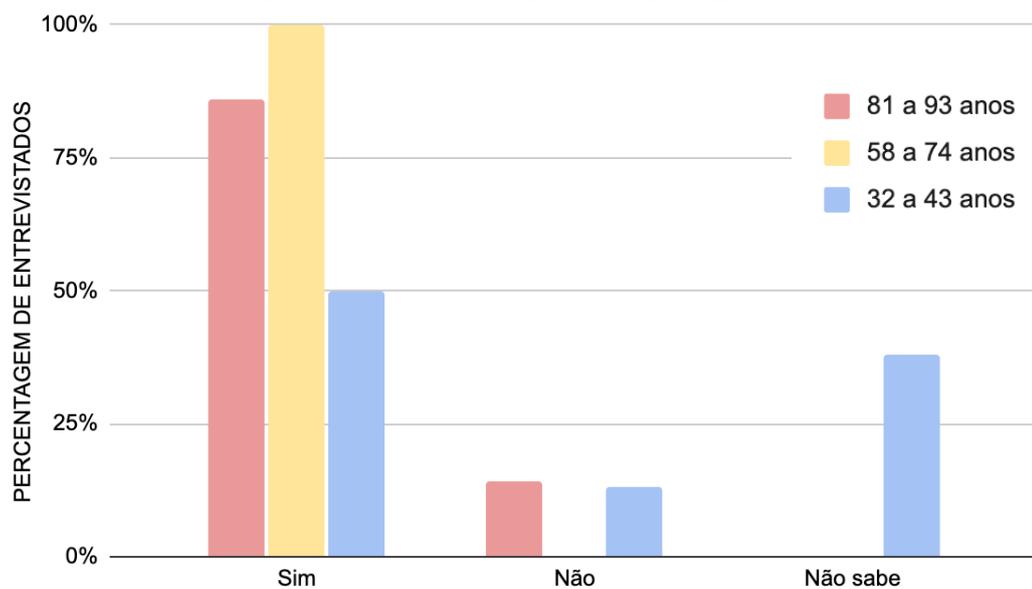
A maior parte dos entrevistados considera que o ídiche não tem importância em suas vidas, principalmente o grupo mais jovem. Além dos três níveis propostos de importância pessoal, um dos integrantes do Grupo 2 não soube definir sua resposta com clareza, e por isso foi introduzida a quarta opção *média*. No entanto, em geral, os resultados não parecem estar tão diretamente relacionados à idade dos entrevistados, e sim ao contato que tiveram com a cultura ídiche em suas famílias e a outras questões subjetivas. Observa-se, por exemplo, que dois dos sete integrantes do Grupo 1 não atribuem qualquer importância à língua, mesmo um deles estando entre os melhores conhecedores segundo os resultados das entrevistas, e tendo se mostrado bom conhecedor da produção cultural ídiche.

Da mesma forma, um dos quatro integrantes do Grupo 2 demonstrou bom conhecimento do ídiche e a entrevista despertou muitas memórias de sua infância, tendo ele até mesmo sugerido que se providenciasse um curso da língua, o qual disse que frequentaria. Entretanto, surpreendentemente, ele também classificou o ídiche como de *pequena* importância em sua vida.

Os integrantes do Grupo 3 se dividiram entre as opções mais extremas, de *grande* ou *nenhuma* importância. Somente um dos oito entrevistados deste grupo declara que o ídiche tem grande importância para ele. Dentre os entrevistados desta faixa etária, observou-se que ele é o que teve mais contato com a língua, o que mais usa os termos que conhece, e que demonstrou valor afetivo em sua fala durante a entrevista.

Os entrevistados foram, em seguida, indagados se acreditavam que deveria haver uma iniciativa de resgate do ídiche, segundo sua opinião pessoal.

Gráfico 5 – Importância de haver resgate da língua segundo entrevistados



Fonte: elaborado pela autora, 2022

A maioria dos informantes – 78% da totalidade de entrevistados – considera que o ídiche deve ser resgatado. Os que não sabem dizer pertencem às gerações mais jovens, e os que não são a favor do resgate pertencem aos grupos 1 e 3 – somente um de cada grupo. O entrevistado do Grupo 1 que escolheu esta alternativa esclareceu que para ele a língua não deve ser resgatada, mas sim registrada. Ainda que metade de seus integrantes considerem a importância do ídiche *pequena*, o Grupo 2 se posicionou inteiramente a favor do resgate.

Esperava-se encontrar relação mais direta entre importância pessoal do ídiche para o entrevistado e sua opinião sobre a necessidade de resgate da língua, mas esse não foi o resultado.

Participantes que consideraram o ídiche como de média, pequena ou, até mesmo, nenhuma importância, optaram pelo resgate da língua, o que reflete a mentalidade de valorização e manutenção de elementos culturais em geral cara aos tempos presentes, independentemente de qualquer identificação pessoal com a cultura a eles associada.

Os resultados desta subseção estão sumarizados abaixo, em percentagens de cada grupo, para efeito de comparação. Cada linha da tabela diz respeito a um grupo, e os números correspondem às percentagens de participantes deste grupo que escolheram cada opção: estado (*vivo, vivo com restrições, morrendo/morto, morto, não sabe*), importância (*grande, média, pequena ou nenhuma*), deve ser resgatado (*sim, não, não sabe*).

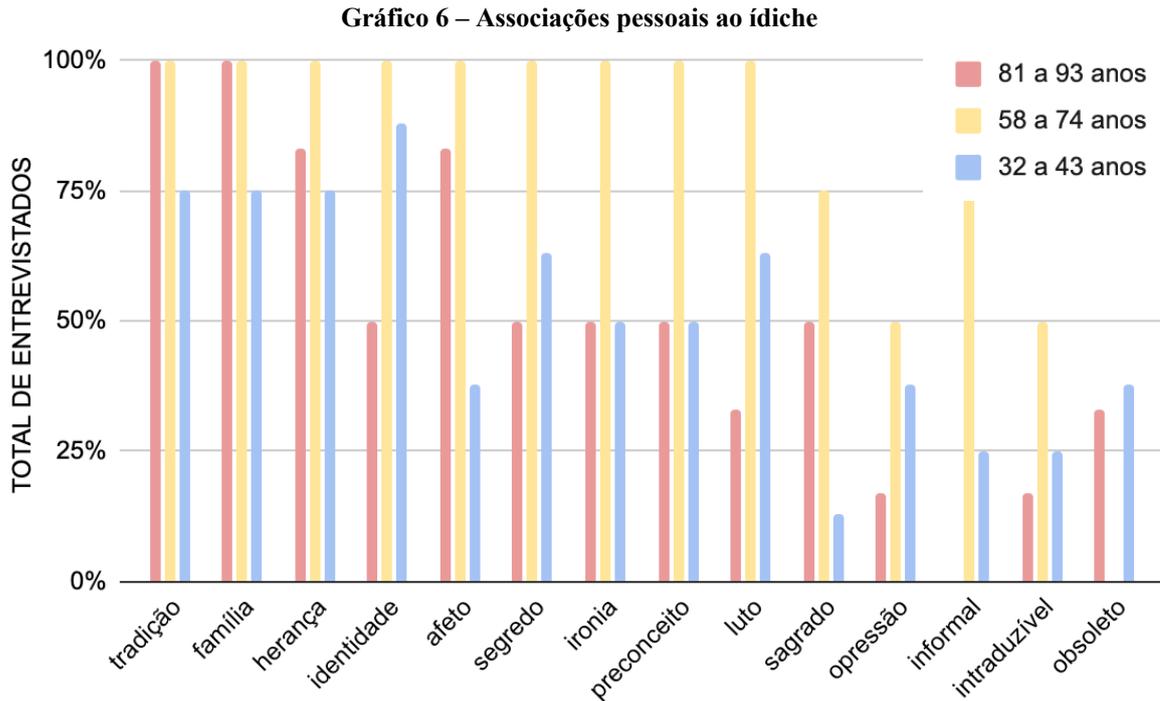
Tabela 7 – Percepção dos entrevistados sobre o ídiche (em % de cada grupo)

GRUPO	ESTADO						IMPORTÂNCIA				RESGATE		
	V	VR	MD	M	MT	N/S	G	ME	P	NE	S	N	N/S
1	-	14	57	-	14	14	71	-	-	29	86	14	-
2	-	-	100	-	-	-	25	25	50	-	100	-	-
3	12,5	12,5	25	25	25	-	13	-	-	88	50	13	38

LEGENDA			
V	vivo	MT	morto
VR	vivo com restrições	N/S	não sabe
MD	morrendo	G	grande
M	morrendo/morto	ME	média
		P	pequena
		NE	nenhuma
		S	sim
		N	não

Fonte: elaborada pela autora, 2022

O próximo campo do questionário foi a identificação pelos entrevistados de conceitos que consideram associados ao ídiche, de acordo com sua percepção e experiência. Os termos eram mencionados pela entrevistadora, e os informantes somente deveriam dizer *sim* (se sentissem que havia associação) ou *não* (se não sentissem qualquer associação). Muitos se sentiram incentivados, elaborando sobre suas escolhas e citando exemplos associados aos conceitos.



Fonte: elaborada pela autora, 2022

No gráfico acima, podemos notar que 12 conceitos – *tradição, família, herança, identidade, afeto, segredo, ironia, preconceito, luto, sagrado, opressão e intraduzível* – foram relacionados ao ídiche por todas as faixas etárias, em percentagens diferentes. Dentre os conceitos propostos para serem avaliados como associados ao ídiche na visão dos entrevistados, os mais escolhidos foram *tradição e família*. 100% dos integrantes dos grupos 1 e 2, e 75% do Grupo 3, escolheram estas palavras. O Grupo 1 só esteve ausente no conceito *informal*, e o Grupo 2 no *obsoleto* – apesar de ter inteiramente classificado o estado do ídiche como *morrendo* na seção anterior –, enquanto o Grupo 3 teve ocorrências em todos os conceitos.

É interessante observar que 100% dos entrevistados do Grupo 2 associaram ao ídiche os seis primeiros conceitos, sem a variação sofrida nas demais faixas etárias. Eles são: *tradição, família, herança, identidade, afeto, segredo, ironia, preconceito e luto*.

Abaixo, podem ser comparadas as hierarquias entre os conceitos identificados pelos entrevistados como associados ao ídiche, de acordo com a idade.

Tabela 8 – Esquematização hierárquica das associações pessoais ao ídiche por grupo

HIERARQUIA	81 a 93 anos	58 a 74 anos	32 a 43 anos
1	100% tradição família	100% tradição família herança identidade afeto segredo ironia preconceito luto	88% identidade
2	83% herança afeto	75% sagrado informal	75% tradição família herança
3	50% identidade segredo ironia preconceito sagrado	50% opressão intraduzível	63% segredo luto
4	33% luto obsoleto	-	50% ironia preconceito
5	17% opressão intraduzível	-	38% afeto opressão obsoleto
6	-	-	25% informal intraduzível
7	-	-	13% sagrado
NÃO MENCIONADOS	informal	obsoleto	-

Fonte: elaborado pela autora, 2022

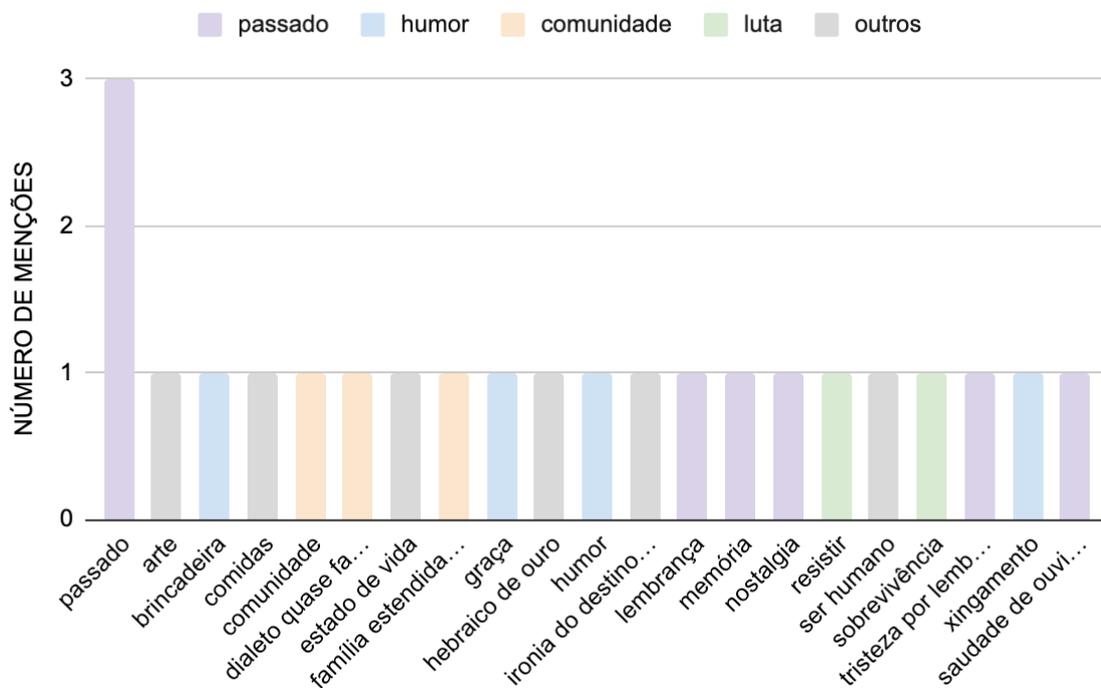
As duas escolhas mais frequentes do Grupo 1 – *tradição e família* – também ocupam primeira posição no Grupo 2. No Grupo 3, estes conceitos são ultrapassados por *identidade*. Este também está posicionado em primeira posição no Grupo 2.

O conceito *afeto*, presente nas duas primeiras posições nos grupos 1 e 2, perdeu sua importância no Grupo 3, onde aparece na quinta posição. Este resultado é significativo, uma vez que está fortemente ligado ao nível de exposição à língua, principalmente, nos anos formativos, com familiares próximos. Mais distantes das gerações de falantes, os integrantes do Grupo 3 não têm a identificação afetiva com a língua. No entanto, neste grupo, o conceito *luto* aparece em terceira posição, acima da que ocupa no Grupo 1, o que indica que os integrantes da geração mais nova têm consciência da perda cultural associada à morte da língua.

Em relação aos grupos 1 e 2, nos quais ocupa, respectivamente, terceira e segunda posição, o conceito *sagrado* perdeu significativamente sua associação ao ídiche no Grupo 3. Esta situação se explica pela forte presença do hebraico no campo religioso.

Além dos conceitos propostos pela entrevistadora, os informantes foram indagados sobre outros que julgassem associados ao ídiche. Os termos foram classificados por campo associativo e todos estão listados abaixo:

Gráfico 7 – Associações espontâneas fornecidas pelos entrevistados

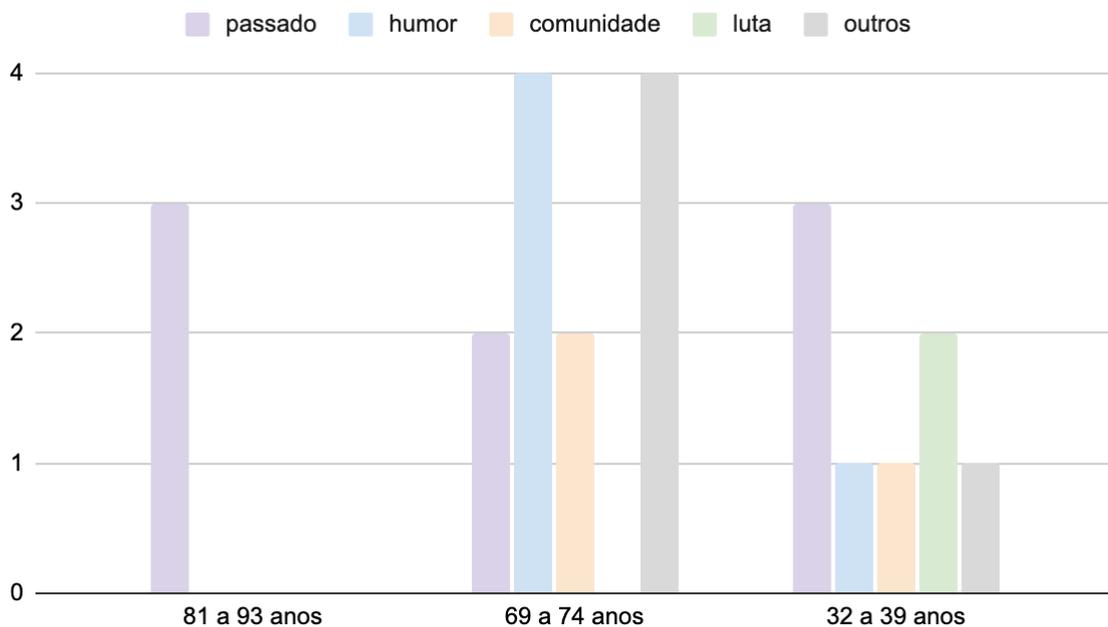


Fonte: elaborado pela autora, 2022

O único termo que se repetiu, sendo citado nas respostas de três entrevistados, foi *passado*. Foram mencionadas cinco outras associações de mesmo campo associativo. O segundo campo com mais ocorrências é aquele relacionado ao humor, com quatro termos. Outros dois campos associativos foram identificados: o da vida comunitária, com três

associações, e o da luta, com duas. Abaixo, podemos relacionar os conceitos citados aos grupos etários.

Gráfico 8 – Associações espontâneas fornecidas pelos entrevistados por campo associativo



Fonte: elaborado pela autora, 2022

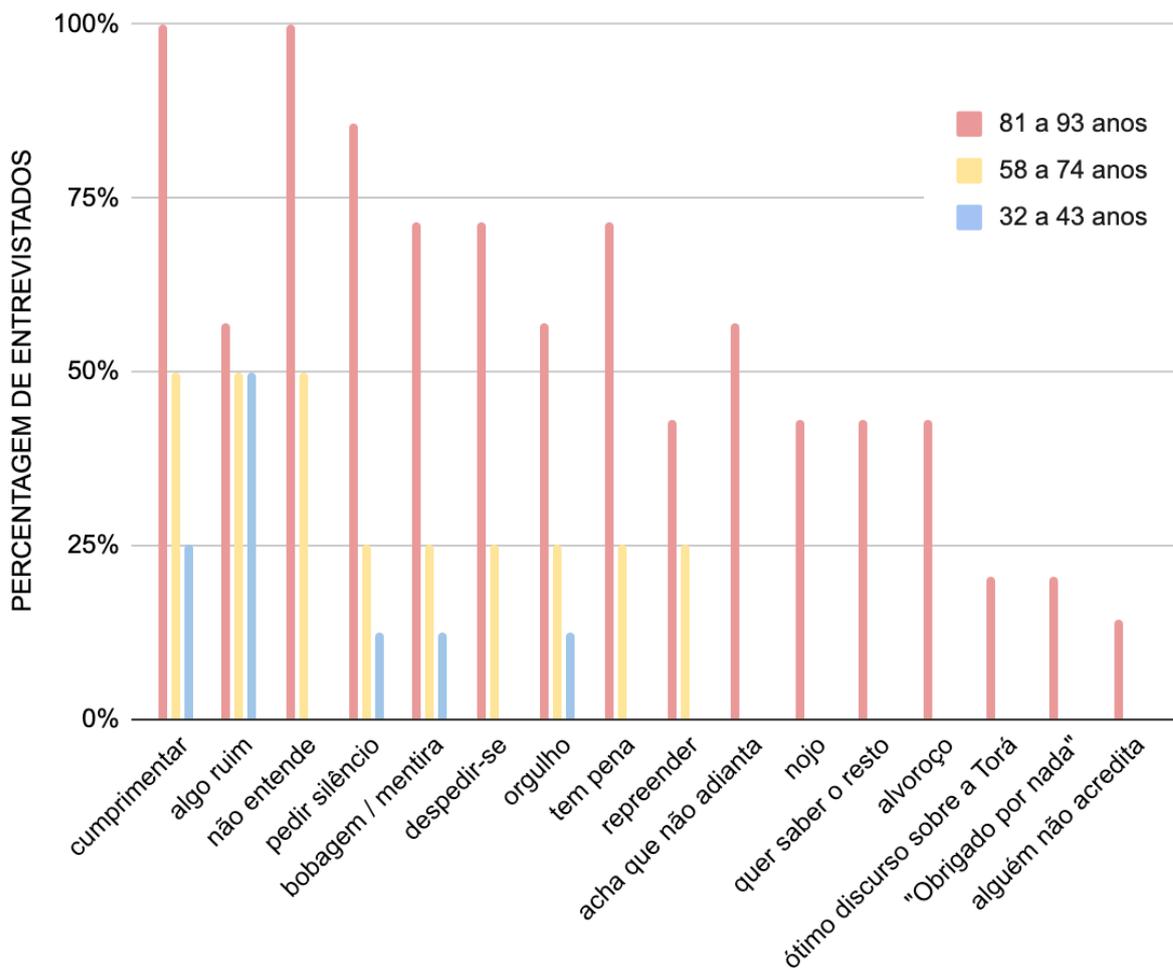
As gerações mais antigas, do Grupo 1, só mencionaram termos relacionados ao campo associativo do passado, denotando tanto nostalgia quanto conclusão de uma etapa. Os outros grupos também mencionaram expressões relacionadas ao passado. O humor só é mencionado pelos grupos 2 e 3, tendo sido, curiosamente, ignorado pela faixa etária mais idosa. Sua ausência era esperada na geração mais nova, que não está mais próxima o suficiente para apreender as sutilezas do humor ídiche. É interessante notar que a geração mais distante da migração, o Grupo 3, é a única a mencionar termos do campo associativo da luta, que está tão distante de suas vidas, mas parece incrustado na memória histórica judaica.

Não ficou evidente sinal significativo de prestígio associado ao domínio da língua, apesar de demonstração de afeto em relação às lembranças. Membros dos dois primeiros grupos se mostraram nostálgicos em relação aos pais e avós. Foram mencionados encontros dos parentes mais velhos, discos de piadas em ídiche que eles ouviam ao fundo e, principalmente, que os mais velhos usavam a língua para ocultar assuntos dos filhos, sobrinhos e netos. No Grupo 3 – com exceção de um entrevistado, que teve contato intenso com familiares mais velhos durante grande parte da vida – esse sentimento parece ter se perdido.

4.3. CONHECIMENTO DE ÍDICHE PELOS ENTREVISTADOS

Quanto às 16 situações às quais os informantes deveriam reagir em ídiche, todas tiveram resposta de pelo menos um entrevistado. Foram aceitas respostas diversas, sendo que, dentre o Grupo 1, muitas foram frases literais em lugar de expressões específicas simplificadas. A proporção de entrevistados que responderam às situações de acordo com cada grupo pode ser observada no gráfico abaixo.

Gráfico 9 – Respostas a situações propostas



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Tabela 9 – Lista de situações propostas

Comida dá nojo
Pessoa começa a contar história e para, mas você quer saber o resto
Pessoa te conta algo ruim e inesperado
Para despedir-se de alguém
Algo te dá muito orgulho
Você chega e não entende o que está acontecendo
Alguém não acredita no que você disse
Alguém fez um ótimo discurso sobre a Torá
Alguém te conta uma bobagem / mentira
Criança faz algo de errado
Você tem pena de alguém
"Obrigado por nada" (expressão irônica)
Você quer que alguém se cale / faça silêncio
Você acha que não precisava de tanto alvoroço
Alguém toma remédio, mas você acha que não adianta
Você cumprimenta alguém

Fonte: elaborado pela autora, 2022

Pode-se dizer que a proporção de aparecimento das faixas etárias nas respostas acompanha a expectativa, diminuindo sua presença de acordo com a diminuição da faixa etária. Além disso, como esperado, os grupos mais velhos apresentam, em geral, maior proporção nas respostas em relação aos mais jovens.

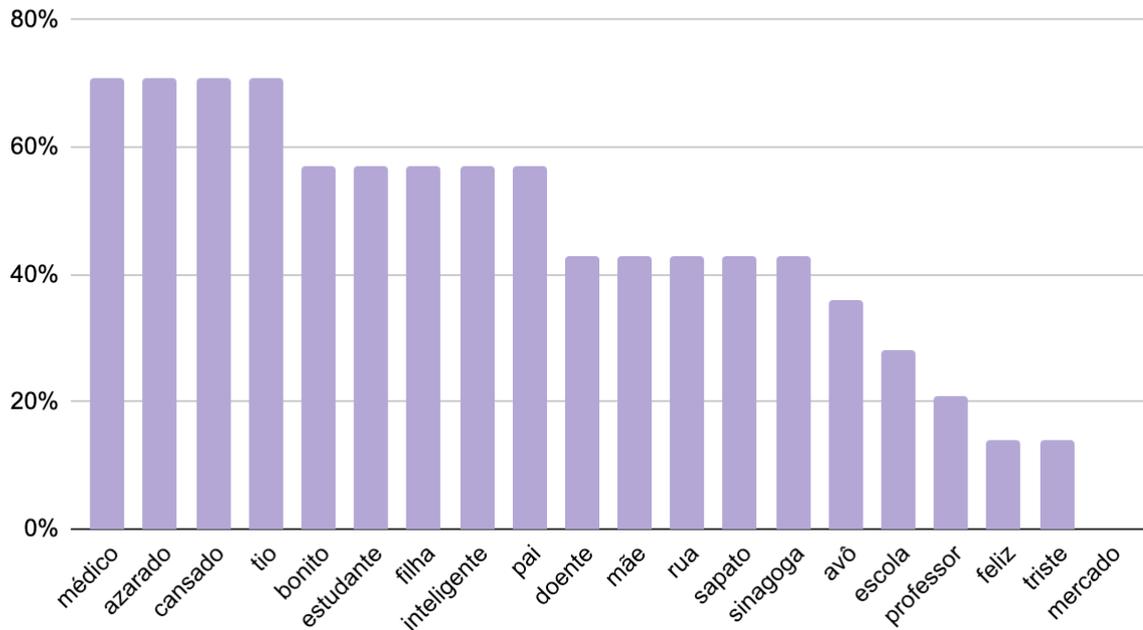
A situação que obteve número mais semelhante de respostas entre os grupos foi “alguém te conta algo ruim e inesperado”, para a qual constaram diversas variantes: *oy oy oy*, *oy vay*, *oy ve*, *oy veyz mir*, *oy va voy*, *oy vay voy*.

Sete situações só puderam ser respondidas por integrantes do Grupo 1, que teve representantes em todas as situações. O Grupo 2 esteve presente em nove situações, o Grupo 3, em cinco.

A diminuição do conhecimento da língua pode ser confirmada nos gráficos abaixo, que representam as traduções de termos cotidianos realizadas pelos entrevistados. O primeiro representa as respostas a palavras perguntadas a apenas 7 a 14 entrevistados, uma vez que esta etapa de tradução era interrompida quando eles não eram capazes de traduzir mais do que quatro ou cinco, ou quando eles se sentiam desconfortáveis ou decepcionados. Ou seja, a estas palavras

foram expostas tanto pessoas que conseguiam traduzir, e continuaram a ser perguntadas a respeito das próximas, quanto pessoas que sabiam poucas ou não sabiam traduzir nenhuma:

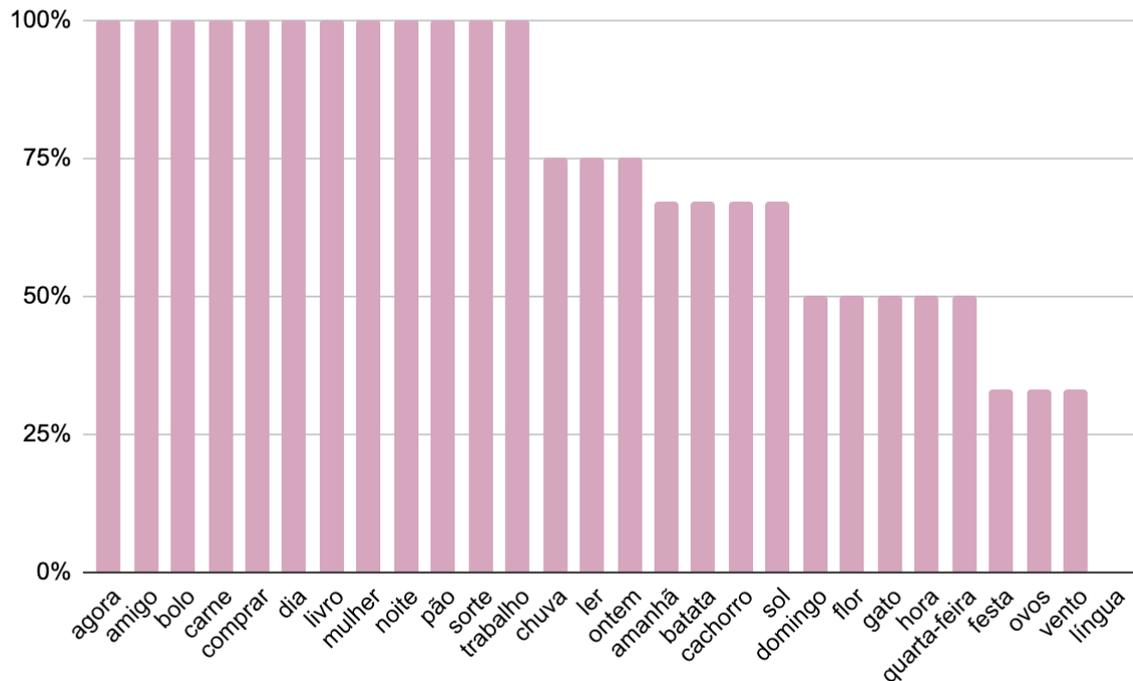
Gráfico 10 – Palavras traduzidas dentre a perguntadas a todos os entrevistados



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Das palavras abaixo, foi requisitada tradução apenas aos entrevistados que traduziam com fluência e se sentiram confortáveis em continuar. Destas pessoas, quatro pertencem ao Grupo 1, confirmando o maior conhecimento das gerações mais idosas.

Gráfico 11 – Palavras traduzidas dentre as perguntadas a 7 entrevistados



Fonte: elaborado pela autora, 2022

12 palavras foram traduzidas por 100% dos entrevistados nesta etapa, o que demonstra domínio significativo do vocabulário cotidiano pelos participantes que chegaram ao fim da lista. Todos os termos foram traduzidos por pelo menos um entrevistado, à exceção da palavra “língua”, que não foi traduzida por nenhum.

Além do *nível* de conhecimento, este estudo propôs o estudo das diferentes *formas* de conhecimento. Relembrando a terminologia proposta na metodologia, temos:

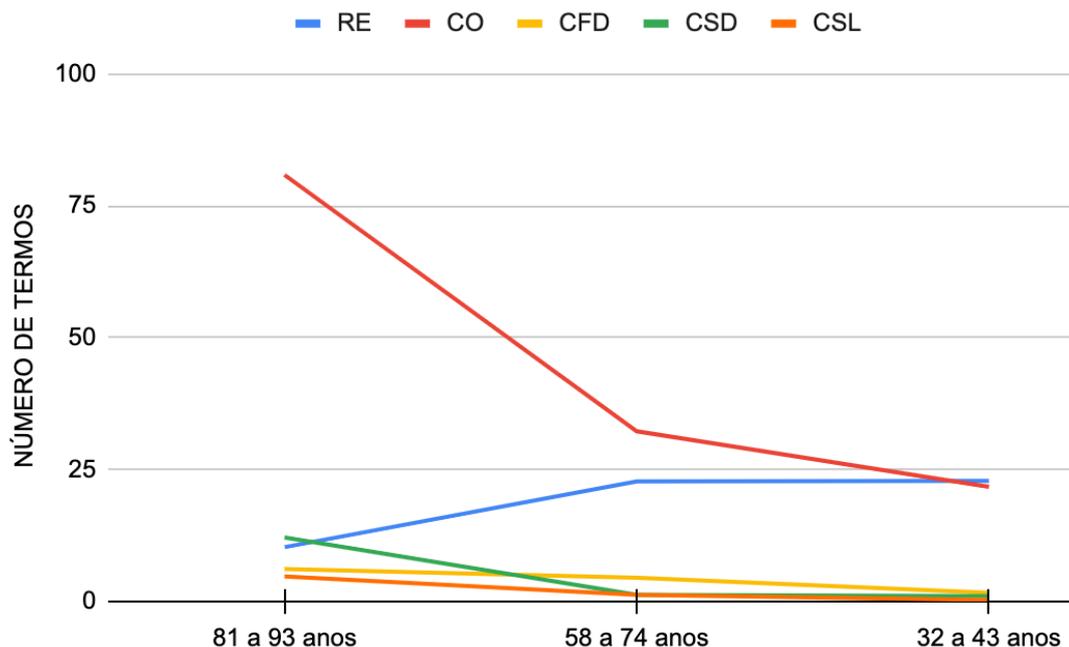
Tabela 10 – Formas de conhecimento 4

RE	Reconhece o som, mas não sabe o significado
CO	Conhece e fornece o significado indicado pela bibliografia
CFD	Conhece com forma semelhante, não idêntica (pronúncia, junção de palavras, dentre outros), porém, possível de ser reconhecida.
CSD	Conhece com significado diferente do esperado
CSL	Conhece sob significado literal das palavras
CX	C + CFD + CSD + CSL
U	Usa
UFD	Usa com forma diferente
USD	Usa com significado diferente do esperado
USL	Usa com significado literal
CUX	C + CFD + CSD + CSL + U + UFD + USD + USL
NC	Desconhece e não reconhece

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Ao se elaborar a média entre o conhecimento dos entrevistados por idade, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 12 – Formas de conhecimento dos termos por idade



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Nota-se que o RE (Reconhecimento) das palavras e expressões aumenta consideravelmente entre os grupos 1 e 2, enquanto o CO (Conhecimento) cai em proporção semelhante, ou seja, o conhecimento se perdeu bruscamente entre estas duas gerações. Esta perda demonstra aceleração intensa no desuso da língua.

No ponto equivalente ao Grupo 2, há uma quebra na velocidade do padrão de mudança. O RE e o CO, vinham, respectivamente, aumentando e caindo vertiginosamente. A partir daqui, CO mantém a tendência para queda, mas em inclinação bem menos acentuada. RE, no entanto, se mantém estável entre os grupos 2 e 3.

É interessante notar que há um ponto em que as linhas de CO e RE das palavras se cruzam. A interseção demonstra que, logo acima da idade correspondente ao Grupo 3, o RE ultrapassa o CO das palavras, ou seja, abaixo desta faixa etária, o reconhecimento passa a ser maior do que o conhecimento. A diferença entre CO e RE é praticamente inexistente entre os 32 e os 43 anos.

Há que se fazer um esclarecimento. O Grupo 3 tem dois integrantes totalmente assimilados, sem qualquer contato com a religião ou cultura judaica. No entanto, um deles declarou reconhecer quantidade substancial de palavras, em comparação com o outro, mas de maneira insegura, e sem confirmar seu reconhecimento após ser exposto aos significados em português. Esta situação pode indicar que o entrevistado associe determinada sonoridade à língua, não tendo, de fato, reconhecido exatamente as palavras do questionário.

Outra observação importante e esperada é a queda do CSL (Conhecimento com Sentido Literal) acompanhar aquela do CO. O conhecimento literal requer conhecimento das palavras isoladamente, ou conhecimento formal da língua, que foi sendo perdido através das gerações.

O CFD (Conhecimento com Forma Diferente) teve queda estável ao longo das gerações, o que indica o viés da influência fonética/fonêmica da língua inglesa no material utilizado como base para a elaboração da lista de palavras. A palavra *tokhes*, por exemplo, foi conhecida por todos os 12 conhecedores como *tukhes*. Somente um entrevistado conhece as duas versões, e os demais apenas a reconhecem ou desconhecem.

O CSD (Conhecimento com Significado Diferente) sofre queda brusca entre os grupos 1 e 2, mantendo-se estável a partir de então. Esta característica indica o possível ponto em que as expressões tiveram seus sentidos modificados no Novo Mundo, adquirindo significados diferentes daqueles listados na bibliografia de referência, que apresenta expressões utilizadas atualmente em meio ao inglês. As mudanças de significado teriam sido fortemente influenciadas pela realidade social dos destinos dos imigrantes, o que será explorado na seção 4.7.

4.4. CATEGORIAS DOS TERMOS CONHECIDOS E RECONHECIDOS

Os 194 termos¹² foram classificados em sete categorias de acordo com seu tipo de uso, ou função, e os demais foram agrupados em uma oitava. A lista fornecida aos entrevistados não continha mesma quantidade de termos em cada categoria, sendo constituída da seguinte forma:

Tabela 11 – Termos fornecidos divididos por categoria

CATEGORIA	TERMOS FORNECIDOS
Caracterização de pessoa	61
Religião e cotidiano judaico	20
Expressões idiomáticas, interjeições e saudações	14
Culinária	11
Xingamentos e palavrões	5
Caracterização de evento ou situação	5
Família	5
Outros	73

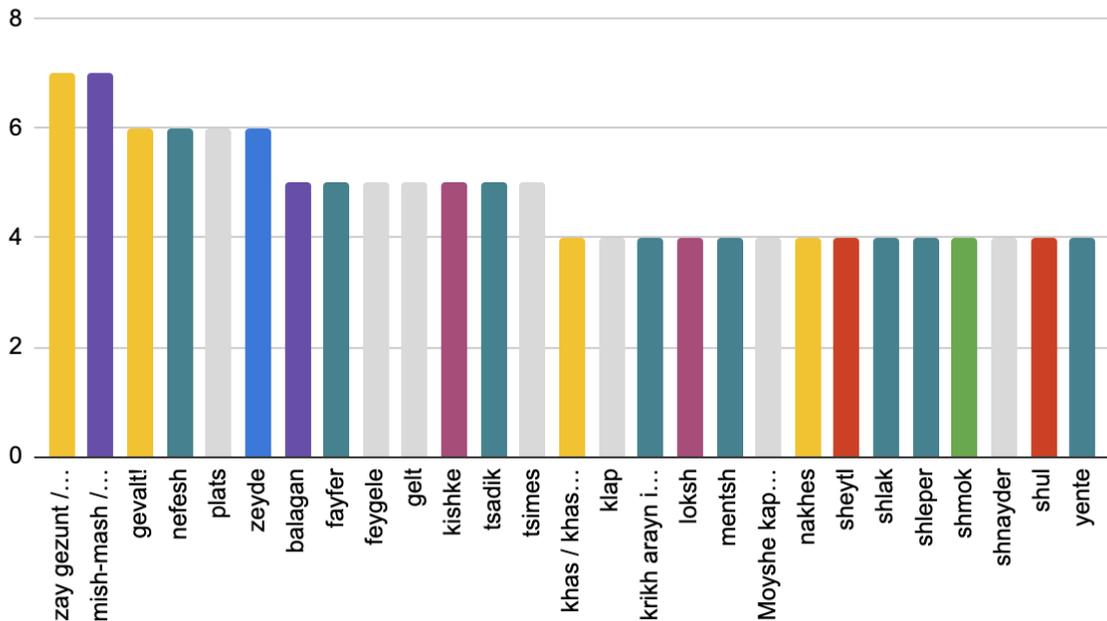
Fonte: elaborada pela autora, 2022

¹² A lista completa dos termos pode ser encontrada no Apêndice B – Questionário Sociolinguístico e Semântico-lexical.

Nesta seção do presente trabalho, os resultados constam nos gráficos com cores associadas a suas categorias. O objetivo aqui é interpretar as ocorrências por categorias, e não a presença de palavras específicas, o que explica as abreviações e a ausência de traduções para o português na representação.

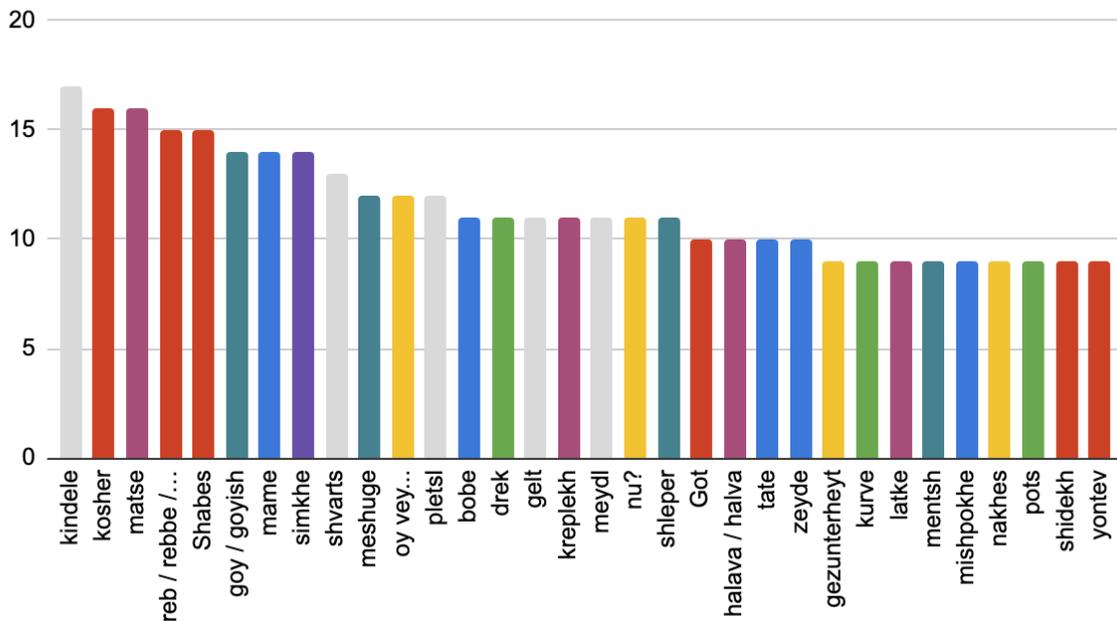
Os termos eram mencionados pela entrevistadora, e os entrevistados diziam se os conheciam, reconheciam ou desconheciam e não reconheciam. Como explicado anteriormente, foi constatado que muitos termos eram conhecidos com forma diferente, significado diferente ou significado literal, e todas estas ocorrências foram, também, registradas. Listamos aqui os resultados mais frequentes em cada forma de conhecimento (RE, CO, CFD, CSD, CSL), ao serem os entrevistados expostos aos termos da lista.

Gráfico 13 – Termos mais Reconhecidos pelos entrevistados (RE)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Gráfico 14 – Termos mais Conhecidos pelos entrevistados (CO)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Tabela 12 – Termos Reconhecidos (RE) versus Termos Conhecidos pelos entrevistados (CO)

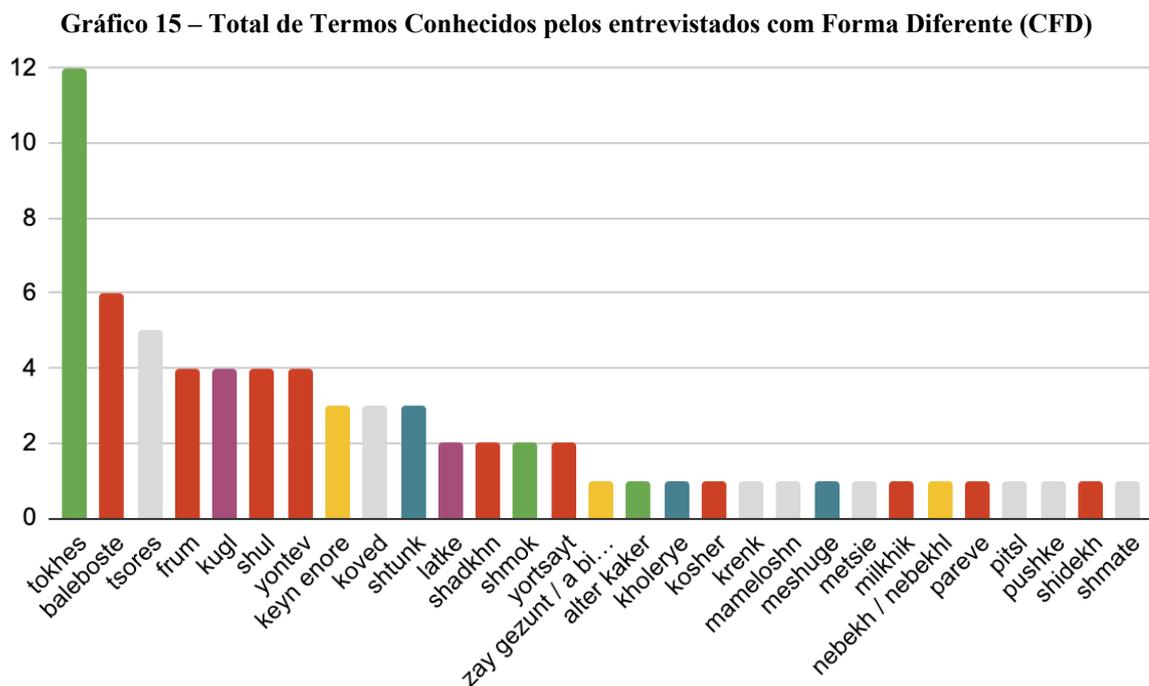
RECONHECIDOS	TERMOS	CONHECIDOS	TERMOS
CARACTERIZAÇÃO PESSOA	8	RELIGIÃO / COTID. JUDAICO	6
CARACTERIZAÇÃO EVENTO	2	FAMÍLIA	5
CULINÁRIA	2	CARACTERIZAÇÃO PESSOA	4
EXPRESSÕES / INTERJ. / SAUD.	3	CULINÁRIA	4
FAMÍLIA	1	EXPRESSÕES / INTERJ. / SAUD.	4
RELIGIÃO / COTID. JUDAICO	1	XINGAMENTOS / PALAVRÕES	3
XINGAMENTOS / PALAVRÕES	1	CARACTERIZAÇÃO EVENTO	1
OUTROS	9	OUTROS	5

Fonte: elaborada pela autora, 2022

É evidente a diferença entre as categorias de termos CO pelos entrevistados e aqueles apenas RE. Ainda que as quantidades das ocorrências não possam ser comparadas diretamente, uma vez que a lista de termos fornecidos não continha a mesma quantidade de palavras de cada categoria, o importante é a discrepância entre a hierarquia das categorias. Enquanto os termos mais reconhecidos dizem respeito a caracterizações de pessoas e acontecimentos, os termos mais conhecidos, ou seja, que foram traduzidos pelos entrevistados, são aqueles ligados à religião e ao cotidiano especificamente judaico. Este resultado indica que os membros da comunidade ouvem palavras relacionadas à caracterização de pessoa e evento, sem saber exatamente o que elas significam. Em compensação, os termos que dizem respeito à família são mais frequentemente conhecidos do que reconhecidos pelos informantes.

A categoria com maior número de termos conhecidos é a da religião/cotidiano judaico, como *kosher*, *reb/rebbe/rov* e *Shabes*. Estas ocorrências estão, certamente, relacionadas à semelhança entre estas palavras em outras línguas, notadamente o português e o hebraico.

Entre os termos mais conhecidos, os *xingamentos/palavrões* estão mais frequentes do que entre os reconhecidos. Os participantes os conhecem e, em geral, se divertiram ao ouvi-los durante o a entrevista. Seu uso está, aparentemente, relacionado ao humor, e não especificamente a ofensas reais.



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Tabela 13 – Total de Termos Conhecidos pelos entrevistados com Forma Diferente (CFD)

CFD	TERMOS
RELIGIÃO / COTID. JUDAICO	10
CARACTERIZAÇÃO PESSOA	3
XINGAMENTOS / PALAVRÕES	3
COMIDA	2
EXPRESSÕES / INTERJ. / SAUD.	3
OUTROS	8

Fonte: elaborada pela autora, 2022

O termo mais CFD (Conhecido com Forma Diferente) é *tokhes* (conhecido pelos entrevistados como *tukhes*). A maior parte das diferenças fornecidas pelos informantes diz respeito a uma simples troca de vogal “o” pelo “u”, e “u” pelo “i”, característica associada à vertente do ídiche oriental, falado em grande parte da Polônia e da Ucrânia, na Bessarábia e na

Romênia (JEWISHGEN, s/d) – origens de 12 dos 19 entrevistados. Esta diferença vocálica em relação ao esperado é o caso de oito dentre os 10 termos com mais ocorrências com forma diferente, listados abaixo:

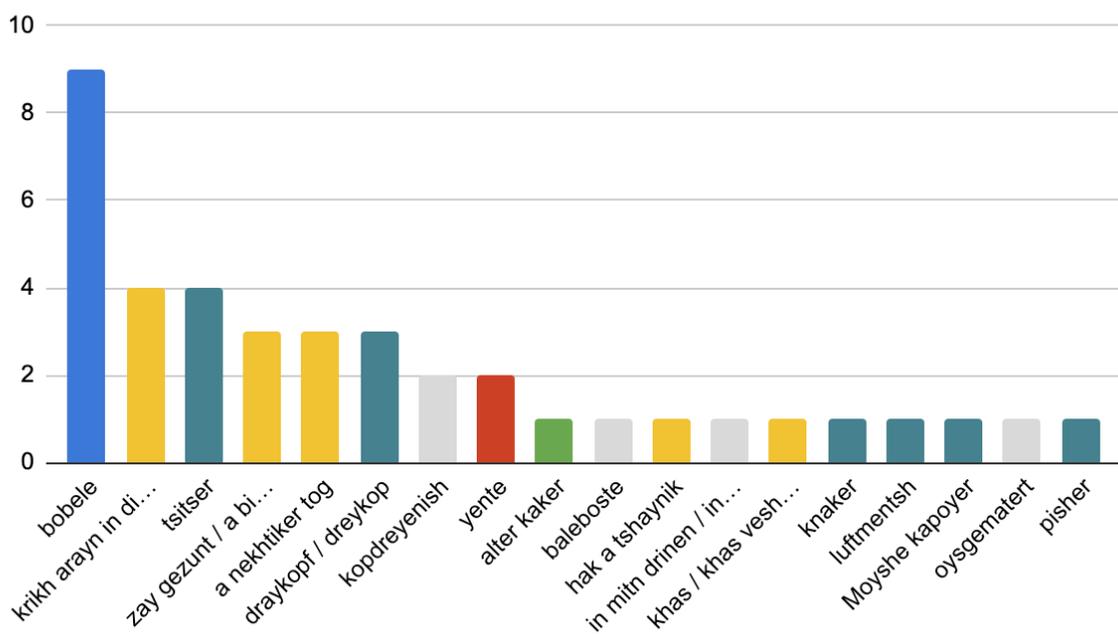
Tabela 14 – Termos fornecidos e ocorrências com formas diferentes

TERMOS FORNECIDOS	OCORRÊNCIAS ENTRE ENTREVISTADOS		
TOKHES	TUKHES		
BALEBOSTE	BALEBUSTE		
TSORES	TSURES		
FRUM	FRIM		
KUGL	KIGL		
SHUL	SHIL		
YONTEV	YONTOV		
KEYN ENORE	KEYN ENOYRE	KNEYNEORE	KEYN EHORE
KOVED	KUVED		
STUNK	SHTINK		

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Dentre estes 10 termos mais frequentes na lista de CFD, somente *yontev* tem uma mudança vocálica diferente das supracitadas, e *keyn enore* apresentou três variantes com diferentes mudanças.

Gráfico 16 – Total de Termos Conhecidos pelos entrevistados com Significado Literal (CSL)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Tabela 15 – Termos Conhecidos pelos entrevistados com Significado Literal (CSL)

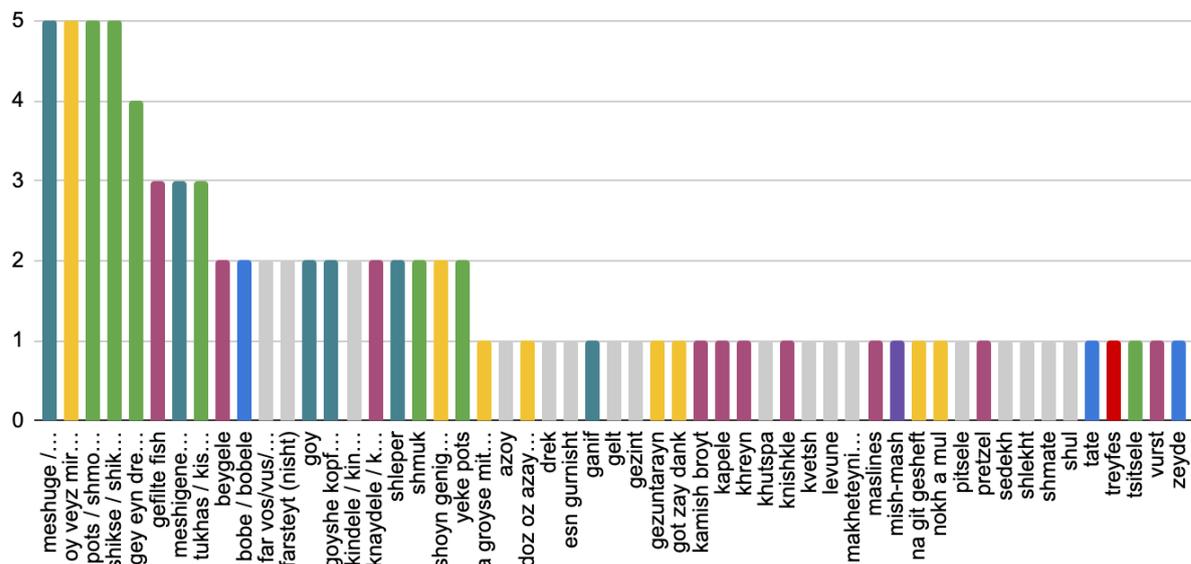
CSL	TERMOS
CARACTERIZAÇÃO PESSOA	6
EXPRESSÕES / INTERJ. / SAUD.	5
RELIGIÃO / COTID. JUDAICO	1
XINGAMENTOS / PALAVRÕES	1
FAMÍLIA	1
OUTROS	4

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Chama a atenção o fato de que, dentre os 19 termos ocorridos com significado literal, aparecem cinco expressões idiomáticas e interjeições. Este resultado indica que, possivelmente, os termos desta categoria do ídiche em Belo Horizonte não correspondam àqueles obtidos na bibliografia de referência. Os entrevistados com conhecimento significativo de ídiche foram, portanto, capazes de traduzir as partes com seu significado literal, mas não associam aos termos os mesmos significados das expressões em ídiche incorporadas ao inglês.

Durante as entrevistas, alguns termos sofreram mudança de categoria quanto àquela proposta inicialmente, conforme foram sendo identificados significados diferentes. Foi o caso de *bobele*, do qual esperava-se a tradução “querido”. Quase a totalidade das ocorrências para este termo foram traduções literais, transformando a categoria da palavra de *outros* para *família*. *Shikse* também foi transferido, da categoria *caracterização de pessoa*, para *xingamentos/palavrões*, transformação que será explicada em maiores detalhes abaixo, na seção 4.7.

Gráfico 17 – Total de termos mencionados espontaneamente pelos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Tabela 16 – Termos mencionados espontaneamente

MENCIONADOS ESPONTANEAMENTE	TERMOS
CULINÁRIA	10
EXPRESSÕES / INTERJ. / SAUDAÇÕES	8
XINGAMENTOS / PALAVRÕES	7
CARACTERIZAÇÃO PESSOA	6
FAMÍLIA	3
RELIGIÃO / COTID. JUDAICO	1
CARACTERIZAÇÃO EVENTO	1
OUTROS	17

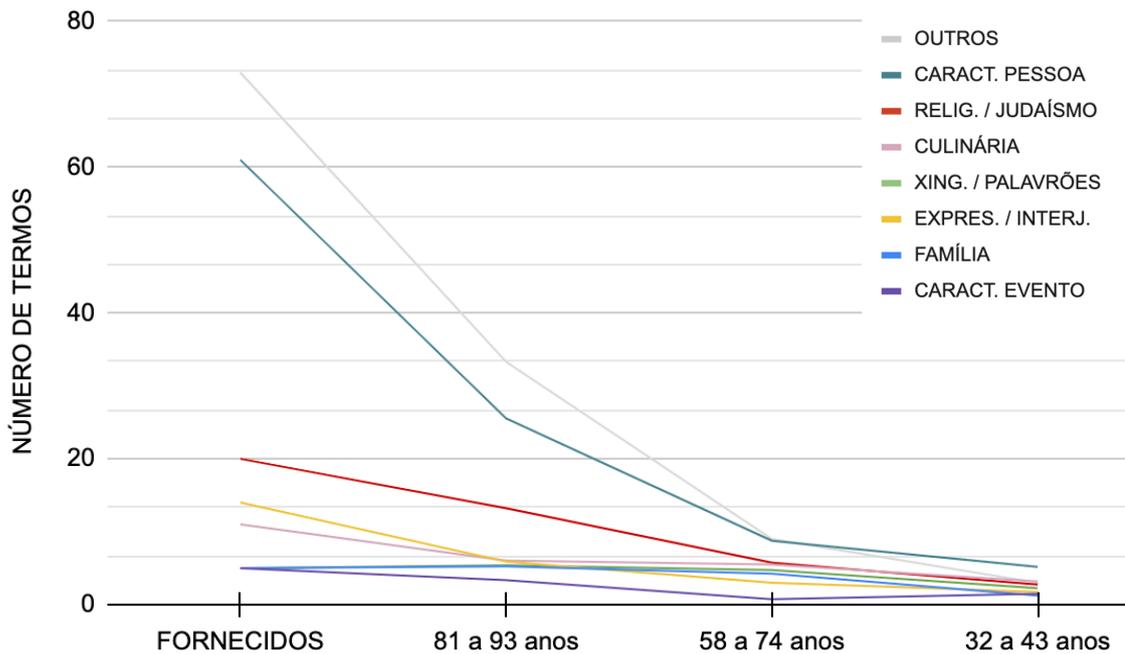
Fonte: elaborada pela autora, 2022

53 termos – os semelhantes foram agrupados – foram mencionados espontaneamente pelos entrevistados, quando questionados a respeito de qualquer palavra que se lembrassem em ídiche, ou durante o andamento das entrevistas, despertados pela exposição à língua. Alguns estavam, também, presentes na lista de palavras para conhecimento e reconhecimento, mas aparecem aqui porque foram mencionados em momento anterior. Além daqueles categorizados como *outros* neste estudo, o maior número de termos são pratos da *culinária* ashkenazita – 14 menções a 10 pratos diferentes. As *expressões idiomáticas e interjeições* também constituem categoria destacada, com 13 menções a oito termos. No entanto, dentre os oito termos mais mencionados, com três, quatro e cinco ocorrências, quatro são *xingamentos e palavrões*. O resultado corrobora a expectativa de que esse tipo de termo houvesse sobrevivido com destaque.

4.5. IDADE *VERSUS* CATEGORIAS DOS TERMOS

Ao combinarem-se todas as ocorrências positivas para os termos fornecidos conhecidos e usados com qualquer forma e significado (CUX), organizados de acordo com as categorias propostas, tem-se o seguinte gráfico:

Gráfico 18 – Termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Nele, observa-se forte declínio no CUX (Termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado) de palavras categorizadas como *outros* e *caracterizadoras de pessoas* entre os grupos 1 e 2, com uma diminuição na aceleração entre os grupos 2 e 3. Os termos *caracterizadores de pessoas* têm, particularmente, um declínio consideravelmente leve entre os dois últimos grupos. A inclinação indica que o conhecimento desta categoria foi, em grande parte, mantido.

Os termos não-categorizados, classificados como *outros*, foram fornecidos em maior número, mas sofreram grande perda, o que se explica através da assimilação, uma vez que constituem termos de uso cotidiano com correspondência exata em português – por exemplo, “pão”, “alfaiate”, “lugar”, “ler”.

As demais categorias têm declínio mais suave. A linha que diz respeito à *religião e judaísmo* está em declínio quase estável, desde os termos fornecidos até a faixa etária mais jovem, refletindo o afastamento desta geração da vida judaica. Este processo foi citado por Duchowny e Abreu (2004), que identificaram um *gap* na participação dos membros entre o início da vida adulta e o nascimento dos primeiros filhos (cf. seção 1.3). De fato, temos um exemplo desta tendência: um informante do Grupo 3 mencionou que seu pai começou a frequentar a sinagoga e eventos da comunidade judaica apenas quando o entrevistado nasceu.

As categorias *xingamentos e palavrões* e *família* possuem mesmo número de termos fornecidos inicialmente e apresentam linhas semelhantes, estando praticamente em igualdade

na geração do Grupo 1. Em direção ao Grupo 2, os *xingamentos e palavrões* têm declive mais leve do que os termos relacionados à *família*. Ambos continuam decrescendo em direção ao Grupo 3, mas a diferença entre as duas categorias aumenta ainda mais.

Os termos para *caracterização de evento* foram fornecidos em mesma quantidade das duas categorias mencionadas anteriormente, mas possuem bem menos CUX do que eles. Do Grupo 1 para o Grupo 2, temos um forte declínio. Em seguida, surpreendentemente, observa-se um leve crescimento, em direção ao Grupo 3. Duas das cinco palavras que pertencem à categoria *caracterização de evento* são usadas no hebraico – segundo entrevistados – e, enquanto o Grupo 3 tem 75% de falantes/aprendizes da língua, o Grupo 2 não tem nenhum, o que pode explicar este resultado.

As *expressões idiomáticas, interjeições e saudações* tiveram ocorrência menor do que o esperado, e disto concluímos que a bibliografia utilizada como base (ROSTEN, 2001) não é exatamente adequada nesta categoria. As expressões têm, certamente, sofrido alterações desde as migrações judaicas, tanto aqui, quanto nos países de língua inglesa, e por isso divergem significativamente. Do Grupo 1 para o 2, a queda é acentuada, tornando-se mais suave em direção ao Grupo 3. No Grupo 1, o número de ocorrências de *expressões idiomáticas, interjeições e saudações* já é igual ao de termos relacionados à *culinária*, sendo que os termos fornecidos foram em quantidade diferente (respectivamente 14 e 11). A *culinária* praticamente mantém sua representatividade no Grupo 2, mas sofre queda no Grupo 3. Ainda assim, nesta última geração, ocorre em maior número do que os termos relacionados à *religião e vida judaica*, que tinha o dobro de termos fornecidos. A queda nos termos relacionados a *culinária* pode acompanhar a perda dos costumes culinários relacionados à cultura ashkenazita nas famílias, notadamente, entre os grupos 2 e 3. Muitos dos entrevistados do Grupo 1 mencionam os pratos com nostalgia, e alguns ainda sabem fazê-los.

Os *xingamentos e palavrões* têm mais ocorrências do que os termos fornecidos na própria categoria, o que só é possível devido à mudança de palavras que eram consideradas, pela pesquisadora, como pertencentes a outras categorias, para esta. Ou seja, houve discrepância semântica entre o esperado e o obtido nas respostas, gerando mais *xingamentos e palavrões* do que era previsto. A linha que os representa no gráfico cai paralelamente à da *culinária* entre os grupos 2 e 3, obtendo, durante todo o percurso, menos ocorrências do que ela.

O resultado comprova a sobrevivência de termos ofensivos, como os *xingamentos e as caracterizações de pessoa*, comum em línguas ameaçadas de extinção, mas era esperado maior reconhecimento das *interjeições e expressões idiomáticas*. Um dos motivos para a

sobrevivência da primeira categoria pode ser o uso do ídiche pelos pais como língua de ocultação para termos e assuntos que não deveriam ser entendidos pelos filhos, entre eles, *palavrões e xingamentos*.

No gráfico acima, os cruzamentos entre linhas representam a mudança de hierarquia nas categorias dos termos conhecidos, reconhecidos e usados, ao longo das gerações. Este processo fica mais claro na tabela abaixo, onde as categorias com mais ocorrências estão em cima:

Tabela 17 – Termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX)

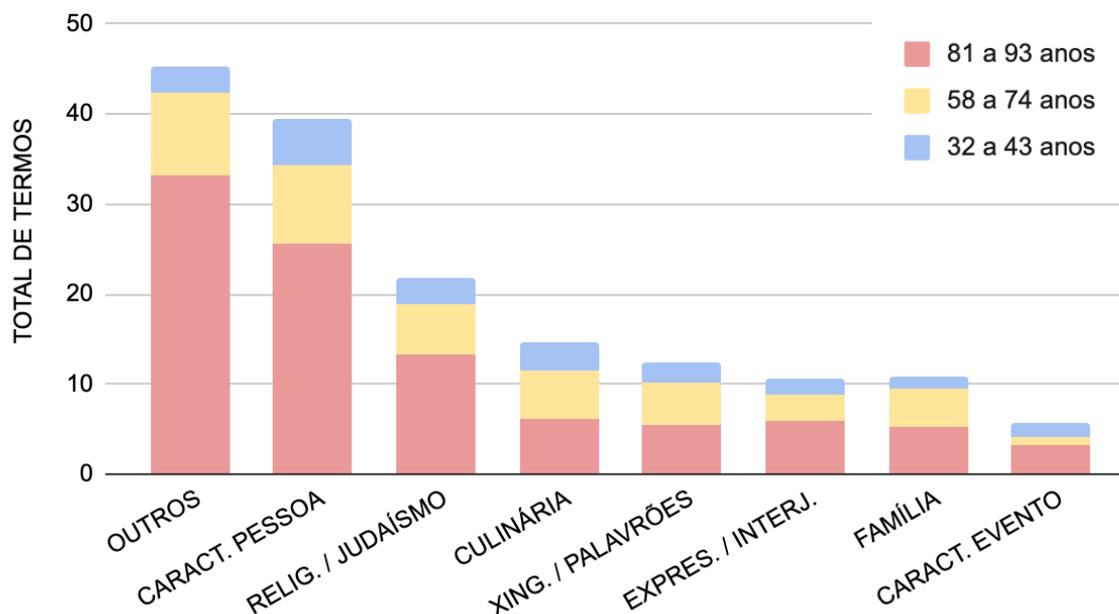
POSIÇÃO NA HIERARQUIA	TERMOS FORNECIDOS	MÉDIA DE OCORRÊNCIA POR GRUPO ETÁRIO		
		81 a 93 anos	58 a 74 anos	32 a 43 anos
1º	73	33,29	8,75	5,25
2º	61	25,54	8	5,165
3º	20	13,21	6,75	4,835
4º	11	7,29	5,5	3,165
5º	5	8	4,75	2,25
6º	14	5,375	4,25	1,915
7º	5	5,25	3	1,25
8º	5	3,335	0,75	1,165

LEGENDA
CARACTERIZAÇÃO PESSOA
RELIGIÃO / COTIDIANO JUDAICO
CULINÁRIA
XINGAMENTOS / PALAVRÕES
EXPRESSÕES / INTERJEIÇÕES / SAUDAÇÕES
FAMÍLIA
CARACTERIZAÇÃO EVENTO
OUTROS

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Finalmente, pode-se observar no Gráfico 19 que as diferenças entre as categorias foram diminuídas, tendo as linhas se aproximado na geração mais nova. No gráfico abaixo, fica clara a distribuição etária em cada categoria dos termos. A categoria mais bem distribuída ao longo das faixas etárias é a *culinária*, além dos *xingamentos e palavrões*. Isso significa que foram eles os termos que tiveram menos perda intergeracional.

Gráfico 19 – Proporção de termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX)



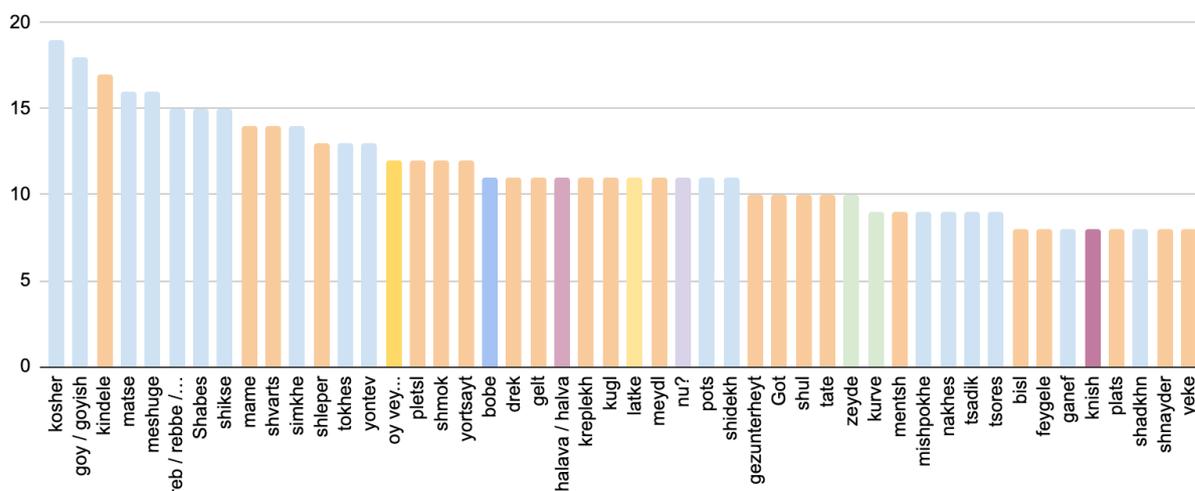
Fonte: elaborado pela autora, 2022

Os grupos 1 e 2 tiveram desempenhos semelhantes nas categorias *culinária*, *xingamentos e palavrões* e *família*, onde ocupam mais ou menos a mesma altura no gráfico. Entre estas duas gerações, não houve perda significativa quanto aos termos dessas categorias. Na *caracterização de evento* fica visível o conhecimento maior do Grupo 3 em relação ao 2, uma vez que a faixa azul ocupa proporção maior na altura total da barra. Como visto anteriormente, a categoria *caracterização de pessoa* e os termos classificados como *outros* têm grande perda intergeracional, com maior discrepância entre as alturas ocupadas pelos diferentes grupos.

4.6. ORIGEM DOS TERMOS

Também foi realizada pesquisa superficial sobre a origem das palavras fornecidas. É necessário fazer a ressalva de que etimologia não é o objetivo deste estudo, nem a especialidade da pesquisadora. A pesquisa de origem dos termos foi feita com os poucos instrumentos de busca e referência disponíveis e deve ser considerada apenas como ferramenta comparativa no quadro geral do ídiche em Belo Horizonte. Abaixo, estão os termos mais frequentemente reconhecidos, conhecidos ou usados, com no mínimo oito ocorrências. As cores indicam suas diferentes (supostas) origens.

Gráfico 20 – Termos Conhecidos e Usados pelos entrevistados com qualquer Forma e Significado (CUX)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Tabela 18 – Termos ocorridos (a partir de 8 ocorrências) e total de fornecidos por origem

TERMOS OCORRIDOS NAS ENTREVISTAS				TERMOS FORNECIDOS NO QUESTIONÁRIO		
	ORIGEM DOS TERMOS IDENTIFICADOS	Nº DE TERMOS	Nº DE OCOR.		ORIGEM DOS TERMOS DO QUESTIONÁRIO	Nº DE TERMOS
1º	GERMÂNICO	22	238	1º	GERMÂNICO	98
2º	HEBRAICO	18	228	2º	HEBRAICO	50
3º	POLONÊS	2	19	3º	POLONÊS	9
4º	GERMÂNICO + ESLAVAS	1	12	4º	RUSSO	8
5º	RUSSO	1	11	5º	NÃO IDENTIF. / ONOMAT.	7
	ESLAVAS (NÃO ESPEC.)	1	11	6º	ALEMÃO + HEBRAICO	5
	ÁRABE / TURCO	1	11	6º	POLONÊS / RUSSO	5
	RUSSO / ESLOVENO / UCR.	1	11	7º	ESLAVAS (NÃO ESPEC.)	3
6º	UCRANIANO	1	8	8º	GERMÂNICO + ESLAVAS	1
					ÁRABE / TURCO	1
					RUSSO / ESLOVENO / UCR.	1
					UCRANIANO	1
					ARAMAICO	1
					POLONÊS / RUS./ TCHECO	1
					POLONÊS / UCRANIANO	1
					ROMÂNICAS	1

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Na tabela acima, constam o número de termos ocorridos durante as entrevistas, à esquerda, e o número de termos fornecidos na lista do questionário semântico-lexical, à direita. Na coluna de termos fornecidos, estão em branco aquelas origens que não tiveram palavras com no mínimo oito ocorrências, ou seja, que não constam na tabela da esquerda. O número de

palavras de cada origem está listado em ordem decrescente, sendo as germânicas, no topo das duas listas, as mais ocorridas e com maior número de termos originalmente.

Como se pode observar, a hierarquia entre origens das palavras é mantida até a terceira posição – germânico, hebraico e polonês. Na quarta posição, por sua vez, os oito termos de origem russa constantes na lista original foram ultrapassados pelo único de origem dupla germânico-eslava (*oy vey*, que teve muitas versões semelhantes). Dentre os oito termos de origem russa, somente um teve ocorrências, desempenho bem inferior ao das três palavras de origem eslava não específica, das quais uma ocorreu, e das origens germânico-eslava, árabe/turca, russa/eslovena/ucraniana e ucraniana, que tiveram seus únicos termos atestados nos resultados.

Os sete termos de origem não identificada ou onomatopeica, os cinco de origem combinada alemão-hebraico e os cinco comuns ao polonês e ao russo não tiveram atestações dentre os mais ocorridos. Estas origens ocupavam a quinta e sexta posição dentre os termos mais presentes na lista de partida.

Apesar do maior número de termos com origem germânica dentre os que constam no gráfico acima – aqueles com mais de oito ocorrências –, até o 14º mais ocorrido, 10 são de origem hebraica, tendo maior número total de ocorrências. Este resultado confirma a influência do hebraico estudado pelos participantes no conhecimento dos termos. Se agrupados, os termos de línguas eslavas neste gráfico (a partir de oito ocorrências) contam sete, mas optou-se por separá-los de acordo com a informação mais específica que foi encontrada.

Seria interessante novo estudo com cruzamento de dados para identificar a influência do domínio de outras línguas pelos entrevistados e da origem de suas famílias no conhecimento e reconhecimento dos termos de origens diferentes. Por motivos relacionados ao tempo disponível e ao escopo do trabalho, esse viés não pôde ser explorado mais profundamente.

4.7. INFLUÊNCIA DA REALIDADE SOCIAL

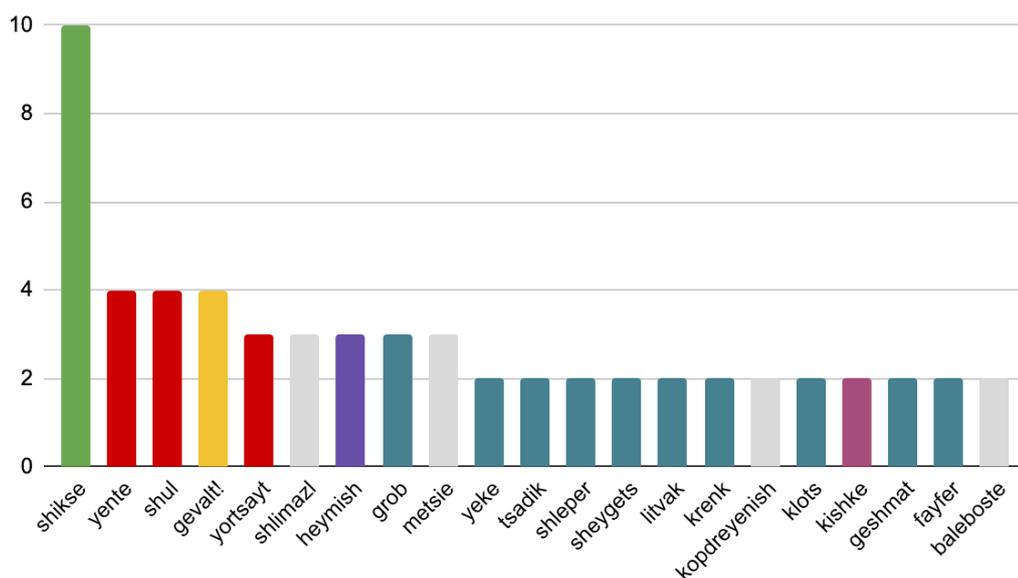
Thomason e Kaufman (1991) destacam o papel do contexto social em seus estudos sobre interferência através do contato linguístico, em detrimento da estrutura das línguas. Segundo eles, os fatores sociais determinariam a direção e o grau de influência de uma língua sobre a outra. Meillet declara que a língua é uma “instituição com sua própria autonomia”, mas admite ser também uma “instituição social”, sendo que “a única variável à qual podemos atribuir a mudança linguística é a mudança social, da qual variações linguísticas são meras consequências” (LABOV, 2006, p. 11).

Na presente pesquisa, muitos foram os termos que, ao serem mencionados pela entrevistadora, eram reconhecidos com sentido diferente do esperado de acordo com a bibliografia. Entende-se que essa variação diga respeito, principalmente, às diferentes realidades sociais dos países de língua inglesa e do Brasil.

No caso dos entrevistados em Belo Horizonte notou-se, destacadamente, alteração no significado da palavra *shikse*, oficialmente atribuída à “mulher não-judia”, e que aqui adquiriu conotação pejorativa, como “faxineira” e “mulher negra”, sendo utilizada, até mesmo, como xingamento – mais de um entrevistado citou o xingamento *shikse shvarts* (“faxineira negra”). É importante notar que esta mudança não ocorreu no ídiche americano, onde a palavra permanece com o sentido de “mulher não-judia”. Supomos que esta variação se dê devido às diferentes realidades encontradas pelos imigrantes que chegaram aos Estados Unidos e ao Brasil. No primeiro, não era comum, como não é ainda hoje, que membros da classe média tenham acesso a empregadas domésticas, enquanto no Brasil a situação era culturalmente diferente.

Assim como *bobele*, citada anteriormente, a palavra *shikse* sofreu alteração de significado com relação ao esperado. Inicialmente considerado como caracterizador de pessoa, o termo passou, nesta pesquisa, a ser classificado como pertencente a *xingamentos e palavrões*, devido às ocorrências identificadas. Ele aparece no gráfico abaixo dentro da nova categoria. Os demais termos CSD (Conhecidos com Sentido Diferente) neste gráfico não sofreram alteração de categoria.

Gráfico 21 – Conhecidos pelos entrevistados com Sentido Diferente (CSD)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Tabela 19 – Termos Conhecidos pelos entrevistados com Sentido Diferente (CSD)

CSD	TERMOS	OCORRÊNCIAS
CARACTERIZAÇÃO PESSOA	10	21
RELIGIÃO / COTID. JUDAICO	3	11
EXPRESSÕES / INTERJEIÇÕES	1	4
XINGAMENTOS / PALAVRÕES	1	10
FAMÍLIA	1	3
CULINÁRIA	1	2
OUTROS	4	10

Fonte: elaborada pela autora, 2022

A palavra *yente*, conhecida nos Estados Unidos como uma figura de mulher fofqueira e intrometida, popularizada pela famosa peça da Broadway *Fiddler on the Roof* (baseada na obra “Tevye e suas Filhas”, de Sholem Aleichem) e seu subsequente filme, teve correspondência exata com a resposta de um único entrevistado. Dois dos demais conhecedores a identificam como nome próprio para mulher – seu sentido original – mas para alguns, parte do caráter da personagem da obra fictícia foi mantida, sendo mencionadas as correspondências “avó”, “tia” e “casamenteira”.

Outro termo que pode ser relacionado à realidade das gerações nascidas no Brasil é *shul*, que seria sinagoga, mas, ao longo da assimilação dos imigrantes e suas famílias à realidade no Brasil, teve seu significado expandido para “escola”.

A palavra *metsie*, da qual era esperada a tradução “barganha”, forneceu os significados “sorte” e “coisa benvinda”, sendo citada a expressão *a groyse metsie* – literalmente “uma grande barganha”, mas semelhante ao que significaria “uma coisa muito benvinda”, ou o que se diria comumente no Brasil “uma benção” (sem o aspecto religioso).

Um estudo mais específico poderia, certamente, traçar maiores diferenças entre as associações dos significados das palavras à realidade social dos diferentes países que receberam os imigrantes. Infelizmente, este é outro viés cujo aprofundamento não caberá neste trabalho.

4.8. CONHECEDORES E RECONHECEDORES

Consideremos os resultados obtidos individualmente com cada entrevistado. Para facilitar a referência, repetimos a tabela com o perfil dos participantes.

Tabela 20 – Resumo perfil dos entrevistados (idem Tabela 4)

	IDADE	GER.	LÍNGUAS QUE CONHECE							ORIGEM DA FAMÍLIA	
			Franc	Espan	Hebr	Ídich	Itali	Ladin	Ale		
ENTREVISTADOS	A.	89	1ª								Romênia
	B.	43	3ª								Bessar./Israel
	C.	60	1ª								Polônia
	D.	40	5ª								Inglaterra
	E.	35	2ª								França
	F.	32	2ª								Polônia
	G.	81	1ª								Polônia
	H.	69	2ª								Bessar./Rússia
	I.	91	1ª								-
	J.	37	3ª								Ucr. ou Rússia
	K.	93	0								Polônia
	L.	58	1ª								Polônia
	M.	90	1ª								Rússia
	N.	36	3ª								Palestina
	O.	39	2ª								França/Turq.
	P.	74	1ª								França/Turq.
	Q.	90	1ª								Polônia
R.	35	2ª								Polônia	
S.	84	1ª								Polônia/Alem.	

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Abaixo, foram sumarizadas as ocorrências em cada forma de conhecimento para cada entrevistado, individualmente. Novamente, cada participante é representado por uma letra seguida de um ponto – por exemplo, “X.” – e o número de termos que ele reconheceu ou conheceu está ao seu lado. O número de ocorrências está organizado de cima para baixo, em ordem decrescente, de maneira que os entrevistados mais acima obtiveram os maiores resultados em termos de conhecimento.

Tabela 21 – Resumo conhecimento dos entrevistados

RE		CONHECEM EM GERAL									
		CO		CFD		CSD		CSL		CX	
P.	50	G.	101	A.	8	K.	19	A.	6	M.	124
N.	47	M.	99	M.	8	M.	17	K.	6	K.	122
R.	43	K.	96	B.	7	Q.	12	Q.	6	G.	117
F.	35	Q.	80	K.	7	A.	11	G.	4	Q.	98
E.	26	I.	75	C.	6	G.	11	I.	4	I.	85
L.	19	A.	65	H.	6	S.	9	M.	4	A.	84
O.	16	C.	50	Q.	6	I.	6	C.	3	S.	64
S.	16	S.	50	G.	5	B.	3	S.	3	C.	58
Q.	14	H.	49	P	5	N.	3	L.	2	H.	55
A.	12	B.	28	S.	5	C.	2	N.	1	B.	38
H.	12	D.	27	I.	4	L.	2	R.	1	D.	28

Fonte: elaborada pela autora 2022

Em geral, o conhecimento dos termos teve maior desempenho no Grupo 1, como esperado, aqueles que tiveram mais contato com a língua. Todos os integrantes são de primeira geração nascida no Brasil – exceto I., que nasceu na Polônia – e estão presentes dentre os 11 entrevistados com maior nível de CX). I. é o único que não se considera, no entanto, falante de ídiche, tendo declarado dominar, além do português, apenas inglês e francês. Nos demais grupos não há quem se declare falante de ídiche.

No Grupo 2, C. se destaca, aparecendo entre os 11 primeiros colocados em todas as colunas de conhecimento. H. também está bem posicionado, aparecendo entre os 11 primeiros RE, CO, CFD e CX dos termos. Parece ter significância o fato de que o entrevistado possui interesses diversos e ampla bagagem cultural associada a outros campos.

Dois entrevistados do Grupo 3 conseguiram se classificar entre os 11 maiores conhecedores em geral (CUX), acima de dois integrantes do Grupo 2. B. teve contato com o ídiche através de sua avó, que, segundo ele, passou a falar somente esta língua quando senil, o que explica seu desempenho. A avó também foi responsável pela transmissão de provérbios e cantigas. D., por sua vez, não teve contato algum com o ídiche, mas demonstrou ser detentor de significativa bagagem cultural e grande habilidade para dedução de palavras a partir do pouco que conhecia de línguas diversas – seu interesse particular. Tanto B. quanto D. são aprendizes de hebraico, o que facilitou as tarefas de conhecimento e reconhecimento.

Quanto aos reconhecedores, cinco dos oito entrevistados do Grupo 3 aparecem na lista, resultado bastante significativo, tendo em vista que eles atestam não ter contato com o ídiche.

De fato, é esperada menor ocorrência dos entrevistados conhecedores em geral na lista de RE, uma vez que cada resultado positivo para CO, CFD, CSD ou CSL anulou sua computação como RE.

P. aparece como o maior reconhecedor de palavras, mas há dúvidas quanto à confiabilidade de seu relato. Houve perceptível ruído entre a palavra dita e a entendida, que era repetida pelo informante de forma diferente, a despeito de que a entrevistadora a corrigisse. Devido às imposições da pandemia de COVID, foi mantida distância considerável entre os sujeitos, o que pode ter contribuído para essa dificuldade. Apesar de ser integrante da primeira geração nascida no Brasil, o entrevistado teve pouco contato com a cultura ashkenazita e quase nenhum com o ídiche, mas é frequentador do círculo social judaico em Belo Horizonte.

4.9. CLASSIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A análise de dados compilados a partir das entrevistas com os judeus de origem ashkenazita em Belo Horizonte confirmou expectativas, mas, ao mesmo tempo, permitiu algumas conclusões inesperadas.

Abaixo, está a tabela com a tipologia proposta por Bert, adaptada de forma a acrescentar a categoria *lembradores* e a modificar a competência passiva dos subfalantes. As alterações feitas por nós estão destacadas em negrito:

Tabela 22 – Tipologia de falantes adotada

	data de nascimento em relação à assimilação linguística	aquisição	exposição	competências	uso (cotidiano-regular-eventual-nulo)
mais velhos	durante	passiva, ativa parcial	importante na infância, fraca em seguida	passivas: completas ativas: parciais	eventual (sobretudo passivo) a nulo
semifalantes					
mais novos	posterior	passiva parcial, ativa limitada	importante na infância, muito fraca em seguida	passivas: parciais ativas: limitadas	eventual (exclusivamente passivo) a nulo
subfalantes	posterior	muito fraca	muito fraca	passivas: parciais ativas: muito fracas	eventual (poucas palavras) a nulo
lembradores	posterior	muito fraca a nula	muito fraca a nula	passiva: poucas palavras ativa: nula	eventual (poucas expressões) a nulo

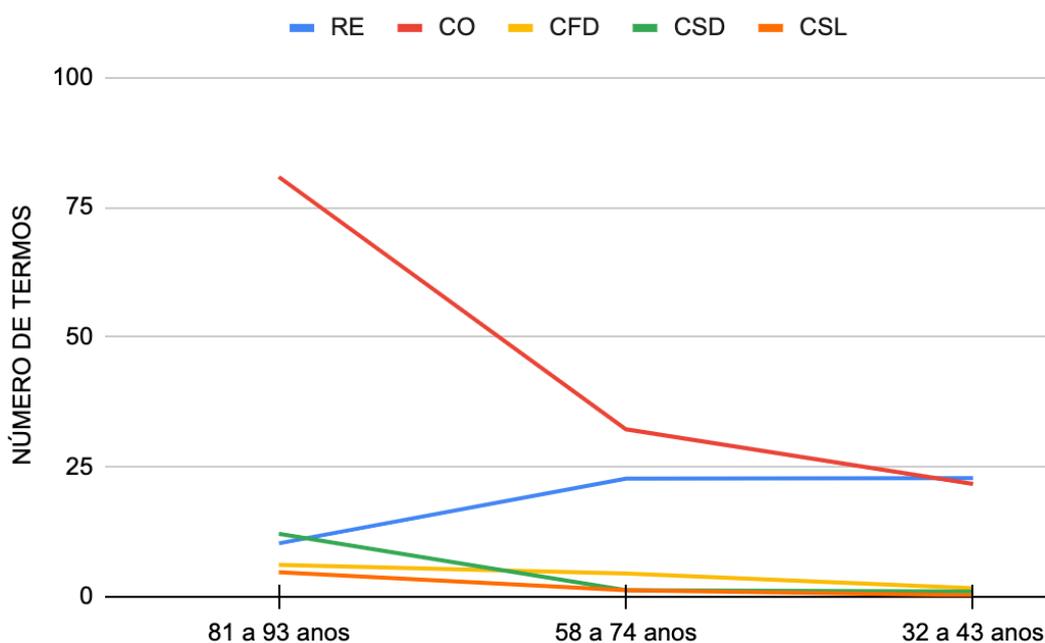
Fonte: adaptada de BERT, 2010. p. 101 (tradução nossa)

Faremos uma breve tentativa de categorizar os grupos de entrevistados segundo esta proposta. Entretanto, se fizermos retratos individuais, há níveis diferentes de aquisição,

exposição, competências e uso, como em qualquer pesquisa. Gasquet-Cyrus et al. (2017) alertam para as particularidades dos falantes, que envolvem mais do que seu conhecimento da língua, como também talento especial para idiomas ou análises comparativas, interesse em línguas, na língua em questão ou em pesquisa em geral. De fato, estabelecer um perfil comum é uma tarefa significativamente redutiva, principalmente levando em conta um número reduzido de sujeitos.

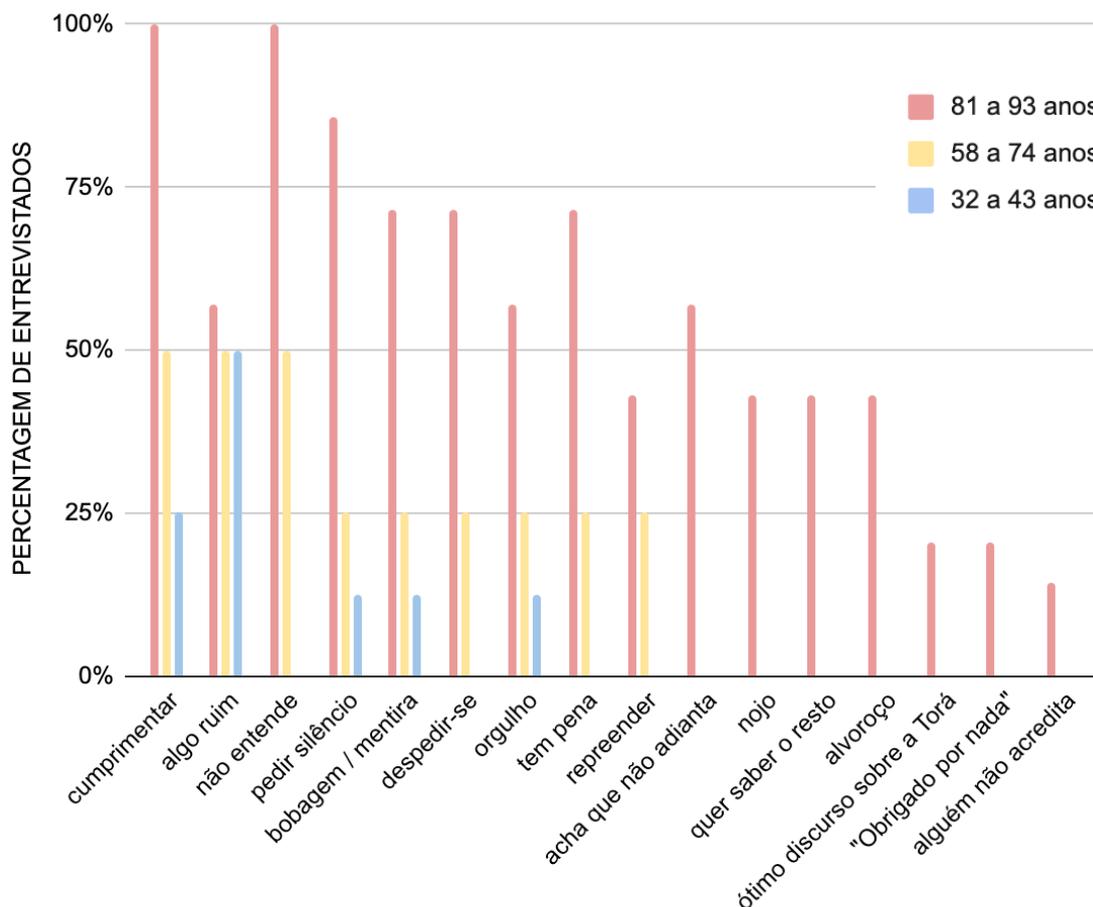
Voltaremos a reproduzir os gráficos mais relevantes para esta análise final:

Gráfico 22 – Formas de conhecimento dos termos por idade (idem Gráfico 12)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Gráfico 23 – Respostas a situações propostas (idem Gráfico 9)



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Os integrantes do Grupo 1 corresponderam às expectativas de se classificarem nas primeiras posições quanto ao conhecimento em geral. Todos tiveram contato direto com o ídiche falado pelos pais, ou pelo menos por um deles. Alguns foram, até mesmo, capazes de elaborar pequenas frases, com alguma dificuldade quanto à exatidão de certas palavras. Muitos responderam às situações propostas, em geral, com frases literais, o que demonstra certa capacidade de formular orações. Dentre os entrevistados que seguiram respondendo à lista de traduções, todos pertencem ao Grupo 1. Os integrantes relatam não usar o ídiche. Em geral, podemos classificar os integrantes deste grupo como *semifalantes mais velhos* e *semifalantes mais novos*, segundo a tipologia de Bert.

O Grupo 2 se divide entre um *subfalante* e três *lembradores*, esta última categoria adicionada por nós, baseada em Campbell e Muntzel (1989). O *subfalante* teve exposição significativa na infância, mas nunca necessitou produzir ativamente. A exposição dos *lembradores* foi menor, e parece ter sido restrita a palavras e expressões isoladas. Eles

mencionam muitas expressões, em geral ofensivas, e admitem usá-las. Também reconhecem muitos termos ao ouvirem-nos.

Classificamos os integrantes do Grupo 3 como quatro *lembradores* (B., D., N. e R.) e quatro *não-falantes* (E., F., J. e O.). Dentre os *não-falantes*, J. conheceu apenas uma palavra, e reconheceu outra, e os outros três conheceram entre quatro e 11 termos. Os quatro entrevistados classificados como *lembradores* conhecem entre 22 e 38 termos. E., F., N., O. e R. – dois *lembradores* e três *não-falantes* – também ocupam cinco das sete primeiras posições de RE, demonstrando que o reconhecimento nesta geração ultrapassa o conhecimento. Os integrantes deste grupo aparentaram se divertir em reconhecer as palavras e admitiram usar o que conheciam – principalmente xingamentos – com maior prontidão.

5. CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa comprovaram a hipótese de que, apesar da perda quase completa do ídiche em Belo Horizonte, ainda sobrevivem expressões que, muitas vezes, não são identificadas pelos próprios falantes como ídiche. Entendemos que, em linguagem simplificada, a retenção lexical não se resume ao que se “sabe saber”, mas também ao que “se sabe, sem saber”. Resumindo, os herdeiros ashkenazitas não-falantes sabem, em geral, mais do que têm consciência, o que pode ser confirmado através, principalmente, do teste de exposição para reconhecimento. Conclui-se que há, como esperado, um conhecimento ou reconhecimento passivo, advindo da naturalidade com que o ídiche está incorporado ao grupo judaico, ainda que os membros não o percebam.

As gerações mais novas, do Grupo 3, demonstraram mudança radical na relação dos membros com o judaísmo. O crescimento e consolidação do Estado de Israel gerou vínculos com a terra e a língua hebraica e, parece, um tipo de unidade que contribuiu para a dissolução de diferenças práticas entre os grupos ashkenazita e sefardita. Os estímulos para os movimentos jovens ligados a Israel parecem ter contribuído fortemente para isso. Esta identidade judaica unificada teria gerado, nas entrevistas, as associações mais severas *luta e sobrevivência*, não ocorridas nos demais grupos.

No entanto, é interessante notar que, apesar de haver uma mudança significativa de contato com o ídiche, a maior parte dos entrevistados do grupo mais jovem, dentre os que se posicionaram neste quesito, se declare a favor do resgate da língua. Em geral, a preservação e resgate são associados por eles a uma cultura, não especificamente da qual compartilham, mas que, como qualquer cultura, deve ser preservada. Muitos dos mais velhos, por sua vez, postulam a favor do resgate devido à “riqueza da língua” (bastante mencionada durante estas entrevistas), indicando valor afetivo especial ao ídiche, especificamente.

Para os grupos 1 e 2, a menção aos termos foi capaz de despertar os vestígios de conhecimento adormecido, ou latente pela ausência de uso frequente. Quanto ao reconhecimento, a partir do Grupo 2 as respostas deixam questionamentos quanto à confiabilidade devido, principalmente, às discrepâncias entre nível de exposição e nível de reconhecimento. As ocorrências parecem estar, muitas vezes, associadas a impressões pessoais quanto àquilo que “soa ídiche”, não necessariamente àquelas expressões em si.

Além dos objetivos iniciais, de gerar documentação do momento pelo qual passa o ídiche em Belo Horizonte, o presente trabalho representa contribuição para os estudos linguísticos, na medida em que inova ao direcionar o diagnóstico para o reconhecimento, a

partir da exposição à menção das palavras, em oposição ao usual neste tipo de estudo – tradução da língua materna para a minoritária. No entanto, pessoalmente, o resultado que gerou maior satisfação foi o despertar da memória e do interesse pela língua e cultura, e o contato com os entrevistados, que se sentiam ouvidos e representados, dispostos a contribuir. Quase todos os entrevistados finalizaram as entrevistas com gosto, muitos com orgulho por descobrir que sabiam mais do que pensavam, e alguns retornaram dias após com informações novas ou relataram o início de discussões em meio à família. Certos entrevistados criaram, até mesmo, vínculo com a pesquisadora, repetindo convites para conversas futuras. Infelizmente, não foi possível entrevistar todos os interessados, e alguns continuam, até o momento desta escrita, buscando contato para contarem suas histórias.

A constatação final é de que o ídiche vem, realmente, desaparecendo com a perda das gerações. O legado deste trabalho é deixar o registro do momento atual, mas, ainda mais importante é a valorização da língua e das histórias pessoais dos entrevistados. Apesar de discussões a respeito da validade do resgate de línguas em desaparecimento, fiquemos com a reflexão de Guinsburg:

amemos o ídiche, preservemos de algum modo o seu extraordinário legado humanístico e cultural, mas não nos deixemos levar por nenhum complexo de culpa, nem tentemos idealizar o seu papel. (SCHWEIDSON, 2009, p. 230)

REFERÊNCIAS

- APTROOT, Marion, GRUSCHKA, Roland. *Jiddisch: Geschichte und Kultur einer Weltsprache*. Munique: C. H. Beck, 2010.
- BASU, T. Oy Vey: Yiddish Has a Problem. *The Atlantic*, 2014. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/national/archive/2014/09/yiddish-has-a-problem/379658/>. Acesso em: 26 de ago. de 2021.
- BEILKE, Neubiana S. V. Pommersche korpora: um conjunto de corpora dialetais da variedade brasileira do pomerano. In: FINATTO, Maria J. C. et al. (orgs.). *Linguística de Corpus - Perspectivas*. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2018.
- BERGER, Schlomo. *Translation between Language and Culture*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2005.
- BERT, M. Qui parle une langue en danger? Locuteurs du francoprovençal et de l'occitan en Rhône-Alpes, France. In: GRINEVALD, C; BERT, M. *Linguistique de terrain sur langues en danger: Locuteurs et linguistes*. Paris: Ophrys, 2010, p. 79-115.
- BERT, M.; GRINEVALD, C. Proposition de typologie des locuteurs de LED. In: GRINEVALD, C; BERT, M. *Linguistique de terrain sur langues en danger: Locuteurs et linguistes*. Paris: Ophrys, 2010, p. 117-132.
- BIRNBAUM, S. A. *Yiddish: a Survey and a Grammar*. Manchester: Manchester University Press, 1979.
- BLANK, P. A Memória de minha Mãe. In: SCHWEIDSON, E. (org.). *Memória e Cinzas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BORUCHOWSKI, I. D. O que é uma língua de herança? In: BORUCHOWSKI I. D. e LICO A. L. *Como manter e desenvolver o português como língua de herança*. Disponível em: [https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Montreal/pt-br/file/lingua%20de%20heranca\(1\)\(2\).pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Montreal/pt-br/file/lingua%20de%20heranca(1)(2).pdf). Acesso em: 26 de nov. de 2021.
- CAMPBELL, L.; MUNTZEL, M. C. The structural consequences of language death. In: DORIAN, N. C. *Investigating Obsolescence – Studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 181-196.
- CASA DO POVO. *Página inicial*. Disponível em: <http://www.casadopovo.org.br> Acesso em: 15 de maio de 2022.
- CHAMBERS, J. K. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING- ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. 2002, p. 349-372.
- CHULATA, K. *Manutenção de línguas de herança: para uma didática da memória linguística*. LINCOOL – Língua e cultura, a revista eletrônica do PLH. São Paulo, v. 40, p. 1-15, 2016.

CHULATA, K. *Português como Língua de Herança*. Discursos e percursos, Lecce: Pensa Multimedia, 2015.

COELHO, Izete *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CONIB. Confederação Israelita do Brasil, s/d. *História*. Disponível em: <https://www.conib.org.br/historia/>. Acesso em: 27 de ago. de 2021.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Morte de língua ou mudança linguística? - Uma revisão bibliográfica. *Revista do Museu Antropológico* – UFG, Goiás, Volumes 5-6, Número 1, p. 55-73, s/d.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CYTRYNOWICZ, H. e MIGDAL, G. (org.) *O conto idiche no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2007.

DAL NEGRO, S. The definition of semi-speakers on the basis of linguistic features. In: MIOLA, E. e RAMAT, P. (org.). *Language contact and language decay: socio-political and linguistic perspectives*, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301677231_The_definition_of_semi-speakers_on_the_basis_of_linguistic_features. Acesso em 05 de mar. de 2021.

DAL NEGRO, S. Language contact and dying languages. In: *Revue Française de Linguistique Appliquée*, 2004/2, Volume IX, pp. 47-58. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2004-2-page-47.htm?contenu=article>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

DORIAN, N. C. A Response to Ladefoged's Other View of Endangered Languages. *Language*, vol. 69, No. 3 (Set., 1993), p. 575-579.

DORIAN, N. C. Grammatical Change in a Dying Dialect. *Language* – Linguistic Society of America, New York City, v. 49, n. 2, p. 413-438, 1973.

DORIAN, N. C. The Problem of the Semi-speaker in Language Death. In: *International journal of the sociology of language*. n. 12, p. 23-32, 1977.

DUCHOWNY, A. T.; ABREU, S. M. de. Transformações identitárias da comunidade judaica de Belo Horizonte. *Revista de Iniciação científica*, Belo Horizonte, 2004, p. 289-312.

EBERHARD, D. M.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. (eds.). 2022. *Ethnologue: Languages of the World*. 25 ed. Dallas: SIL International. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

ETHNOLOGUE, *Eastern Yiddish in the Language Cloud*, 2021. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/cloud/ydd>. Acesso em: 26 fev. 2021.

ETHNOLOGUE, *Western Yiddish in the Language Cloud*, 2021. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/cloud/yih>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

FALBEL, N. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo: Humanitas, 2008.

FALBEL, N. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984.

FISHMAN, J. A. Czernowitz Conference. *YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*, 2010a. Disponível em: <https://forward.com/opinion/128813/the-mameloshn-is-still-a-mother-tongue/>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

FISHMAN, J. A. Language: Planning and Standardization of Yiddish. *YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*, 2010b. Disponível em: https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Language/Planning_and_Standardization_of_Yiddish. Acesso em: 14 de maio de 2022.

GRINEVALD, Colette. Linguistique de terrain sur deux langues en danger: locuteurs et méthodes in GRINEVALD, C.; COSTA James. *Langues en danger: le phénomène et la réponse des linguistes*. *Revue de Linguistique*, Números 35/36, Paris: Ophrys, 2010, p. 23-38.

GOMES, S. *Línguas Ameaçadas: o francoprovençal*. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva). Faculdade de Letras da UFMG, 2019, 211 fls.

GOMES, S. *Línguas em extinção: estudo de um patois franco-provençal*. Dissertação (Mestrado Linguística Teórica e Descritiva). Faculdade de Letras da UFMG, 2015, 115 fls.

GUINSBURG, J. Fagulhas sobre as Cinzas in SCHWEIDSON, E. (org). *Memória e Cinzas*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 203-208.

GUINSBURG, J. *O conto ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1966.

GUINSBURG, J. O Ídiche no Brasil in SCHWEIDSON, E. (org). *Memória e Cinzas*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 225-230.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2013.

IBGE. *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em: <https://www.sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 26 de ago. de 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) (Brasil). *Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística* / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília: 2016.

JACOBS, Neil G. *Yiddish: a linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

JEWISHGEN. *Given Names, Judaism and Jewish History* s/d. Disponível em: www.jewishgen.org/databases/givennames/yiddial.htm. Acesso em: 15 de maio de 2022.

KAFKA, F. Discurso sobre o Ídiche. In: SCHWEIDSON, E. (org). *Memória e Cinzas*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 41-46.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/roma_0035-8029_1921_num_47_185_4432_t1_0119_0000_1. Acesso em 26 de ago. de 2021.

NISKIER, A. *O Iluminismo Judaico*. Academia Brasileira de Letras, 2010. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/o-iluminismo-judaico>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

NEWMAN, Z. K. *The Mameloshn is still a Mother Tongue*, 2010. Disponível em: <https://forward.com/opinion/128813/the-mameloshn-is-still-a-mother-tongue/>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

PFEFFER, R. S. *Vidas que sangram história: a comunidade judaica de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Editora C/ARTE, 2003.

RANGEL, J. Les derniers locuteurs: au croisement des typologies des locuteurs de langues en danger. In: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 39, fascicule 1, 2017. Les langues en danger: un observatoire pertinent pour les théories linguistiques? p. 107-133 Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2017_num_39_1_3589. Acesso em: 09 de abr. de 2021.

RODRIGUES, A. D; BINET, M. “Não se importa que eu grave?”. Questões éticas e paradoxo do observador nos atendimentos de ação social. *Análise Social*, Lisboa, volume L, número 215, p. 279-303, segundo trimestre, 2015.

ROSA DOS VENTOS. *Figura de Linguagem e Estilo: Disfemismo ou Cacofemismo*. Disponível em: <http://rosasdosventos.com/component/k2/item/570-figuras-de-linguagem-disfemismo-ou-cacofemismo>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

ROSTEN, L. *The new joys of Yiddish*. New York: Three Rivers Press, 2001.

SALLES, Ricardo C. *O legado de Babel*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993.

SCHEINBEIN, C. *Línguas em extinção: o Hakitia em Belém do Pará*. 2006. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2006, 335 fls. Disponível em: http://www.catedra-alberto-benveniste.org/_fich/17/ultima_versao.pdf. Acesso em: 12 de out. de 2021.

SCHWEIDSON, E. (org.). *Memória e Cinzas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SUNFELD, R. A. *De Ismail a São Paulo – memórias da família Zveibil*. São Paulo: Ícone Pesquisa de História, 1995.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

THOMASON, S. G. Contact as a Source of Language Change. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (org.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Malden: Blackwell, 2003, p. 687-712.

THOMASON, S. G. Contact Explanations in Linguistics. In: HICKEY, R (ed.). *Handbook of language contact*, p. 31-47. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012.

THOMASON, S. G. *Endangered languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1991.

UNESCO. *Languages Atlas*, 2019. Disponível em: <http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php>. Acesso em: 31 de jul. de 2019.

UNESCO. *Endangered Languages*. Disponível em: www.unesco.org/new/en/culture/themes/endangered-languages/. Acesso em: 12 de abr. de 2020.

WEINREICH, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. The Hague: Mouton Publishers, 1968.

WEINREICH, L.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

YIDDISH DICTIONARY LOOKUP. Disponível em: <https://www.cs.uky.edu/~raphael/yiddish/dictionary.cgi>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

YIVO. YIVO Institute for Jewish Research, 2014. *Basic Facts about Yiddish*. Disponível em: https://www.yivo.org/cimages/basic_facts_about_yiddish_2014.pdf?c=. Acesso em: 06 de maio de 2022.

YOUNG, J. Down with the “revival”: Yiddish is a living language. *YIVO Institute for Jewish Research*, 2014. Disponível em: <https://yivo.org/down-with-the-revival-yiddish-is-a-living-language>. Acesso em: 26 de ago. de 2021.

APÊNDICES

Apêndice A – Resumos das entrevistas autorizados para publicação

Apêndice B – Questionário sociolinguístico e semântico-lexical

APÊNDICE A - Resumos das entrevistas autorizados para publicação

Entrevistado A.	ii
Entrevistado B.	iv
Entrevistado C.	vi
Entrevistado E.	ix
Entrevistado F.	xi
Entrevistado G.	xiii
Entrevistado H.	xvi
Entrevistado J.	xix
Entrevistado K.	xxi
Entrevistado M.	xxiv
Entrevistado N.	xxvii
Entrevistado O.	xxix
Entrevistado P.	xxxí
Entrevistado S.	xxxiv

ENTREVISTADO A. – 89 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai e mãe, 1ª geração nascida no Brasil, em Niterói. Entende um pouco de inglês e falava ídiche, mas não pratica. Casou-se aos 21 anos e aos 23 veio para Belo Horizonte com o cônjuge, para que ele trabalhasse na loja de móveis de seu pai. Mãe nascida em Telenesti, na Romênia, fronteira com a Bessarábia. Veio noiva para Niterói em cerca de 1928, com os pais e os sogros, que voltaram para a Romênia cerca de 2 anos depois, porque acreditavam que o clima quente prejudicava sua saúde. Noivo já estava no Brasil. Tinha ídiche como língua materna, aprendeu português muito bem, e quando não queria ser entendida pelos filhos falava russo. Conversava em ídiche com as amigas às sextas-feiras à noite no clube da sinagoga, em Niterói.

Avó materna nasceu na Romênia, veio para o Brasil com filha, mas voltou com marido para o país natal antes de A. nascer. Tinha ídiche como língua materna, mas também falava russo.

A. não sabe o nome do seu avô materno, só que tinha ídiche como língua materna.

Pai nasceu em Telenesti, na Romênia, tinha ídiche como língua materna e falava russo. Irmão já estava no Brasil quando veio para Niterói para trabalhar como caixeiro-viajante. Falava português muito bem.

A. não sabe o nome de seus avós paternos, só que falavam ídiche, eram da mesma cidade do resto da família, vieram para o Brasil com a nora e voltaram para a Romênia com os pais do genro.

A. acha que o ídiche não é utilizado na comunidade belo-horizontina. Menciona que já houve jornal em ídiche que circulava em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, chamado *Unzere Shtime*.

Nunca sofreu preconceito, mas ouvia gente chamando imigrantes de “gringo”. Acha que o ídiche está desaparecendo por causa da assimilação.

A. lê, escreve, entende e fala ídiche, mas está sem prática. Aprendeu em casa com professor particular e a língua tem grande importância em sua vida. Era professor de música e piano e usa muito para cantar, principalmente quando havia coral. Tem contato com música e com literatura traduzida. Conhece muitas cantigas (menciona “A yidishe mame”) e contos (menciona *Sholem Aleichem*).

Acha que o ídiche está renascendo em Israel, e que deve ser resgatado por ter sido a língua materna de muitas gerações.

Dentre as 16 situações propostas, respondeu a 12 com frases construídas e diferentes das expressões esperadas.

Dentre as 48 palavras propostas em português, soube traduzir: mãe, pai avô, filha, sapato, médico, professor, estudante (como “lerner”), escola, inteligente (como “klig”), bonito, feliz, triste, sol, chuva (como “reyn”), vento, cachorro, gato, batata (como “kartofel”), pão, carne, bolo (como “tsiker”), agora (como “atsindert”), amanhã, ontem, noite, quarta-feira, hora (como “tsayt”), ler, comprar (como “koyfn”), livro, trabalho, sorte (como “matone”), amigo, mulher e festa. Não soube as outras 12.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, reconheceu: farblondzhet, hak a tshaynik, keyn enore, khaloshes, kishke, prost, sheygets, shiker, shlimazl, shmalts, shmok, shnorer.

Conhece: baleboste (como balebuste), bisl, bobbe, bobele, davn, draykopf, drek, epe/eppes, farbisl, feygele, finif, fleyshik, (como frime), ganef, gelt, gevalt (para “irritado”), gezunterheyt, gornisht, Got, goy, grob (para “gordo”), heymish, homentash, kalike, kindele, klap, knish, kosher, koved (como kuved), krekhts, krenk, kreplekh, kurve, leyn (para “ler”), litvak, loksh, makher, mameloshn (como mamelushn), mame, matse, medine, meydil, mentsh (para “homem”), meshuge, metsie (para “sorte”), milkhik, mish-mash, mishpokhe (também para “coletividade”), nakhes, nar, nu?, oy vey (também oy oy oy), oysgematert, patsh, patshke (para “palmada”), pekl, pisher (para “urinar”), pitsl (como pitsele), plats, pletsl, rakhmones, reb (também para “professor”), seykhil (para “pensar”), Shabes, shadkhn, shidekh, shikse (para “empregada”), shlak, shleper, shmote (como shmote), shnayder, shtik, shul (também shule, para “escola”), shvarts, simkhe, tate, tokhes (como tukhes), tsadik, tshedreyt, tsores (como tsures), yarmilke, yente (para nome próprio), yontev, yortsayt (para “aniversário”), zets, zeyde.

Não usa nenhuma.

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO B. – 43 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai, mãe e os quatro avós, 3ª geração nascida no Brasil. Fala inglês, espanhol e um pouco de hebraico. Não é religioso.

Mãe nascida em Belo Horizonte.

Avó materna nascida em Belo Horizonte.

Bisavó materna faleceu quando B. era pequeno.

Bisavô materno faleceu um mês após B. nascer. Vieram da Bessarábia, não sabe se falavam ídiche.

Avô materno nascido em Ouro Preto. Não sabe se falava ídiche.

Bisavô e bisavó maternos vieram da Bessarábia, acha que se conheceram no Brasil.

Pai nascido em Belo Horizonte. Falava ídiche que aprendeu com o avô, falava um pouco com tio. Falava hebraico muito bem.

Avó paterna nascida em Juiz de Fora, falava ídiche como língua materna, usava com família.

Bisavó paterna nascida em Israel.

Bisavô paterno nascido em Israel, onde à época era Palestina. Eram primos de primeiro grau e vieram antes da 2ª guerra mundial por questões econômicas. Marido veio antes e depois mandou buscar esposa.

Avô paterno nascido em Porto Alegre, B. acha que não falava ídiche.

Bisavó paterna nascida em Ismail, na Ucrânia, onde à época era Rússia, em 1884.

Bisavô paterno nascido em Bucareste, Romênia. Vieram antes da 2ª guerra, após pogroms.

B. tem irmão que fala um pouco de ídiche porque é rabino e segue vertente lituana, mas mora em Israel.

Segundo B., o ídiche não é utilizado na comunidade, e deixou de ser falado devido aos traumas na Europa. B. entende palavras em ídiche que são iguais em hebraico e algumas que avó falava, com quem aprendeu alguns provérbios (menciona algo como “tem-se que provar a compota pra saber seu gosto”) e cantigas (menciona “tumbalayka”). Ao fim da vida, já senil, a avó falava apenas em ídiche. Conhece também xingamentos (menciona “nisht mikh tukhes”), e diz que em hebraico só se usa xingamentos em ídiche.

Acha que o ídiche só está vivo em Nova York. A língua só tem importância afetiva pra ele porque avó falava no fim da vida.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: afeto, obsoleto, segredo (talvez), opressão e adicionou “passado”.

Dentre as **situações propostas**, respondeu a “pessoa te conta algo ruim e inesperado” com “ou vey”, “oy va voy”, e “oy veys mikh”.

Dentre 10 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado e feliz), **soube traduzir**: mãe, avô e sinagoga (como “shil”). Não soube as outras.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: zay gezunt/a bi gezunt, baleboste (como balebuste), bobe, gelt, nefesh, shmendrik e tsimes.

Conhece: balagan, goy (geração da mãe usa), halva, kindele, kosher, kreplekh, kugl (como kigl), laks, latke, mame, matse, meshuge, mish-mash, nakhes, nu, oy vey, plats, pletsl, pots, reb, Shabes, shadkhn (como shakhdn), shidekh (como shidukh), shikse (pejorativo e também para “empregada doméstica”), shleper, shlimazl, shmalts, shmok (menciona shmoke pots), shnorer, shul (como shil), shvarts (para termo preconceituoso para “pessoa negra”), simkhe, tokhes (como tukhes), tsores (como tsures), yontev (como yontov), yortsayt e zeyde.

Não usa nenhuma.

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO C. – 60 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai e mãe, 1ª geração nascida no Brasil. Fala francês e italiano e um pouco de inglês. Casado com não-judeu.

Mãe nascida na Polônia em 1923, falava ídiche em casa e na comunidade, uma cidade totalmente judia. Foi alfabetizada em polonês devido a programa do governo, mas dizia que tinha esquecido (C. acha que bloqueou devido à experiência). Pertencia a família pobre, porém intelectualizada. Em 1936, aos 13 anos, chegou a Belo Horizonte com os pais, onde mais tarde se casou. Falava português e ídiche com o marido, às vezes para esconder assunto dos filhos. Também usava a língua com as amigas. Bem idosa, ficou doente e passou a falar polonês.

Avó materna só falava ídiche, nascida em Lodzist, na Polônia (hoje na Ucrânia). Veio para Belo Horizonte com os filhos em 1936, e no navio recorria à filha quando precisava se comunicar em polonês. Faleceu dois anos depois em um parto, aos 38 anos. Havia começado a aprender português. Era prima de primeiro grau do marido.

Avô materno nascido em Trochenbrod (nome ídiche para Sofivka), na Polônia (hoje Ucrânia). C. acha que não falava polonês, só ídiche. Veio para Belo Horizonte, onde tinha prima, devido à crise e à perspectiva do antissemitismo, em 1930. Aprendeu português rápido por que era comerciante e muito sociável, mas usava o ídiche na comunidade.

Pai não falava polonês, só ídiche. Chegou com os pais ao Rio de Janeiro com 15 anos, em 1931, mas tinha dificuldades com português. Casou-se aos 32 anos e se mudou para Belo Horizonte. Veio de família pobre, de cidade próxima a Varsóvia. Não falava da infância, segundo C., era mais “fechado”.

Avó paterna nascida na Polônia, faleceu com mais de 60 anos no Rio de Janeiro, na década de 1950. C. não a conheceu, mas acha que só falava ídiche.

Avô paterno conhecido na família como “zeyde”, nascido na Polônia, veio para o Rio de Janeiro em 1931. Aprendeu português e trabalhou em fábrica de cerdas de escova aqui, assim como na Polônia.

C. acha que o ídiche está em extinção em Belo Horizonte, porque comunidade é pequena e pela morte dos falantes, que não transmitiram a língua porque não pretendiam voltar para a Europa. Acha que os falantes têm relação ambígua com o ídiche, porque lembra a tragédia e o sofrimento, e que sofreu preconceito na Europa porque era língua dos “judeus pobres”, o que pode ter sido trazido para o Brasil.

C. estudou ídiche quando era criança, por apenas um mês, e depois de adulto durante 3 meses quando morou na França. Gostaria de aprender e usa algumas palavras com família porque acha

divertido. Comenta que até o cônjuge, que não tem ascendência, as usa. Usam como “código” com cônjuge e filho, principalmente expressões irônicas, que considera muito expressivas. Tem um pouco de contato com música em ídiche e significativamente com literatura traduzida. Leu muita literatura clássica.

Menciona os xingamentos “pots”, “tukhas”, “tsitele”, as expressões “a groyse mitsie”, “ganif”, “oy veys mir”, “doz oz azay a gitl” (“isso não vai acabar bem”, que ouvia do pai) e shlepel (“mal-vestido”).

Acha que o ídiche está morrendo, mas tem muita importância em sua vida, e que deve ser resgatado porque é uma língua muito rica que retrata um mundo que desapareceu. Sabe que está havendo movimento em relação ao estudo acadêmico da língua, mesmo por pessoas não descendentes.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: afeto, tradição, luto, família, segredo, informal, ironia, identidade, herança, preconceito e opressão, e acrescentou “memória”.

Dentre as **situações propostas**, respondeu a “pessoa te conta algo ruim e inesperado” com “oy oy oy”, “você chega e não entende o que está acontecendo” com “nu?”, “alguém te conta uma bobagem/mentira” com “a groytse metsie”, “você tem pena de alguém” com “tsukhes”.

Dentre 24 palavras propostas em português, **soube traduzir**: avô, sinagoga (como “shil”), professor (como “melamed”), escola (como “edekh”), cansado (como “bakakt”), feliz (como “nakhes”), batata, carne (como “flesh”) e noite. Não soube traduzir as demais 15 (mãe, tio, mercado, azarado, sol, vento, cachorro, ovos, amanhã, domingo, hora, comprar, língua, sorte, mulher).

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: balagan, baleboste, geshmat, krenk, megile, mish-mash, Moyshe kapoyer, pekl, shatkes, shnayder (sabe que é uma profissão) e tsimes.

Conhece: bisl, bobe, bobele, feygele, flayshig, frum, ganef (para “ladrão”), gelt, gevalt (para “ai meu deus!”), gezunterheyt, goy, halva, homentash, keyn enore (como keyn enoyre), kindele, kishke, knish, kosher, kugl, kurve, laks, latke (como latkes), litvak, loksh, mame, matse, meydil, melamed, mentsh (para “pessoa”), meshuge, metsie, nakhes, nu, oy vey, pitsl, plats, pletsl, pots,

rebbe, Shabes, shadkhn, sheygets (para “não-judeu”), shidekh, shikse, shleper, shlimazl, shmalts, shmok, shtunk (como shtink), shul (como shil), shvarts, simkhe, tate, tokhes (como tukhes), tsitser (para “peito”), tsores (como tsures), yeke, yente (nome próprio para mulher), yontev e zeyde.

Usa: zay gezunt (para “use com saúde”)

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO E. – 35 anos

Descendente ashkenzita por parte de pai, 2ª geração nascida no Brasil. Fala inglês e francês, estudou hebraico, mora atualmente nos EUA. Não frequenta ritos mas fez bar-mitzva, época em que pai começou a frequentar sinagoga. Se reconhece como judeu.

Mãe sem ascendência judaica, filha de franco-belgas.

Falava francês com os pais. Entendia um pouco de ídiche que ouvia do pai, que falava inglês, hebraico e francês sem sotaque. Pai não quis que aprendesse húngaro porque achava inútil.

Avó paterna sem ascendência judaica. Viveu até os 102 anos, casou-se pela segunda vez e adotou outro sobrenome.

Avô paterno falava ídiche dentro da comunidade judaica, mas em casa húngaro. Nasceu em região que hoje pertence à Ucrânia, foi para a França nos anos 1930, onde conheceu esposa, com quem falava francês. Falava 6 ou 7 línguas (russo, alemão, português...). Veio para o Brasil com passaporte tcheco em 1939.

E. ouvia idosos falando ídiche quando criança na comunidade judaica, na 6ª feira, não entendia e pai dizia que era ídiche. Acha que hoje não é mais falado, e atribui a perda à adoção do hebraico pelo estado de Israel, segundo ele, de maneira imposta e um pouco “violenta”. Frequentou brevemente os movimentos da juventude judaica em Belo Horizonte, mas não gostava das pessoas e da fixação com Israel como lugar ideal. Estudou na escola judaica Theodor Herzl, onde aprendeu hebraico.

E. não entende nem fala ídiche, mas acha que consegue identificar a língua pela sonoridade. Só conhece orações em hebraico, mas diz que os ortodoxos usam ídiche nas orações do Ben Khabat. Citou os xingamentos “meshigene” (que o pai usava), “shmuk” (que também ouviu nos EUA), além da palavra “kindele” e o prato “gefilte fish” (receita da mãe do avô).

Acha que o ídiche está morto como língua falada, mas ainda sobrevive em expressões, e que não deve ser resgatado, e sim seguir o curso normal, já que “resgatar significa destruir algo que já existe” (fala do entrevistado).

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: tradição (principalmente), luto, família (principalmente), informal, intraduzível (um pouco), identidade e herança. Acrescentou: comidas

Dentre as **situações propostas**, respondeu a “você cumprimenta alguém” com “shalom”.

Dentre 10 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado e feliz), não soube traduzir nenhuma para o ídiche.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, reconheceu: zay gezunt/a bi gezunt, balagan, bobele, dawn, eydel/eydl, flayshig/flayshedig/fleyshik, gevalt!, kitl, litvak, medine, meshuge, nefesh, nokhshleper, plats, pots (como “puts”), shleper, shlumper (pai falava), shmalts, shmirn, shtik/shtikl, shtus, shvits, tsadik e tsitser.

Conhece: goy/goyish (pai usava), kindele, kosher, matse, mishpokhe, reb/rebbe/rov (pessoal usa rebbe), Shabes, shmok (como shmuk), shmuts (para xingamento) e simkhe (para “felicidade”),

Não usa nenhuma. Não reconhece as demais

ENTREVISTADO F. – 32 anos

Descendente ashkenzita por parte de pai, 2ª geração nascida no Brasil. Fala inglês fluente, espanhol e italiano intermediários. Passou há pouco tempo a se identificar como judeu. Não participa da comunidade ou ritos. Estudou no colégio Albert Einstein, dentro da UIBH.

Mãe sem ascendência judaica, sobrenome indica, segundo F., origem cristã-nova, mas não sabe. Pai nascido em Belo Horizonte, fala hebraico bem e entende algumas palavras em ídiche. Praticante e estudioso da cultura judaica, foi várias vezes a Israel e viveu em Kibutz. Participa ativamente na comunidade em Brasília, onde vive, sendo convidado a celebrar ritos em ausência dos líderes.

Avó paterna adotou sobrenome do marido, nasceu em Porto Alegre em 1929 e mudou-se para Belo Horizonte aos 5 anos.

Avô paterno nascido em Varsóvia, Polônia, em 1929, veio para o Brasil de Paris com pais e irmãos em 1948, segundo documento de imigração obtido no Arquivo Público, num dos programas de realocação de famílias. F. não sabe onde se refugiaram durante a guerra, não sabe de familiares em campos de extermínio. Vieram para o Brasil por medo do que aconteceria na URSS. Avô já havia falecido quando F. nasceu.

F. conheceu tio-avô quando era criança, imagina que ele falasse ídiche. Acha que a língua não sofre ou sofreu preconceito, apenas desconhecimento, e que foi sendo abandonado devido ao desejo dos imigrantes de se integrarem totalmente ao novo destino, de se abraçarem.

Aprenderia ídiche, mas não é sua prioridade. Após entrevista, disse ter mudado de ideia, e ficou com vontade de aprender.

Mencionou ter comido comidas judaicas quando criança, feitas pela avó, se lembra de “gefílte fish”. Acha que o ídiche está fadado a se restringir a estudos. Sente afeto pelas tradições que se perderam em processos forçados, e acha que língua deve ser resgatada no sentido de despertar debate, questionamento e mesurar perda. Vê esforço em busca do hebraico na comunidade.

Associa o ídiche a todas as palavras propostas, exceto “informal” e “intraduzível”. Adicionou “passado” e “comunidade”.

Dentre as situações propostas, não soube responder a nenhuma, não soube traduzir nenhuma das 10 palavras propostas (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado e feliz), para o ídiche.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: zay gezunt/a bi gezunt, fayfer, feh!, gelt, geshmat, gevalt!, gezunterheytt, glitsh, grob, halava/halva, khaloshes, khmalye, kishke, kitl, klap, klots, knaker, krekhts, kreplekh, kugl, latke, mameloshn, mame, matse, mentsh, mish-mash/mish-mosh, mutshen, shidekh, shlak, shnayder, shul, shvarts, shvits, yente e zeyde. Acha que reconhece mais por associar os fonemas. **Conhece**: goy/goyish, kindele, kosher, shmok. **Não usa nenhuma. Não reconhece as demais.**

ENTREVISTADO G. – 81 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai e mãe, 1ª geração nascida no Brasil. Fala bem inglês e espanhol, entende francês, ídiche e italiano. Fez Bar Mitzvah, mas abandonou religião ao se definir como materialista aos 15 anos.

Mãe nascida na Polônia, falava polonês, russo e ídiche. Veio para o Brasil em 1931 e trouxe dois irmãos. Família morreu na Polônia, exceto um irmão que foi para a Rússia e depois para os EUA.

G. não conheceu os avós maternos, mas sabe que falavam ídiche.

Pai falava ídiche e polonês. Veio para o Brasil em 1928 e trouxe os pais. O tio tinha vindo antes, e um irmão morreu na Polônia.

Avó paterna falava ídiche, morreu no dia do Bar Mitzvah de G.

Avô paterno falava ídiche. Dois anos após a morte da esposa, foi para Israel.

Pais se conheceram na Polônia, mas se casaram aqui. Vieram devido às más condições e perseguições pelas quais os judeus passavam na Polônia. Só falavam polonês em casa quando não queriam ser entendidos pelos filhos. Usavam ídiche na comunidade com contemporâneos, mesmo no Brasil.

Filho de G., se formou em história e foi fazer pós-graduação na Sorbonne, morando com o tio da primeira madrasta, que falava ídiche. Por isso fala a língua.

G. fundou o Instituto Histórico Israleita Mineiro, onde anos atrás havia eventos onde pessoas queriam falar ídiche. Segundo ele, hoje o ídiche é falado em Belo Horizonte por pouquíssimas famílias.

Entende o ídiche como dialeto do alemão, e acha que é considerado língua de “segunda classe”. Acha que parou de ser falado porque o movimento sionista cresceu e escolheu o hebraico como língua oficial, enquanto o ídiche ficou restrito a comunidades religiosas pelo mundo.

G. falava ídiche, hoje mistura com inglês, mas ainda entende bem. Aprendeu quando estudou para Bar Mitzvah com parente de 2º grau do pai que era muito religioso, estudioso e místico (cabala). As orações eram em hebraico, mas as aulas em ídiche. Viaja muito e procura teatro e música ídiche nessa situação, principalmente nos EUA. Só nestas situações usa ídiche. Recebe e divulga músicas pelo whatsapp, tem discos mas não costuma ouvir.

Leu livro sobre provérbios, conhece poucas cantigas e contos, mas não menciona nenhum especificamente. Se recorda espontaneamente das palavras shmok, pots, drek, mish-mash, meshigene kopf, goyshe kopf, mishige/mishuge. Menciona que entre os judeus existem

estereótipos de outros judeus, como o romeno ser considerado ladrão, o alemão ser considerado inferior (yeke pots).

Para G., a importância do ídiche é apenas sentimental, por ser língua dos pais e avós, mas acha que deve ser resgatado por ter séculos de história e ter sido falado por uma comunidade muito grande.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: tradição, obsoleto, família, identidade, herança e adicionou “passado”.

Dentre as **situações propostas**, respondeu a “pessoa te conta algo ruim e inesperado” com “oy vay”, “para despedir-se de alguém” com “zey gezint”, “você chega e não entende o que está acontecendo” com “mish-mash”, “você quer que alguém se cale/faça silêncio” com “shtil” e “você cumprimenta alguém” com “vi geys?”.

Dentre 15 palavras propostas em português (pai, filha, sapato, médico, estudante, rua, inteligente, doente, bonito, triste, chuva, flor, gato, pão, bolo), **soube traduzir**: filha, médico, rua, inteligente (como “klig”), bonito (como “shayn”), flor, gato, pão e bolo (como “kigl”). Não soube as outras 6 (pai, sapato, estudante, doente (lembrou de gezint para “saudável”), triste, chuva), mas confunde com inglês.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: khas/khas vesholem (pai falava), Moyshe kapoyer (pai falava), oysvorf, parekh (pai falava), pisk e zets.

Conhece: zay gezunt/a bi gezunt, a nekhtiger tog (só literalmente), alter kaker (pai falava), baleboste (como balebuste), bisl, bobe, bobele, davn, draykopf (só literalmente), drek, epes/eppes, farblondzhet, farshtunkener, fayfer, feygele, finf, flayshig, fres, frum (como frim), ganef, gelt, geshmat (para “pano”), gevalt, gezunterheyt, gornisht, Got, goy/goyish, grob, hak a tshaynik (pai falava), heymish, homentash, kalike, khutspe, kindele, kishke, klap, klots (para uma comida), knaker, knish, kosher, koved, krekhts (para “gemer”), krenk, kreplekh, krikh arayn in di beyner (para “ao centro da questão”), kugl, kurve, kvetshn, latke, litvak, loksh, luftmentsh, lump, makher, mameloshn, mame, mamzer, matse, medine, megile, meydil, melamed, mentsh, meshuge, metsie, milkhik, mish-mash, mishpokhe, nakhes, nebekh, nefesh, nokhshleper (para “pobretão”), nu, nudnik, oy vey, oyrekh, oysgematert, oytser, pareve (como parve), paskudne (pai falava), patsh, pisher, pitsl, plats, pletsl, prost, pots, rakhmones, rebbe

(também raf), seykh, Shabes, shadkhn, sheygets (para “moleque”), shidekh, shiker, shikse (para “menina” ou “empregada”), shlak, shleper, shlimazl, shmalts, shmats, shmendrik, shmok, shnayder, shnorer, shul, shvarts, shvits, simkhe, takhles, talmed khokhem (para “sábio”), tate, tokhes (como tukhes), tsadik, tsedreyt, tsimes (para “alimento que não se pode comer na Páscoa – com fermento”), tsores, vits, yarmlke, yeke, yente, (depreciativo para mulher), yontev (como yontov), yortsayt, zeyde, zhlob (para “boçal”).

Não usa nenhuma.

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO H. – 69 anos

Reconhece palavras através de deduções relacionadas a outras línguas de que conhece parte.

Descendente ashkenazita por parte de pai (Rússia) e de mãe (Bessarábia).

Estudou na Escola Israelita Brasileira, onde estudou ídiche, depois mudou para Santo Antônio, escola católica mais aberta a não-católicos na época. Frequentou Associação Israelita como clube e sinagoga até os 13 anos. Frequentava festas na União Israelita porque eram melhores.

Mãe nasceu no Rio de Janeiro, cresceu falando em casa português e ídiche. Fala, mas não pratica porque não tem com quem falar. Falava em família, com parentes mais velhos, mesclando com português.

Avós maternos levavam vida dura e pobre.

Avó materna falava romeno, ídiche, entendia russo. Cresceu falando ídiche em casa, com família e amigas. Conheceu marido quando ele estava em vias de voltar para o Brasil. Sofria com pogroms na época do Kaiser. Judeus da família iam para qualquer lugar que abrisse fronteira.

Avô materno falava romeno, ídiche, russo. Ídiche em contexto familiar. Veio ao Brasil pela primeira vez aos 20 anos. Conheceu esposa e vieram para o Brasil por volta de 1928. Começou como vendedor ambulante, camelô, e foi subindo na vida. Viajava para a Bessarábia e trazia judeus consigo. Trouxe cerca de 30 pessoas.

H. conheceu sua bisavó, mãe do avô materno, que veio para o Brasil com cerca de 70 anos e morreu com cerca de 100. Até o fim da vida não falava português.

Família paterna tinha melhores condições financeiras do que a materna, eram mais cosmopolitas. Avó frequentava spas.

Pai de línguas maternas ídiche e russo. Um dos fundadores da Associação Israelita em Belo Horizonte.

Avó paterna de línguas maternas ídiche e russo. Falava francês e aprendeu português. Falava alemão bem o suficiente para servir de intérprete com enfermeiras alemãs quando se voluntariava no hospital. No Brasil, falava ídiche em casa, com a família e com a comunidade ashkenazita.

Avô paterno de línguas maternas ídiche e russo. Era atacadista de cereais na Rússia, com boas condições financeiras, perdeu tudo com instauração do regime comunista. Veio ao Brasil em 1924.

H. acha que um primo mais novo pode se interessar pelo ídiche porque segue religião.

Acha que o ídiche é pouco falado atualmente em Belo Horizonte, apenas por pessoas mais velhas. Enfrentou preconceito no mundo por ser considerado língua para “coisas menores”. Está parando de ser falado porque os falantes estão idosos.

Considera que não sabe ídiche, mas gostaria de aprender e tem grande interesse na eventual formação de um grupo de estudo. Não usa o que sabe. Tem contato através da música klezmer, que acha muito bonita. Lembra de que na infância os parentes mais velhos ouviam discos com piadas em ídiche. Não entendia, mas eles se divertiam muito.

Considera que o ídiche está morrendo há muito tempo. Língua tem importância afetiva em sua vida e deve ser resgatado porque “toda tradição tem coisas boas”.

Associa o ídiche a quase todas as palavras dentre as propostas, sendo elas: afeto, tradição, luto, família, segredo, sagrado, informal, ironia, intraduzível, identidade, herança, preconceito, opressão. Só excluiu: obsoleto. Acrescentou: xingamento e arte (música e literatura).

Dentre as **situações propostas**, soube responder a “pessoa te conta algo ruim e inesperado” com “oy vey”, “você quer que alguém faça silêncio” com “sha” (lembra de um tio usar muito) e a “você cumprimenta alguém”. Em quase todas as demais situações, parecia quase se lembrar, com as expressões “na ponta da língua”.

Dentre 15 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado, feliz, sol, vento, cachorro, batata, carne) **soube traduzir** sinagoga e escola (que traduziu com a variante da vogal “i”, não prevista na lista inicial).

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: alter kaker, balagan, epes/eppes, eydel/eydl, farbish, feygele, klap, krikh arayn in di beyner, makher, nakhes, shmok (conhece como shmuk), shnayder, tsadik, tsedreyt. **Conhece**: zay gezunt/a bi gezunt, baleboste (conhece como balebuste), bisl, bobe, bobele, draykopf/dreykopf, drek, feh, fin/finf/finif, gelt, gezunterheyt, glitsh (conhece na música eletrônica), gornisht, Got, goy/goyish, halava/halva (menciona o correspondente turco que existe em BH “halal”), hotseplots (conhece como “vive em outro mundo”), kindele, knish, kosher, kreplekh, kurve (explica a origem pelas mulheres polacas traficadas), latke, mame, matse, meydil, mensth, meshuge (conhece como “meshigene” em meio a uma expressão), mishpokhe, nokhshleper (conhece como “bagunçado, desleixado”), nu?, oy vey, pitsl, plats, pletsl, plyatke, pots, reb/rebbe/rov, Shabes, shidekh, shikse, shleper,

shnorer, shul, shvarts, simkhe, tate, tokhes (conhece como “tukhes”), yarmlke, yeke, yente, yontev, yortsayt (conhece como “yurtsayt”), zets, zeyde. Não usa nenhuma. Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO J. – 37 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai, 2ª geração nascida no Brasil pelo avô paterno, 3ª geração pela avó paterna. Estima que famílias vieram na década de 1920. Fala inglês intermediário. Não foi criado no judaísmo.

Mãe sem ascendência judaica, nascida no Brasil.

Pai conhece só algumas palavras de ídiche que ouvia na infância, quando os pais não queriam ser entendidos pelas crianças.

Avó paterna nascida no Brasil. Acha que teve contato com ídiche em casa e que entende a língua.

Avô paterno nascido em região que hoje pertence à Rússia ou talvez Ucrânia, veio novo e foi registrado como brasileiro. Falava russo e entendia ídiche.

J. acha que o ídiche não é utilizado na comunidade, somente um pouco de hebraico. Acha que já ouviu familiares (hoje falecidos) conversando em ídiche em festas de família há muito tempo atrás, mas não no dia-a-dia. Entende que o ídiche sofre preconceito como tudo que é judaico e que está parando de ser falado por não ser língua oficial em nenhum país.

Não tem nenhum contato com o ídiche. Acha que está morrendo e que a língua não tem importância em sua vida, mas que tem mais informações do que um leigo. Não sabe se deve ser resgatado, mas acha importante ter registro de memória. Não pode imaginar como seria possível um resgate, sem que haja necessidade específica.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: tradição, luto, família, segredo (lembra da família falando para não ser entendida pelas crianças), informal, ironia, intraduzível, identidade, herança, preconceito e opressão.

Dentre as **situações propostas**, não soube responder a nenhuma.

Dentre 10 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado e feliz), não **soube traduzir** nenhuma.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: shleper (acha que pai falava).

Conhece: kosher.

Não usa nenhuma.

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO K. – 93 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai e mãe. Nascido na Polônia (Kamien Kossyrch), veio para o Brasil, Rio de Janeiro, aos 3 anos. Mudou-se para Sete Lagoas, onde enfrentou grande pressão da comunidade católica para ser convertido. Devido a isso, mudaram-se para Belo Horizonte, quando tinha 7 anos. Fala português, inglês, francês e ídiche. Casou-se com descendente de judeus poloneses, nascido no Brasil.

Mãe nascida na Polônia, falava polonês e ídiche. Veio para o Brasil em 1931, um ano após o marido, com K.. Deixou na Polônia filha de casamento anterior, devido à proibição do avô. Desde o início da 2ª guerra, não teve mais notícias desta filha, e morreu de câncer ainda durante a guerra, sem saber que ela havia sobrevivido na Rússia, como enfermeira.

K. não conheceu os avós maternos, nem sabe os seus nomes, apenas ouviu da mãe que o avô trabalhava com couro, fazendo sapatos.

Pai nascido na Polônia, falava polonês e ídiche, que usava com a família e na comunidade. Era alfaiate e veio para o Rio de Janeiro em 1930, quando havia incentivo do governo Getúlio Vargas.

K. não conheceu os avós paternos, que moravam em outra cidade na Polônia. Sabe que o avô lutou na 1ª guerra mundial e era alfaiate. Acredita que ambos falavam ídiche.

Segundo K., o ídiche é muito pouco utilizado na comunidade belo-horizontina, apenas entre amigos mais idosos. Mas sem fluência, apenas para brincadeiras. Sabe de curso de ídiche que aconteceu cerca de 5 anos atrás. Acha que o ídiche está desaparecendo pela morte dos falantes mais velhos. Conta que havia escola judaica, antes da Theodor, onde ídiche era ensinado como segunda língua.

Considera que sabia falar ídiche, mas hoje só entende. Aprendeu com os pais, usa expressões, às vezes, quando vai à Associação Israelita Brasileira. Adora música judaica, usa para xingar e usava com cônjuge para ocultar dos filhos.

Conhece muitos provérbios – menciona “gey ein drerdrerayn” – e cantigas – menciona os partisans. Tentou lembrar-se de um insulto que corresponde a “não me aborreça”. Acha que o ídiche está morrendo e considera a língua importante e que deve ser resgatada porque é forma de comunicação mundial, em qualquer lugar.

K. segue algumas tradições em casa, frequenta a sinagoga e cozinha pratos típicos.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: afeto, tradição, luto, família, segredo, ironia, identidade e herança.

Dentre as **situações propostas**, respondeu a “comida te dá nojo” e a “pessoa começa a contar história e para, você quer saber o resto” com “nu”, “pessoa te conta algo ruim e inesperado” com “oy veys mikh”, “você chega e não entende o que está acontecendo” com “vikh ben ikh”, “alguém fez um ótimo discurso sobre a Torah” com “barukh hashem”, “alguém te conta uma bobagem/mentira” com “es iz nisht emmes”, “criança fez algo errado” com “makh nisht keyn gerede” e “shakh shtil”, “você tem pena de alguém” com “ikh hob rakhmones”, “obrigado por nada” com “shayn genig” e “você quer que alguém se cale/faça silêncio” com “shtil”, “você acha que não precisava de tanto alvoroço” com “es iz nisht azoy gefelt”, “alguém toma remédio que você acha que não adianta” com “ez iz nisht elfun”, e “você cumprimenta alguém” com “vuz makhstu”?”.

Dentre 24 palavras propostas em português, **soube traduzir** 20: pai, filha (“tokhter”), sapato (“shtikh”), médico (“dokter”), estudante (“lernt”), rua, inteligente (“a gitn kop”), doente (“kraynk”), bonito, chuva (“reyn”), flor, pão (“breyt”), bolo (“kikhn”), agora (“erst”), ontem, dia (“tug”), ler (“leyen”), livro, trabalho e amigo (“frend”). Não soube traduzir: triste, gato, quarta-feira e festa.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: alter kaker, megile, nash, ploysher, pushke (como pashke) e shtupn.

Conhece: zay gezunt/a bi gezunt, a nekhtiger tog (só literalmente), baleboste (como balebuste, para “dono’ dona”), bisl, bobe, bobele (para “avozinha”), davn, drash (para “lixo”), draykopf (só literalmente), drek, epes/eppes, farbisen, farblondzhet, feygele, finf, flayshig, folksmentsh, flash (como splash), frum (para “de onde”), ganef, gelt, geshmat, gevalt, gezunterheyt, gornisht, Got, goy/goyish, grob (para “gordo”), hak a tshaynik (para “não me amole”), halava, heymish (para “próximo”), homentash, in mitn drinen (só literalmente), kalike, keyn enore (como kneyneore), khaloshes (como khaloshem, para “sufocado”), kholerye (como khulige, para homem ou mulher malvado), khutspe, kindele, kishke, klap (para “palma”), klots (para “pedra”), knaker (para “vigarista”), knish, kosher, koved (como kuved), krekhts (para “gemido”), krenk, kreplekh, krikh arayn in di beyner (só literalmente), kugl, kurve, kvetshn, latke (como laktes), leyen (para “ler”), litvak (para uma origem), loksh, luftmentsh, makes (para “ferida”), mameloshn, mame, mamzer, matse, mazek (para “destino”), medine, meydil, mekhule (para “destino”), melamed (para “religioso”), mentsh, meyvnl, meshuge, milkhik (como

milkekh), mish-mash, mishpokhe, nakhes, nar, nebekh, nefesh (para “dó”), nokhshleper (para “vagabundo”), nu, nudnik, oy vey, oysvorf (para “jogar conversa fora”), oytser, paskudne, patsh, pekl, pisher, pisk, pitsl, plats (para “tapa”), pletsl, prost, pots, rakhmones, rebbe, seykhil (para “seio”), Shabes, shadkhn, sheygets (para “não judeu”), shidekh, shiker, shikse (para “moça”), shleper, shlimazl, shmalts (para “destino”), shmate, shmok, shmuts, shnayder, shnorer (para “chato, intrometido”), shtik, shvarts, shvits, simkhe, takhles (para vestimenta religiosa), tate, tayvl (como tayvol), tokhes (como tukhes), tsadik (para “anjo”, “profeta”), tshepen (para “barganhar”), tsimes (para “festa”), tsores, yarmilke, yeke (para “jeca”), yente, (como nome próprio), yold (para “dó”), yontev, yortsayt, zaftik (para “satisfeito”), zets, zeyde e zhlob (para “irritante”).

Não usa nenhuma.

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO M. – 90 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai e mãe, 1ª geração nascida no Brasil, em Belo Horizonte. Fala hebraico, entende francês e inglês, e estudou o primário na Escola Israelita Brasileira. Morou em Israel com cônjuge, quando o Estado foi fundado.

Mãe nascida na Rússia, cresceu falando ídiche, mas também falava russo e romeno. No Brasil, usava na comunidade, com membros da mesma geração, e para xingar. Veio enviada pelo irmão em 1920, quando já eram órfãos. Já era noiva e se casou no Rio de Janeiro, onde viveu com o marido em “casas de cômodos” e trabalharam no mercado aberto por ele. Teve um irmão em campo de extermínio, que depois da guerra conseguiu ir para Israel.

Avós maternos desconhecidos.

Pai nascido na Rússia, cresceu falando ídiche, mas sabia russo e romeno, como a esposa. Era do exército e veio para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como vendedor ambulante, fugindo do antisemitismo. Já era órfão. Mudou-se com a esposa para Belo Horizonte quando adoeceu e passou a trabalhar em armazém no Mercado Central.

Avós paternos desconhecidos.

M. tem um irmão de 96 anos que mora em São Paulo sabe mais ídiche do que ele.

Acha que o ídiche não é mais falado na comunidade e que os judeus sofrem preconceito, mas não especificamente a língua. Especula que parou de ser falado pela associação com a Alemanha, que trazia más lembranças, e pela adoção do hebraico em Israel, que “carrega cultura original da bíblia”.

M. lê, fala e entende ídiche. Teve que aprender a ler porque recebia cartas em ídiche da mãe quando estava em Israel, e achava a caligrafia dela muito difícil de entender. Atualmente não usa a língua. Às vezes recebe cantos e músicas de amigos.

Citou as expressões “shleper”, “oy veys mikh”, “yidishe kop”, “kvetsh”, “khutspa” e “shmate” e a música “shiker iz a goy”. Acha que o ídiche está morto como língua falada, mas tem literatura e cultura documentada. A língua tem grande importância em sua vida porque os pais só falavam ídiche. Acha que deve ser apenas documentada, porque alemão é “mácula muito grande”.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: afeto, tradição, luto, família, sagrado, identidade, herança, preconceito e opressão. Acrescentou “tristeza” por lembrar a época.

Dentre as **situações propostas**, respondeu a “para despedir-se de alguém” com “zay gezint”, “algo te dá muito orgulho” com “mazal tov”, “você chega e não entende o que está acontecendo” com “vuz iz geshelt”, “alguém te conta uma bobagem/mentira” com “er iz a ligner”, “você tem pena de alguém” com “oy veyz mikh”, “você quer que alguém se cale/faça silêncio” com “shtil”, “alguém toma remédio, mas você acha que não vai adiantar” com “oy va voy” e “você cumprimenta alguém” com “zay gezint”.

Dentre 10 palavras propostas em português **soube traduzir**: pai, médico, estudante (como “lerer”) e doente. Não soube filha, sapato, rua, inteligente, bonito e triste.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: knaker, mekhule, moykhl, oyrekh, paskudne (como paskidene), plyotke, tshatkes, shmendrik, shtupn, tsimes.

Conhece: zay gezunt/a bi gezunt (também como zay gezint/a bi gezint), alter kaker, baleboste (como balebuste), bisl, bobe, bobele (para “avozinha”), draykopf (literalmente), drek (para “merda”), eppes, farstunkener (para “deplorável”), fayfer (para “pessoa que conta vantagem”), feh, feygele, flayshig, folksmentsh, fres (para “gulosa”), frum (como frim, para “estrangeira”), ganef (para “ladrão”), gelt, gevalt, gezunterheyt, gornisht, Got, goy, grob, hak a tshaynik (para “irritar”), halva, heymish, homentash, kalike (para “desastrado”), keyn enore, khas vesholem, khutspe, kindele, kishke (para “rim”), klap, knaker (para “tapa” ou “batida”), kopardreyenish (para “pessoa que não tem a cabeça no lugar”), kosher, koved, krekhts, krenk (para “coisa ruim”), krepkeh, krikh arayn in di beyner (literalmente), kugl (como kigl), kurve, kvetshn (para “reclamar”), latke, leyen (para “ler”), litvak (para “nativo de algum lugar”), loksh, luftmentsh (para “pessoa distraída”), makher, mameloshn, mame, mamzer (para “pessoa não confiável”), matse, mazek, meydil, melamed (para “sábio”), mentsh (para “homem”), meshuge, metsie (para “favor”), milkhik, mish-mash, mishpokhe, Moyshe kapoyer, nafke, nakhes, nar, nash (para “gulosa”), nebekh (para “nunca”), nefesh (para “alma”), nu?, nudnik, oy vey (também como “oy veyz mikh”), oysgematert (literalmente “desfeito”), oytser, pareve (como parve), patshke (para “pato”), pekl, pisher, pisk (para “boca”), pitsl (para “pequeno”), plats (para “lugar”), pletsl, prost, pushke (como pishke para “bolsa”), pots, rakhmones, rebbe, seykhil, Shabes, shadkhn, sheygets (para “vagabundo”), shidekh (para “casamenteira”), shiker, shikse (para “empregada”), shleper (para “pessoa desleixada”), shlimazl (para “sem juízo”), shmalts, shmate, shmok, shmuts, shnayder (para “alfaiate”), shnorer (para “pão-duro”), shtik, shtunk (como shtink), shul (para “escola”), shvarts, shvits, simkhe, takhles (para “doação”), talmed

khokhem (para “aluno inteligente”), tate, tokhes (como tukhes), tsadik (para “sábio”), tseydreyt, tsitser (para “seios”), tsores, yarmilke, yeke (para “alemão”), yente (para “tia”), yontev, yortsayt (para “aniversário”), zets e zeyde.

Não usa nenhuma.

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO N. – 36 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai, 3ª geração nascida no Brasil. Fala inglês, espanhol e um pouco de hebraico.

Mãe sem ascendência ashkenazita.

Pai nascido em Belo Horizonte, não sabe ídiche, mas avó falava um pouco com ele.

Avó paterna nasceu em Belo Horizonte, falava ídiche e usava na comunidade.

Avô paterno nasceu no Brasil, N. acha que no Rio de Janeiro, não falava ídiche.

Famílias dos avós foram das primeiras a chegar a Belo Horizonte, talvez já se conhecessem antes de vir. Bisavós chegaram durante a 1ª Guerra Mundial, vindos da Palestina.

N. acha que o ídiche ainda é falado dentro da comunidade, mas não com frequência, por idosos.

Acha que já ouviu, mas poucas vezes, e que o ídiche sofre o mesmo preconceito que tudo que é diferente, nada direcionado à língua especificamente. As gerações mais novas não foram ensinadas, talvez pela vontade dos imigrantes de se adequarem mais ao país e pertencerem.

Não sabe ídiche, gostaria de aprender qualquer língua, mas ídiche não seria prioridade por não ter utilidade. Usa poucas expressões que sabe com amigos judeus. Cita “shikse” e “meshugene” e o “gefilte fish”.

Acha que o ídiche está morrendo, não tem importância em sua vida, mas que deve ser resgatado por constituir informação e cultura.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: obsoleto, família, ironia, identidade e herança e adicionou “passado”.

Dentre as situações propostas, respondeu a “pessoa te conta algo ruim e inesperado” com “oy va voy” e “você quer que alguém se cale/faça silêncio” com “sheket” (hebraico).

Dentre 10 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado e feliz), não soube traduzir nenhuma.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, reconheceu: zay gezunt, baleboste (como balebuste), drash, eydel, fayfer, feygele, gelt, geshmat, gevalt, halva, heymish, homentash, khas / khas vesholem, khutspe, kishke, koved, kveln, loksh, mame, mamzer, mazek, medine, meydl, melamed, mentsh, mish-mash, mishpokhe, nafke, nakhes, nefesh, patshke, pisher, pitsl, plats, prost, pushke, seykhil, sheytl, shlak, shmate, shtunk, shul, shvits, tukhes, tsadik, yontev e zeyde.

Conhece: balagan, bobe, bobele (para “avozinha”), gezunterheyt, goy, kindele, kosher, kreplekh, kugl, latke, matse, meshuge, nu? (pai fala de vez em quando), oy vey, pletsl, rebbe, Shabes, shidekh (para “encontro”), shikse (para “empregada doméstica”), shleper, shmok, simkhe, yente, yortsayt.

Usa: goy.

Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO O. – 39 anos

Reconhece algumas palavras porque fala hebraico.

Mãe não-judia.

Pai judeu mestiço ashkenazita e sefardita. Família sempre seguiu mais a tradição sefardita.

O. não sabe qual foi a língua falada por seu pai durante a criação, mas ele tem português como língua materna. Imagina que os avós tenham se comunicado em francês, que os dois dominavam.

Avó paterna de etnia sefardit, veio da Turquia com os pais aos 18 anos, na década de 1930, O. não sabe porque, mas acha que foi por perseguição. Falava francês e turco. Conheceu o marido em Porto Alegre. Não tem ligação com ídiche.

Avô paterno ashkenazita francês. O. não o conheceu, acha que veio a trabalho e sozinho.

Não conhece qualquer pessoa mais nova que se interesse pelo ídiche.

Sabe que o ídiche é utilizado por algumas pessoas na reza, mais como tipo de pronúncia, já que as rezas são em hebraico.

Atribui o desaparecimento do ídiche à recuperação do hebraico.

Gostaria de aprender ídiche como gostaria de aprender qualquer língua, mas não seria prioridade. Acha mais importante aprender melhor inglês, francês, espanhol. Disse que aprenderia se fosse possível “por osmose”.

Acha que não usa o ídiche em momento algum.

Ouviu de um amigo a frase “angebunden schwarz ist nicht mehr da”, como piada, mas não sabe se é ídiche ou alemão.

Conhece os xingamentos “pots” e “shmok”. Além disso a expressão “goy”, que explica ser usada no feminino como “goya” apesar de saber ser uma versão brasileira.

Acha que o ídiche está morto, e não atribui importância para sua vida. Não sabe dizer se deve ser resgatado, acha legal ser preservado por questões culturais.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: tradição, obsoleto, segredo, identidade, preconceito. Adicionou as palavras: sobrevivência e resistir.

Dentre as situações propostas, só soube responder a “alguém te conta uma bobagem/mentira” com os xingamentos “shmok” e “pots”.

Não soube traduzir as 10 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado, feliz).

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, reconheceu: bobe, homentash, hu-ha! (mas associa ao semelhante em português), mameloshn, mazek, mish-mash, nefesh, sheytl, shleper, shnayder, tokhes (professor de krav-magá usa muito), tsores, yente, yontev e zeyde. Conhece: kindele (sabe que se usa a terminação -le), mame (foi mencionado na seção anterior), matse, nu?, pots, reb/rebbe/rov, shikse (com significado diferente da versão americana, como “faxineira”), shul (foi mencionado na seção anterior), shvarts, tsadik e yortsayt. Usaria: balagan (no grupo de whatsapp com outros brasileiros que estiveram juntos em Israel), meshuge, shmok. Usa: goy (com quem sabe que também usa, como senhores mais velhos), halava e kosher. Não reconhece as demais.

ENTREVISTADO P. – 74 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai (França) e sefardita por parte de mãe (Turquia). Família seguiu mais cultura sefardita. Primeira geração nascida no Brasil.

Sabe francês, ladino (por isso espanhol) e lê inglês.

Mãe falava turco, ladino (em casa) e francês. Veio com os pais da Turquia para Porto Alegre em agosto de 1931, na época em que a Turquia era aliada da Alemanha. Já havia segregação e desemprego de judeus. Irmão já havia vindo para o Brasil. Família eliminou o turco do lar assim que chegou ao Brasil.

Avó materna falava turco, ladino e francês.

Avô materno falava as mesmas línguas que a esposa e foi professor de francês na Turquia. Casal veio com a filha para Porto Alegre, onde abriram um armazém, que não foi bem sucedido. Depois vieram para Belo Horizonte quando a filha se casou.

Pai falava francês (em casa) e alemão (ensino exigido pelo governo). Entendia ídiche por causa do alemão. Parte da família falava ídiche. Veio sozinho para Porto Alegre em 1930, escolhido pela empresa francesa onde trabalhava como representante comercial por ter morado na Venezuela durante 5 anos e aprendido espanhol. Trabalhou no circuito São Paulo-Rio Grande do Sul. Veio com a esposa para Belo Horizonte quando contraiu tuberculose, para tratamento.

Avó paterna falava francês (em casa) e alemão. Era da Alsácia e P. acha que devia saber ídiche, já que a língua era usada para os ritos antes da adoção do hebraico. Morreu quando o filho tinha 8 anos.

Avô paterno falava francês (em casa), alemão e ídiche, nos ritos.

P. acha que o ídiche ainda é utilizado em Belo Horizonte, mas por muitos poucos de uma geração que vem se esgotando, principalmente através de expressões para as quais não há correspondências exatas em português. Relata que até os anos 1950 o ensino do ídiche litúrgico era forte ainda, com ensino em escola criada em 1929. Houve um grupo de estudo da língua nos anos 1990, que durou aproximadamente um ano. Acha que o ídiche sofreu preconceito durante a guerra porque os falantes eram vistos como alemães. Conta história de restaurante que foi destruído no centro da cidade, possivelmente na rua dos Caetés, onde estava grande parte do comércio judeu e árabe. Acha que a fundação de Israel e escolha do hebraico como língua oficial dos ritos foi a grande responsável pela perda do ídiche. As gerações que dominavam mas não transmitiam utilizavam ídiche para discutir assuntos sem que os filhos entendessem.

P. diz entender algumas expressões em ídiche, mas não gostaria de aprender. Usa expressões às vezes em meio aos pares, em conversas. Tem alguns discos de música e livros de provérbios em ídiche (com tradução). Também tem versões traduzidas para o português de poesias, cantigas, orações. Sabe os insultos “mishugene” e “pots” e a palavra “goy”.

Pensa que o ídiche em Belo Horizonte está morrendo. Para ele, a única importância da língua diz respeito à literatura e música, mas acha que a língua deve ser resgatada por ser muito rica.

Associa o ídiche a quase todas as palavras dentre as propostas, sendo elas: afeto, tradição, luto, família, segredo, sagrado, informal, ironia, intraduzível, identidade, herança e preconceito. Só excluiu: obsoleto e opressão. Acrescentou: humor, estado de vida, ser humano, ironia do destino/da vida.

Dentre as **situações propostas**, só soube responder “você cumprimenta alguém” com “a git yur”.

Dentre 10 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado, feliz) **soube traduzir** mercado (como shuk) e sinagoga.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposto, **reconheceu**: zay gezunt/a bi gezunt, balagan, bisl, bobe (como bube), drek, epes/eppes, farbisen, fayfer, feygele, fonfen/fonfer, ganef, gevalt!, glitsh, Got, hak a tshaynik, heymish, kalike, khas/khas vesholem, kibets, kindele, kitl, klap, koved (como kuved), krikh arayn in di beyner, kune leml, kurve, loksh, mazek, melamed, mish-mash/mish-mosh, mishpokhe, nakhes, oy (de oy vey), oyrekh, oytser, pitsl, plats, reb/rebbe/rav, shadkhn, shatkes/tsatske/tshathkes, sheytl, shlak, shleper, shmok, shvarts, takhles, tareram/terraram, tsadik, tsores (como tsures), zeyde e zhlob. **Conhece**: gelt, goy/goyish, halava/halva, kosher (como kusher), koved (como kuved), kreplekh, kugl, mame, matse, megile (para “bagunceiro”), meshuge, pots, Shabes, shikse (como pejorativo para “mulher negra” ou “doméstica”), shtik/shtikl (para “vilarejo”), shul (como shil), tokhes (como tukhes), yeke, yontev e yortsayt (como yurtsayt). **Não usa nenhuma. Não reconhece as demais.**

ENTREVISTADO S. – 84 anos

Descendente ashkenazita por parte de pai e mãe, 1ª geração nascida no Brasil, no Rio de Janeiro. Veio para Belo Horizonte aos 20 anos, quando se casou com cônjuge não judeu. Morou novamente no Rio de Janeiro entre 1960 e 1962. Fala inglês, entende algo de francês, alemão e ídiche, que falava com tio que sobreviveu aos campos de extermínio e com avó materna. Nunca frequentou sinagoga ou exerceu atividades judaicas.

Mãe nascida na Polônia, tinha polonês e ídiche como línguas maternas. Morreu aos 47 anos, veio para o Brasil antes do marido, que conheceu no Rio de Janeiro. Fazia em casa comidas judaicas. Falava com marido em ídiche, e ele respondia em alemão.

Avó materna falava ídiche e pouco português, morava com tia, com quem S. acha que conversava em ídiche.

Não sabe o nome do avô materno, só que morreu aos 36 anos e teve 16 filhos.

Pai nascido em Dortmund em 1910 de pais poloneses, não tinha cidadania alemã, mas S. acha que tinha alemão como língua materna. Não falava ídiche. Primo tem sobrenome diferente, e S. acha que pode ter ocorrido erro no registro do pai, que se naturalizou brasileiro. Havia fugido da Alemanha em direção à Holanda, de onde emigrou para o Brasil, S. estima em cerca de 1933. Intencionava ir para Buenos Aires, mas no navio conheceu irmão de quem viria a ser sua esposa, que o convenceu a ir para o Rio de Janeiro. Na Holanda, trabalhava como designer de vitrines. No Brasil, trabalhou como comerciante. Conversava em alemão com os amigos no Brasil. Trouxe os pais e uma das irmãs para o Brasil.

Avó paterna nascida na Polônia, faleceu em cerca de 1943, nunca aprendeu português.

S. não tem informações sobre o avô paterno e não sabe se os avós paternos falavam ídiche.

Acha que o ídiche está morrendo e se perdeu no Brasil por causa da miscigenação e assimilação. Entende a língua falada, mas nunca usa. Defende que seja resgatada, porque “qualquer língua é história”.

Associa o ídiche às seguintes palavras dentre as propostas: afeto, tradição, obsoleto, família, segredo, herança, preconceito e adicionou “saudade de ouvir e da família”.

Dentre as situações propostas, respondeu a “para despedir-se de alguém” com “a gite nakht”, a “você chega e não entende o que está acontecendo” com “vuz iz diz”, e a “você tem pena de alguém” com “oy vay mir”.

Dentre 10 palavras propostas em português (mãe, avô, tio, sinagoga, professor, mercado, escola, cansado, azarado e feliz), **soube traduzir**: mãe e escola (shule). Não soube as outras.

Dentre as palavras em ídiche às quais foi exposta, **reconheceu**: balagan, fartshadet, fayfer, gevalt, kishke, kreplekh, nakhes, plats, seykhil, sheygets, shidekh, shmok, tsimes, yortsayt, zeyde.

Conhece: bisl, bobe, bobele (para “avozinha”), drek, epes/epes, farshtunkener, feygele, finf, flayshig, fres, ganef, gelt, geshmat (para “trapo”), gezunterheyt, gornisht, Got, goy/goyish, grob, halava, heymish, kindele, klap, kosher, kugl, kurve, latke, loksh, mame, matse, mazek, medine, meydil, mentsh (para “pessoa”), meshuge, mishpokhe (para “parente”), nokhshleper (para “mendigo”), oy vey, pekl, pitsl, rebbe, Shabes, shiker, shikse (para “empregada” ou “nativo”), shleper (também para “manco”), shmalts, shmate, shmuts, shnayder, shnorer, shtik, shtunk (como shtink), shul (para “colégio”), shvarts, shvits, simkhe (para “benção”), tate, tokhes (também como tukhes), tsores (como tsukhes), vits (para “notícia boa”), yeke (mãe falava do pai), yontev e zets.

Não usa nenhuma.

Não reconhece as demais.

APÊNDICE B – Questionário sociolinguístico e semântico-lexical

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO		Data	Nº
Nome			
Endereço			
Telefone		E-mail	
Profissão		Sexo / gênero	
Escolaridade			
Data de nascimento		Local de nascimento	
Estado civil			
Línguas que sabe			
Língua na qual se expressa melhor			
Geração no Brasil	Materna	Paterna	
Origem			
Data da chegada			
Cônjuge			
Língua materna			
Língua falada no lar onde cresceu			
Ídiche	fala	entende	se interessa
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com quem usa / usava			
Em que contexto / com que propósito			
História Familiar			

Mãe

Língua materna

Língua falada no lar onde cresceu

Ídiche

fala

entende

se interessa

Com quem usa / usava

Em que contexto / com que propósito

História Familiar

Avó materna

Língua materna

Língua falada no lar onde cresceu

Ídiche

fala

entende

se interessa

Com quem usa / usava

Em que contexto / com que propósito

História Familiar

Avô materno

Língua materna

Língua falada no lar onde cresceu

Ídiche

fala

entende

se interessa

Com quem usa / usava

Em que contexto / com que propósito

História Familiar

Pai

Língua materna

Língua falada no lar onde cresceu

Ídiche

fala

entende

se interessa

Com quem usa / usava

Em que contexto / com que propósito

História Familiar

Avó paterna			
Língua materna			
Língua falada no lar onde cresceu			
Ídiche	fala	entende	se interessa
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com quem usa / usava			

Em que contexto / com que propósito

História Familiar

Avô paterno			
Língua materna			
Língua falada no lar onde cresceu			
Ídiche	fala	entende	se interessa
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com quem usa / usava			

Em que contexto / com que propósito

História Familiar

Familiares	parentesco	fala	entende	se interessa
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Ídiche na comunidade

O ídiche é utilizado na comunidade?

Por quem?

Em que situação ou contexto?

Há algum grupo ou evento periódico específico da língua na comunidade?

O ídiche sofreu/sofre algum preconceito? Foi/é mal visto?

Por que ele parou/está parando de ser falado?

Conhecimento de ídiche do participante

Lê Escreve Fala Entende

Sabe Não sabe Gostaria de aprender

Como / com quem aprendeu

Com quem fala / usa

Onde fala / usa

Usa	sempre	às vezes	nunca
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Propósito do uso

Cantar

Conversar

Xingar

Ocultar

Outros

Tipo de contato Qual

Música

Literatura

Imprensa
escrita

Rádio / podcast

Outros

Conhece

Provérbios

Poesias

Cantigas

Contos

Orações

Xingamentos e insultos

Outros

Status

O ídiche está

vivo

morrendo

morto

Importância do ídiche
na sua vida

grande

pequena

nenhuma

Deve ser resgatado

sim

não

não sabe

Associações

- afeto
- tradição
- luto
- obsoleto
- família
- segredo
- sagrado
- informal
- ironia
- intraduzível
- identidade
- herança
- preconceito
- opressão
- outros

Outras considerações



QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL TIPO A	Data	Nº
Nome		
SITUAÇÕES	EXPRESSÕES ESPERADAS	
Comida te dá nojo	<input type="radio"/> <i>Feh!</i>	
Pessoa começa a contar história e para, você quer saber o resto	<input type="radio"/> <i>Nu?</i>	
Pessoa te conta algo ruim e inesperado	<input type="radio"/> <i>Oy vey...</i> <input type="radio"/> <i>Goyish</i>	
Para despedir-se de alguém	<input type="radio"/> <i>Zai gzunt / a bi gzunt</i>	
Algo te dá muito orgulho	<input type="radio"/> <i>Nachas!</i> <input type="radio"/> <i>Mazel tov!</i>	
Você chega e não entende o que está acontecendo	<input type="radio"/> <i>Vuz machs da?</i>	
Alguém não acredita no que você disse	<input type="radio"/> <i>Mamish!</i>	
Alguém fez um ótimo discurso sobre a Torah	<input type="radio"/> <i>Shkoiach!</i>	
Alguém te conta uma bobagem / mentira	<input type="radio"/> <i>A nekhtiker tog</i> <input type="radio"/> <i>Bobe-mayse</i> <input type="radio"/> <i>bobkes</i>	
Criança faz algo de errado	<input type="radio"/> <i>bandit!</i>	
Você tem pena de alguém	<input type="radio"/> <i>nebekh!</i>	
“Obrigado por nada!” expressão irônica	<input type="radio"/> <i>A sheinm dank in pupik!</i>	
Você quer que alguém se cale / faça silêncio	<input type="radio"/> <i>sha!</i>	
Você acha que não precisava de tanto alvoroço	<input type="radio"/> <i>tareram!</i>	

Alguém toma um remédio, mas você acha que não
adianta

*es vet helfn vi a toytn
bankes*

Você cumprimenta alguém

vi geyts?

TRADUÇÕES	
PORTUGUÊS	ÍDICHE
Mãe	<input type="radio"/> <i>mame</i>
Pai	<input type="radio"/> <i>tate</i>
Avô	<input type="radio"/> <i>zeyde</i>
Filha	<input type="radio"/> <i>tokhter / tekhter</i>
Tio	<input type="radio"/> <i>feter</i>
Sapato	<input type="radio"/> <i>shukh</i>
Sinagoga	<input type="radio"/> <i>shul</i>
Médico	<input type="radio"/> <i>doktor / dokter</i>
Professor	<input type="radio"/> <i>lerer</i>
Estudante	<input type="radio"/> <i>talmide</i>
Mercado	<input type="radio"/> <i>mark</i>
Rua	<input type="radio"/> <i>gas</i>
Escola	<input type="radio"/> <i>shul / shule</i>
Inteligente	<input type="radio"/> <i>klug</i>
Cansado	<input type="radio"/> <i>mid</i>

Doente *krank*

Azarado *shlimazl*

Bonito *sheyn*

Feliz *freylekh / gliklekh*

Triste *troyerik / batribt*

Sol *zun*

Chuva *regn*

Vento *vint*

Flor *blum*

Cachorro *hunt*

Gato *kats*

Batata *bulbe*

Pão *broyt*

Carne *fleysh*

Bolo *kukhn*

Ovos *aii*

Agora *atsind / itst / itster / yetst*

Amanhã *morgn*

Ontem *nekhtn*

Noite *nakht*

Dia *tog*

Domingo *zuntik*

Quarta-feira *mitvokh*

Hora *sho*

Ler *leyenen*

Comprar *aynkoyfn*

Livro *bukh*

Língua *shprakh / loshn*

Trabalho *arbetn*

Sorte *mazl, glik*

Amigo *fraynd*

Mulher

froy

Festa

simkhe

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL TIPO B					Data	Nº
Nome						
PERCEPÇÕES						
Expressões / palavras	reconhece	sabe	usa	n/a	português	
<i>zay gezunt / a bi gezunt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tchau	
<i>a nekhtiker tog</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	“sem chance”, “de jeito nenhum”	
<i>agode / hagode</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	fábula, história	
<i>alter kaker</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	expressão ofensiva	
<i>balagan</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	bagunça	
<i>baleboste</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	dona-de-casa	
<i>bisl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	um pouco	
<i>bobe</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	avó	
<i>bobele</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	querido	
<i>davn</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	rezar	
<i>drash</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	explicação complexa de texto bíblico	
<i>draykopf / dreykop</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	alguém que te confunde, confuso, mentiroso	

<i>drek</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	lixo, horrível
<i>epes / eppes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	um pouco, alguém
<i>eydel / eydl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	refinado, modesto, tímido
<i>farbisl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa amarga
<i>farblondzhet</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	perdido
<i>farpatshket / farpotshket</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mal feito, mal consertado
<i>farshtunkener</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	fedido
<i>fartshadet</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	confuso, com dor de cabeça, inebriado, surpreso
<i>fayfer</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa que fala alto, mal educada
<i>feh!</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	expressão de nojo
<i>feygele</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	passarinho
<i>fin / finf / finif</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	cinco
<i>flayshig / flayshedig / fleyshik</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	carne
<i>folksmentsh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa humilde, honesta

<i>fonfen / fonfer</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	preguiçoso, desonesto, de fala nasalizada
<i>frask</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tapa
<i>fres</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	devorar
<i>frum</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	religioso
<i>ganef</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa desonesta, esperta
<i>gelt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	dinheiro
<i>geshmat</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	judeu convertido ao cristianismo
<i>gevalt!</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	cuidado!
<i>gezunterheyt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	saúde, boa viagem
<i>glitsh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	escorregar
<i>gornisht</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	inútil / desnecessário
<i>Got</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	deus
<i>goy / goyish</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	não-judeu
<i>grob</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mal educado, ignorante
<i>hak a tshaynik</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	falar bobagem, irritar

<i>halava / halva</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	específico doce típico
<i>hey mish</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ambiente confortável
<i>homentash</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	específico doce típico
<i>Hotseplots</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	expressão para lugar longe
<i>hu-ha!</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	expressão de surpresa, admiração
<i>in mitn drinen / in mitske drinen</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	de repente, sem razão
<i>kalike</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa deficiente, desastrada
<i>keyn enore</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	palavra usada para reverter azar, palavra para expressar pureza (graças a deus)
<i>khaloshes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	expressão de repulsão
<i>khas / khas vesholem</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	“deus me livre”
<i>khmalye</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	golpe forte
<i>kholerye</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mulher malvada, expressão para desprezar algo dito em seguida
<i>khutspe</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	arrogância, presunção

<i>kibets</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	jogar conversa fora, aconselhar sem que o outro queira
<i>kindele</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	carinhoso para criança
<i>kishke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	intestino, linguíça, mangueira
<i>kitl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	vestes específicas do cantor em dias sagrados
<i>klap</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	bater, falar demais
<i>klots</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa estranha, desastrada
<i>knaker</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa de sucesso, peessoa exibida
<i>knish</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prato específico, recompensar em vez de punir, vagina
<i>kokhlefl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	colher, peessoa intrometida, peessoa proativa, criança inteligente
<i>kopdreynish</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	algo difícil, algo inteligente e impressionante
<i>kosher</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	cashier
<i>koved</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	honra, glória
<i>krekhsts</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	reclamar

<i>krenk</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	doença
<i>kreplekh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prato específico
<i>krikh arayn in di beyner</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	enfurecer alguém
<i>kugl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prato específico de forma redonda
<i>kune leml</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa simples
<i>kurve</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prostituta
<i>kveln</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	se gabar, estar muito orgulhoso
<i>kvetshn</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	esmagar, não fazer nada, reclamar, relutar
<i>laks</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	salmão defumado
<i>latke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prato específico
<i>leyen</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ler a Torah no serviço religioso
<i>litvak</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	judeu da Lituânia, pessoa erudita mas pedante, pessoa cética, pessoa esperta
<i>loksh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	spaguetti, pessoa magra, dólar

<i>luftmentsh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> pessoa distraída, inocente, sonhadora, pessoa que não trabalha </p>
<i>lump</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> pessoa que não trabalha, que assedia, ignorante </p>
<i>makher</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> pessoa de ação </p>
<i>makes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> nada </p>
<i>mameloshn</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> língua materna (ídiche) </p>
<i>mame</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> mamãe </p>
<i>mamzer</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> bastardo, pessoa não confiável, pessoa teimosa, esperta, imprudente, irreverente, detestável </p>
<i>matse</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> tipo específico de pão </p>
<i>mazek</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> pessoa esperta, que arrisca, habilidosa, de bom humor </p>
<i>medine</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> área </p>
<i>megile</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<p> algo longo e prolixo </p>

<i>meydl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mulher jovem
<i>mekhule</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mal sucedido
<i>melamed</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	professor, incompetente
<i>mentsh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	cavalheiro, pessoa responsável
<i>meyvn</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	sabe-tudo, expert
<i>meshuge</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	loucura
<i>metsie</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	barganha
<i>milkhik</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	de leite
<i>mish-mash / mish-mosh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	confusão
<i>mishpokhe</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	família
<i>moykhl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	perdoar, “não, obrigado”
<i>Moyshe kapoyer</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa “do contra”
<i>mutshen</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	atormentar, assediar, lutar para sobreviver
<i>nafke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prostituta
<i>nakhes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	orgulho

<i>nar</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tolo, palhaço
<i>nash / nosh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	lanchinho
<i>nebekh / nebekhl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	coitado!
<i>nefesh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa inocente, inconsequente, covarde, pessoa, alma
<i>nokhshleper</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	alguém que segue outro, dependente de outro
<i>nu?</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	e? que?
<i>nudnik / nudzh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa irritante, entendiante
<i>oy vey...</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	“ai meu deus”, “nossa!”
<i>oyrekh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	convidado
<i>oysgematert</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	exausto
<i>oysvorf</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa antissocial, inútil, ingrata
<i>oytser</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tesouro
<i>parekh / parkh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa desagradável, não confiável, ingrata
<i>pareve</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	alimento sem carne ou leite

<i>paskudne</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ruim, desagradável, antipático
<i>patsh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tapa, insulto
<i>patshke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	perder tempo, sujar
<i>pekl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pacote, problemas, grávida, corcunda
<i>pisher</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa inexperiente, insignificante, que urina na cama
<i>pisk</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa eloquente, boca de animal
<i>pitsl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pedacinho, bebê
<i>plats</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	lugar, explodir, se enfurecer
<i>pletsl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prato típico específico
<i>ploysher</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa fofoqueira, peessoa que exagera ao se gabar
<i>plyotke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	fofoca
<i>prost</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	vulgar, simples
<i>pushke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	cofre, lata
<i>pots</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa desagradável, tola, inocente, pênis

<i>rakhmones</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	compaixão
<i>reb / rebbe / rov</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	rabino
<i>seykhl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	bom senso, inteligência
<i>Shabes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	sábado
<i>shadkhn</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	casamenteira profissional
<i>shatkes / tsatske / tshathkes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	objeto de valor sentimental, mas considerado inútil por outros, brinquedo
<i>sheygets</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	criminoso, violento, arrogante, garoto não-judeu
<i>sheytl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peruca
<i>shidekh</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	casamento arranjado
<i>shiker</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	bêbado
<i>shikse</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mulher não-judia
<i>shlak</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	inferior, barato, pessoa desagradável, reclamona, mal, azar

<i>shleper</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa desleixada, ladrão
<i>shlimazl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	azarado, desastrado
<i>shlumper</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa que puxa- saco
<i>shmalts</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	gordura
<i>shmate</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pano / tecido, trapo
<i>shmendrik</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa fraca, afetuoso para criança, pênis
<i>shmirn</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	subornar
<i>shmok</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	expressão de ofensa, pênis
<i>shmutz</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	sujeira
<i>shnayder</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	alfaiate, aquele que ganha no jogo
<i>shnorer</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pão-duro, pedinte, peessoa que barganha
<i>shnoz / shnoyz / shnozl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	nariz, nariz grande
<i>shtik / shtikl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tique, pedaço, truque
<i>shtunk</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	peessoa desagradável, suja, bagunça, mau cheiro

<i>shtupn</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	fornicar, empurrar
<i>shtus</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	sem sentido, escândalo, bobagem
<i>shul</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	sinagoga
<i>shvarts</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	preto
<i>shvits</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	suar
<i>simkhe</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	ocasião prazerosa, festa
<i>takhles</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	objetivo
<i>talmed</i> <i>khokhem</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	conhecedor do Talmud
<i>tareram /</i> <i>terrarom</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	onomatopeia para “grande coisa”,
<i>tate</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	papai
<i>tayvl</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	diabo
<i>tokhes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	traseiro
<i>trombenik</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa gulosa, preguiçosa, parasita, falsa, músico itinerante

<i>tsadik</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	homem correto, sagrado
<i>tsedreyt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	confuso, louco
<i>tsedudlt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	confuso, louco
<i>tsetumlt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	confuso
<i>tshepen</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	provocar, tocar
<i>tsimes</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	prato específico, processo longo, problemas
<i>tsitser</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa que não participa, mas observa, lamenta
<i>tsores</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	problemas, preocupações
<i>tsutshepenish</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	irritante, obsessão, persistente
<i>tumler</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	barulhento, palhaço
<i>vits</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	piada
<i>yarmlke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	kippa
<i>yeke</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	judeu alemão
<i>yente</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	mulher fofqueira
<i>yold</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	tolo, pessoa simples

<i>yontev</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	feriado, celebração
<i>yortsayt</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	aniversário de morte
<i>zaftik</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	suculento, provocativo
<i>zets</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	golpe forte, sentar-se
<i>zeyde</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	avô, homem velho
<i>zhlob</i>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	pessoa mal educada, insensível